

montando gisele  
montando gisele  
montando gisele  
montando gisele  
montando gisele

# montando do gisele

O trabalho de conclusão de curso parte da ideia de desenvolver uma persona artística drag para assinar os trabalhos do autor. Para isso, foi utilizado o método de escrivência elaborado por Conceição Evaristo para analisar a trajetória que deu origem aos trabalhos que a persona assina. Em seguida, foi feita uma revisão bibliográfica a respeito das ideias de persona e drag, analisando seu histórico no mundo e no Brasil, além de seus encontros com as artes visuais. Também foi realizada a experimentação para a construção da persona, a partir da fotoperformance em testes com maquiagem. O trabalho se finaliza reconhecendo a voz dessa persona, para que ela se elabore por meio do que foi apresentado.

Lucas Abrão da Silva

**montando gisele:**  
fotoperformances para a construção de uma persona

# montando gisele:

fotoperformances para a construção de uma persona

Lucas Abrão da Silva



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO MESQUITA FILHO"  
INSTITUTO DE ARTES

LUCAS ABRÃO DA SILVA  
**Montando Gisele: fotorperformances para a construção de uma persona**

São Paulo - SP  
2025

Ficha catalográfica desenvolvida pela Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

---

S586m Silva, Lucas Abrão da, 2003-

Montando Gisele : fotoperformances para a construção de uma persona / Lucas Abrão da Silva. – São Paulo, 2025.  
549 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Leandro de Oliva Costa Penha.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) –  
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo.

1. Personas (Personagens). 2. Performance drag. 3. Arte. 4. Performance (Arte). 5. Fotografia. 6. Estudantes universitários - Narrativas pessoais. I. Penha, Leandro de Oliva Costa. II. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo. III. Título.

CDD 792.72

---

Bibliotecária responsável: Luciana Corts Mendes - CRB/8 10531

## **Montando Gisele: fotoperformances para a construção de uma persona**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do título de Bacharelado em Artes Visuais.  
Orientador: Prof. Dr. Leandro de Oliva Costa Penha

São Paulo - SP  
2025

LUCAS ABRÃO DA SILVA

**Montando Gisele: fotoperformances para a construção de uma persona**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do título de Bacharelado em Artes Visuais.

Trabalho de conclusão de curso aprovado em: 25 / 11 / 2025

**Banca examinadora**

---

Prof Dr Leandro de Oliva Costa Penha  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” —  
Orientador

---

Profª Drª Renata Pedrosa Romeiro  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

---

Me T. Angel  
Universidade de São Paulo

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, que sempre esteve do meu lado e me apoiou em boa parte das minhas decisões. Mesmo que ela ache o que eu fiz aqui pouco ortodoxo, ela é um exemplo de força e coragem, na delicadeza.

Agradeço minhas amigas, com quem sempre posso contar e me levaram para festas boas, ruins e shows de drag maravilhosos. Um destaque para Bia de São Paulo, que leu tudo aqui e fez uma revisão de português básica.

Agradeço ao meu namorado, Matheus, porque dividir a vida homossexual com você é ótimo. Obrigado por me apoiar emocionalmente e profissionalmente. Te amo muito!

Agradeço ao meu orientador, Leandro, que teve muita paciência ao longo desse processo e ajudou muito na concepção e a tirá-lo do mundo das ideias.

Agradeço à RuPaul por ter criado RuPaul's Drag Race e popularizar ainda mais a arte drag, e à Pablla Vittar pelo álbum Corpo Sensual e todo o restante da discografia dela!

Agradeço Desirée Beck, Aimée Lumiere e Spadina Banks, que criaram o melhor estilo de show de drag que existe lá em Salvador e ter trazido para São Paulo. Convido você, leitor, a ir a qualquer edição do Aimeé Drag Show se conseguirem.

Agradeço à Miss Fame, Aquaria, Sasha Velour, DaCota Monteiro, Natasha Princess, Verônica, e todas as outras pessoas que vieram e irão vir dispostas a colocar uma peruca e maquiagem e contribuir para a arte drag.

E por fim, celebro minha capacidade de ter conseguido terminar de escrever mesmo com o universo (trabalho) tendo conspirado contra.

*And I heard that there's a special place  
Where boys and girls can all be queens every single day  
[...]  
Oh mama, I'm just having fun  
On the stage in my heels  
It's where I belong down at the  
Pink Pony Club  
(Pink Pony Club - Chappel Roan)<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup>E eu ouvi dizer que existe um lugar especial/ Onde meninos e meninas podem ser rainhas todos os dias/ [...] / Oh, mamãe, eu só estou me divertindo/ No palco, de salto alto/É onde eu pertencço, lá no/ Pinky Pony Club (tradução do autor).

## RESUMO

O trabalho de conclusão de curso parte da ideia de desenvolver uma persona artística drag para assinar os trabalhos do autor. Para isso, foi utilizado o método de *escrevivência* elaborado por Conceição Evaristo para analisar a trajetória que deu origem aos trabalhos que a persona assina. Em seguida, foi feita uma revisão bibliográfica a respeito das ideias de persona e drag, analisando seu histórico no mundo e no Brasil, além de seus encontros com as artes visuais. Também foi realizada a experimentação para a construção da persona, a partir da fotoperformance em testes com maquiagem. O trabalho se finaliza reconhecendo a voz dessa persona, para que ela se elabore por meio do que foi apresentado.

**Palavras-chave:** persona; drag; montagem; fotoperformance; gênero.

## ABSTRACT

This final course project stems from the idea of developing a drag artistic persona to sign the author's works. To this end, the "*escrevivência*" method developed by Conceição Evaristo was used to analyze the trajectory that gave rise to the works that the persona signs. Following this, a literature review was conducted on the ideas of persona and drag, analyzing their history in the world and in Brazil, as well as their encounters with the visual arts. Experimentation was also carried out to construct the persona, based on photo-performance tests with makeup. The work concludes by recognizing the voice of this persona, so that it can be elaborated through what has been presented.

**Keywords:** persona; drag; get in drag; photoperformance; gender.

Figura 1: Eu e meu pai.....	24	americana Nymphia Wind inspirada pelo figurino do Butô.....	67	Figura 22: <i>Untitled (Facial Hair Transplants)</i> ..	98	Figura 125: Verônica.....	213
Figura 2: Eu e minha mãe.....	26	Figura 13: Leigh Bowery fotografado em 1988 por Werner Pawlock e RuPaul em 1989.....	71	Figura 23: Série Elementar “Lama” (2017) - foto de Keila Sankofa.....	100	Sequência de fotos 126,127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152: Verônica.....	214
Figura 3: Primeiro dia de aula.....	29	Figura 14: Rogéria e Madame Satã.....	74	Figura 24: Nan and Brian in Bed, New York City. 1983. (1983).....	102	Figura 153: DaCota Monteiro.....	243
Figura 4: Eu e minha avó materna na praia de Pereira Barreto.....	35	Figura 15: Paulo Bacellar (Paulette) e Carlinhos do grupo Dzi Croquettes.....	76	Figura 25: Miss Fame.....	107	Sequência de fotos 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180: DaCota Monteiro.....	244
Figura 5 : Rapunzel feita no Paint.....	38	Figura 16: Montação de Shea Coulee para a categoria “Love The Skin You’re In” em RuPaul’s Drag Race All Stars temporada 5 (2020).....	82	Sequência de fotos 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56: Miss Fame.....	108	Figura 181: Natasha Princess.....	273
Figura 6 : Trabalho que apresentam o estilo mangá e trabalho no estilo mais “realista”.....	40	Figura 17: Montação de Vander Van Odd para a categoria Zombies in the Death Valley.....	84	Figura 57: Sasha Velour.....	141	Sequência de fotos 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207: Natasha Princess.....	274
Figura 8: Colagens de looks.....	50	Figura 18: Montagens de Ruby Nox durante a segunda temporada de Drag Race Brasil (2025 ).....	86	Sequência de fotos 58, 59. 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83: Sasha Velour.....	142	Sequência de fotos 208. 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219,	
Figura 9: Trabalho de faculdade feito em 2021 para a disciplina Fundamentos da Linguagem Bidimensional e Linguagem Tridimensional I.....	52	Figura 19: À esquerda Rose Sélavy fotografada por Man Ray e à direita Autorretrato em drag de Andy Warhol.....	88	Figura 84: Aquaria.....	170		
Figura 10: Trabalhos de faculdade feitos em 2023 para as matérias de Linguagem Tridimensional II e Projetos Bidimensionais.....	54	Figura 20: Baronesa Elsa von Freytag-Loringhoven.....	90	Sequência de fotos 85. 86. 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113: Aquaria.....	171		
Figura 11: Manto Tupinambá.....	64	Figura 21: Uhura Bqueer- Monstração <i>Realness</i> .....	92	Sequência de fotos 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123: Esconder sobrance-lhas.....	202		

220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230 231: Teste de boca.....	302
Sequência de fotos 232.233.234, 235, 236, 237, 238, 239: Teste de sobrance- lha.....	328
Sequência de fotos 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252: Teste de olho.....	337
Sequência de fotos 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261: Teste de con- torno e iluminação.....	352
Sequência de fotos 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291: Teste de rosto I.....	365
Sequência de fotos 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304: Teste de delineador.....	397
Sequência de fotos 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411: Testes de rosto II, III, IV, V.....	412
Figura 412: <i>Moodboard</i> .....	522

## SUMÁRIO

<b>1 FACESHOPPING: Iniciando o trabalho de ter outro rosto.....</b>	<b>15</b>
<b>2 LIKE A PRAYER: das origens religiosas aos primeiros passos no cami- nho da desvirtude.....</b>	<b>21</b>
<b>3 WALK ON THE WILD SIDE: persona, história, características da drag e suas aparições na arte.....</b>	<b>57</b>
3.1 FAZENDO HERSTORY: brevíssimo histórico da arte drag...60	
3.1.1 Tupiniqueens, a drag na cultura brasileira.....72	
3.2 METAINCORPORAÇÃO: o corpo que incorpora a meta- morfose e se faz drag.....79	
3.3 ARTPOP: a drag nas artes visuais.....87	
<b>4 SUPERMODEL (YOU BETTER WORK): Construindo Gisele.....</b>	<b>95</b>
4.1 DOS MÉTODOS ESCOLHIDOS.....96	
4.2 MONTANDO, GISELE.....106	
4.3 SETTING THE MOOD, GISELE.....520	
<b>5 REMEMBER WHERE YOU ARE: Chegamos até aqui.....</b>	<b>525</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>533</b>

## 1 FACESHOPPING<sup>2</sup>: Iniciando o trabalho de ter outro rosto

Na canção da artista SOPHIE, há uma reflexão sobre ter o controle da maneira com a qual você se apresenta, fazendo uma metáfora a partir da palavra rosto (*face*), fachada (*front*) e loja/compra (*shop*), questionando assim a ordem da lógica cisheteronormativa proposta por Judith Butler em *Problemas de Gênero* (2017). A lógica cisheteronormativa define que o sexo biológico, atribuído ao nascer pela sua genitália, implica no gênero da pessoa, ou seja, a maneira que ela se apresenta socialmente através de signos socialmente atribuídos àquela genitália, e a consequente atração por alguém do gênero oposto (Butler, 2017). Ao falar de procedimentos estéticos, maquiagem e outros elementos que podem alterar essa lógica, a artista a quebra, tirando o controle sob o seu corpo social e reclamando-o para si, tendo liberdade para se apresentar como bem entender.

O tema da canção tem um ponto de encontro com a questão central que desenvolvo neste trabalho de conclusão de curso de bacharelado em Artes Visuais no Instituto de Artes da UNESP no qual pretendo analisar, não a minha produção, mas quem se apresenta como autor e a assina. A questão apareceu quando

<sup>2</sup>referência à canção de SOPHIE (2018), para contextualização, por se tratar de um trabalho de construção de persona evidencio os trechos elaborados de maneira poética por ela no tom azul.

<sup>3</sup>“Meu rosto é a vitrine da loja/ Meu rosto é a verdadeira fachada da loja/ Minha loja é o rosto que eu represento/ Eu sou real quando compro meu rosto” (tradução do autor).

*“My face is the front of shop  
My face is the real shop front  
My shop is the face I front  
I’m real when I shop my face”  
(Faceshopping - SOPHIE)<sup>3</sup>*

eu, um homem cisgênero e homossexual em situação de armário<sup>4</sup>, comecei a produzir obras que refletissem minhas vivências sob um aspecto *queer*. Estando dentro do armário para a minha família, por questões de segurança física e financeira, eu não queria colocar meu nome associado a esses trabalhos, mesmo que eu gostasse muito deles, do que eles representam para mim e tivesse vontade de expô-los. Sendo assim, precisava de alguém que assumisse essa autoria, uma persona artística. Ótimo, tenho uma resposta para a questão inicial, é só ter uma persona artística. Mas como essa persona artística irá se apresentar para o mundo? Aqui vem a ligação que eu vejo com a música de SOPHIE, minha ideia é analisar a construção da maneira que eu me apresento, exercendo o controle de alterar características corporais pensadas pela artista. Tendo controle sobre a forma que eu me apresento, eu gostaria que a persona criada fosse uma drag<sup>5</sup>.

Ao falar a palavra drag, não estou considerando apenas a drag queen, ou seja, a personificação do feminino, mas também suas variantes que foram surgindo com o tempo, como a drag monster, drag kings, drag queers e assim por diante. Vertentes essas que expandem ainda mais o conceito de drag, indo além das questões de gênero (Filho; Lopes, 2023; Cardoso; Pazzeto, 2022).

Sendo eu, um artista LGBTQIAPN+ que reflete a respeito de questões *queer* em sua produção, fazia sentido que minha persona estivesse associada à comu-

---

<sup>4</sup> Estar no armário é uma gíria LGBTQIAPN+ dada a condição imposta pela cisheteronormatividade de que pessoas fora da norma devem se reapresentar à sociedade como pessoas queer principalmente para a sua família.

<sup>5</sup> Trato a drag no feminino pela sua associação forte à personificação do feminino e uma maneira de quebrar um pouco o masculino neutro.

nidade e às problemáticas propostas pelo *queer*, e sugerisse um estranhamento inicial devido a uma de suas principais características: a transgressão. Como foi elaborado por Guacira Lopes Louro ao falar sobre a figura de uma drag queen no texto *Viajantes pós-modernos* (2018):

Como uma personagem estranha e desordeira, uma personagem fora da ordem e da norma, ela provoca desconforto, curiosidade e fascínio. [...] Perambulando por um território inabitável. confundindo e tumultuando, sua figura passa a indicar que a fronteira está muito mais perto e que pode ser visitada a qualquer momento. Ela assume transitoriedade, ela se satisfaz com as justaposições inesperadas e com as misturas (Louro, 2018, p. 20-21).

A ideia de trabalhar com essa figura que usa o corpo como ferramenta de transgressão que caminha pela fronteira me atrai bastante. É uma maneira de alterar o corpo utilizando maquiagem, roupas, enchimento e outros artifícios para desconstruir e expor como gênero é socialmente construído, assim como a sexualidade, através de signos específicos atribuídos aos gêneros. Esses signos foram parte significativa da minha formação, me interessa desconstruí-los, uma vez que eu me desvio deles.

Além disso, tenho uma relação muito pessoal com a figura da drag, conheci o conceito com Pablo Vittar em 2017, quando o videoclipe de *Todo Dia* (2017) viralizou no *Facebook*. Foi meu primeiro contato com o tema e eu me apaixonei por ela e por sua arte, comecei, também, a acompanhar o trabalho de outras

drags cantoras como Glória Groove e Aretuza Lovi. Minha maior aproximação com a arte drag se deu durante a pandemia em 2020, quando muito entediado e procurando algo para ver me lembrei do reality *RuPaul's Drag Race* (2009 - atualidade). Comecei a acompanhar com muito fervor a franquia em que drags competem para ver quem será a próxima *Drag Superstar*, apresentado por RuPaul, a drag responsável pelo retorno da figura da drag na mídia na década de 1990.

A partir de *RuPaul's Drag Race* comecei a entender melhor os bastidores da drag, como aquela figura se forma e conhecendo histórias muito próximas da minha em diferentes partes do globo, visto que a franquia se expandiu para temporadas fora do contexto norte-americano, incluindo o brasileiro. Todos os aspectos mencionados acima me fizeram querer desenvolver neste trabalho uma drag para assinar meus trabalhos, a qual batizei de Gisele Bitchin, um trocadilho com o nome da Ubermodel brasileira, Gisele Bündchen, com a gíria inglesa *bitchin'* que em tradução livre significa irada.

Para a construção de Gisele, parto do processo de escrevivência, elaborado por Conceição Evaristo (2020), narrado na primeira seção no qual busco, a partir da escrita da minha vivência, trazer uma narrativa que ecoe no coletivo. Sendo, também, uma maneira de entender a produção que quero que Gisele assine, refletindo sobre como as ideias de gênero, sexualidade e arte apareceram na minha vida e no que isso influenciou nas minhas obras.

Em seguida, reflito a respeito da drag e sua origem histórica, questionando-a através de articulações com o conceito de performance e ritual realizadas

por Schechner (2012) e da ideia de corpo-tela desenvolvida por Leda Maria Martins (2021). As suas possibilidades, as questões que a circulam e suas interseções com as artes visuais, uma vez que o primeiro impacto causado pela drag é sempre visual, principalmente a partir dos trabalhos de Igor Amanajás (2023), Joseylson Fagner dos Santos (2014), Sasha Velour (2023), Allan Cardoso e Debora Pazetto (2022), Anna Vencato (2002), Juliana Gonzaga Jayme (2001) e Judith Butler (2017).

A partir daí me dedico à construção visual de Gisele, a partir de fotoperformances. A junção da arte fotográfica com a da performance foi escolhida por entender que a drag lida com a performatividade social seus limiares no palco e no visual, e que, com as redes sociais, a fotografia se tornou um mecanismo de trabalho para maioria das drags, construindo um portfólio online (via Instagram, Facebook e outras redes sociais) como analisado no artigo de Marina Leitão Mesquita (2019) sobre a sociabilidade *online* dessas artistas. A ideia é utilizar a fotoperformance para registrar os bastidores da drag, não apenas seu resultado. Como o objeto de análise é Gisele, convoco Gisele para fazer o encerramento e discorrer sobre as conclusões desse processo de pesquisa, refletindo a respeito do que funcionou, o que não funcionou e quais elementos a constituíram de fato.

## 2 LIKE A PRAYER<sup>6</sup>: das origens religiosas aos primeiros passos no caminho da desvirtude

Para a composição deste capítulo utilizei do processo de escrevivência, elaborado por Conceição Evaristo, que surge da junção dos termos “escrita” e “vivência”, partindo do pessoal e buscando, com isso, abarcar a história de uma coletividade que se identifica com essas experiências de vida (Evaristo, 2020). A ideia de escrevivência tem como foco autoras negras, mas abre a possibilidade de pessoas de outros grupos sociais terem acesso a esse processo por se identificarem com ele e com seus objetivos.

Cogitei utilizar, para a constituição desse capítulo, o método autoetnográfico (Gama, Raimondi, Barros, 2021), em que se parte do sujeito para refletir camadas sociais, cruzando com dados, estatísticas e material teórico; e do relato autobiográfico (Piña, 1999), que consiste em um texto produzido a partir da re-elaboração do passado e que é ressignificado pela memória. Contudo, a escrevivência permite acessar o que me levou a produzir as obras que me estimularam a querer criar uma persona artística, além de dar um contexto do lugar de onde sai esse trabalho de conclusão de curso, ela conversa com a minha produção de maneira muito mais poética. Ademais, pensando na força de identificação das narrativas, como foi colocado por Conceição Evaristo em *A Escrevivência e seus subtextos* (2020):

---

<sup>6</sup> Referência à canção interpretada por Madonna (1989). A ideia é que a música esteja em mente ao longo da leitura do capítulo, se você, leitor, preferir ouvir enquanto lê está mais que convidado. É um jeito de sentir a vibe desse trabalho.

Assim como a escritora ou o escritor ao inventar a sua escrita, pode deixar um pouco ou muito de si, consciente ou inconscientemente, creio que a pessoa que lê, acolhe o texto, a partir de suas experiências pessoais, se assemelhando, simpatizando ou não com as personagens. (Evaristo, 2020, p. 32)

A colocação de Evaristo ecoa na minha relação com as artes de maneira direta, transcendendo a literatura. Quando realizo uma obra, eu penso a respeito de mim, o que me impactou visualmente, sonoramente, o que eu consumi, o que ficou comigo de vários processos de identificação pessoal e visual. Sendo assim, acredito que faz sentido em uma pesquisa em que estou analisando os meus procedimentos artísticos, que são resultados de dinâmicas sociais, utilizar uma metodologia que se baseia na experiência de vida para refletir a respeito de movimentos que ocorrem na coletividade.

Escrevi esse capítulo quase totalmente em um momento de retorno à minha cidade natal, para passar alguns dias de feriados e recesso universitário. Foi importante para mim fazer isso estando na cidade em que cresci porque, apesar de algumas coisas terem mudado, muita coisa permaneceu a mesma. Para escrever realizei um recorte em que penso a respeito das minhas experiências envol-

vendo gênero, sexualidade e arte, de maneira mais ou menos linear, pois estou trabalhando com a minha memória e as coisas não surgem de maneira linear. Início contando um pouco sobre meus pais porque acredito que parte da educação que recebi e das coisas que vivi estejam relacionadas com o contexto de onde eles vieram.

Meu pai nasceu no interior de São Paulo, em Indiaporã, uma cidade bem pequena, em 1960 e algo, nunca tenho certeza. Desde os 12 anos ele se considera o “homem da casa”, pois foi quando meu avô faleceu e ele se viu obrigado a trabalhar para ajudar no sustento da casa. Quando chegou aos 20, ele se mudou para São José do Rio Preto para trabalhar em um banco e começar o curso de Marketing em uma faculdade particular da cidade acreditando que seria promovido. Em algum momento no final dos anos 90, ele conheceu minha mãe.

Figura 1: Eu e meu pai



Fonte: Fotos família Silva, 2003

Minha mãe nasceu em Pereira Barreto, também no interior de São Paulo e também pequena, em 1981, ela cresceu lá e foi onde eles se conheceram em uma festa (que nunca me contaram se era um aniversário, junina ou qualquer outro tipo de comemoração) no sítio em que um tio do meu pai – que era padrinho da minha mãe –, morou e trabalhou até falecer. Nesse momento, ela havia concluído o Ensino Médio e trabalhava em uma clínica odontológica na cidade. Eles se aproximaram e namoraram à distância, trocando cartas, até se casarem em 2002.

Figura 2: Eu e minha mãe



Fonte: Fotos família Silva, 2003

Nasci em 2003, em São José do Rio Preto, interior de São Paulo, quando minha mãe tinha exatamente a minha idade enquanto escrevia esse texto. Assim como meus pais, fui batizado na Igreja Católica. Não tenho muitas lembranças específicas dos meus primeiros anos, acredito que pouca gente tenha. Tenho lembrança de alguns hábitos, tipo ouvir uma historinha antes de dormir, de passar a maior parte do tempo com a minha mãe porque meu pai trabalhava fora o dia todo. Ele havia sido demitido do banco que mencionei anteriormente e está trabalhando como representante comercial de maneira autônoma até hoje, quando meu pai voltava do trabalho eu andava com ele de moto pelo bairro. Meus pais não frequentavam muito a Igreja, mas toda noite rezávamos juntos Pai Nosso, Ave Maria e Santo Anjo, especificamente nessa ordem.

Lembro também que passava alguns dias na casa de uma vizinha que tinha duas filhas que eram adolescentes na época. Elas me deixavam bastante livre, a gente brincava de várias coisas e lembro inclusive de nutrir uma certa admiração pelas bonecas delas. A boneca sempre me chamou a atenção, ela era uma figura muito fascinante, dava para pentear o cabelo, trocar de roupa, ela era mutável, coisa que não acontecia com os brinquedos para meninos. E obviamente, meus pais nunca sabiam de nada disso. A gente se mudou pouco tempo depois que eu comecei a frequentar a escola, para o bairro mais próximo dela, e com isso passei a ter menos contato com as filhas da vizinha.

Não me lembro das minhas primeiras experiências escolares, nem de como conheci meus primeiros amigos. Sei que lá fiz amizade com um grupo de

meninas, com as quais tenho amizade até hoje. Eu sentia muita dificuldade de me relacionar com os meninos, isso não quer dizer que não interagia com meninos, eu até interagia, só não era muito próximo deles. Sentia que não conseguia me interligar com os assuntos deles, tipo futebol, que eu achava o maior saco. Estou fazendo uma divisão binária de gênero porque é assim que a escola em que estudei nos dividia, eram sempre duas filas uma de meninos e outra de meninas, os banheiros sofriam a mesma divisão, então só existiam essas duas maneiras de existir na minha cabeça de criança: o feminino e o masculino. Não me lembro o momento em que entendi que era um menino. Provavelmente, foi bem aos poucos com o meu pai me levando no banheiro masculino, ou minha mãe falando para mim que eu deveria me ver nos meninos dos filmes que assistimos juntos.

Me lembro de quando brincava de boneca na escolinha no dia do brincar com minhas amigas. Parecia não haver nenhum problema, até eu descobrir que minhas professoras contavam para minha mãe, e minha mãe, pro meu pai e meu pai me batia porque eu tinha que virar “homem” e boneca era coisa de menina. Eu não parei de brincar de boneca, acho que em algum momento minha mãe aceitou isso e parou de contar pro meu pai, para não me ver sofrer.

Figura 3: Primeiro dia de aula



Fonte: Fotos família Silva, 2006

Rio Preto é uma cidade curiosa, ela é uma cidade grande, é a maior do noroeste paulista, mas a experiência no bairro em que cresci era muito próxima de uma cidade pequena. Pelo que me contaram ele se originou como um bairro de habitação popular, coincidentemente várias famílias de policiais e ex-policiais vieram morar aqui e essas famílias foram alterando o bairro, mudando as casas padronizadas. Meu pai foi uma dessas pessoas que comprou uma dessas casinhas e foi fazendo as modificações com o tempo para minha vó ir morar com ele, isso antes dele se casar, depois do casamento ele foi morar junto com a minha mãe. O bairro todo se conhecia, maior parte frequentava a Igreja e os comércios do bairro, incluindo eu. Portanto, sempre teve muita fofoca, comentários sobre o estilo de vida de cada um, o que me dava uma sensação de vigilância constante.

Meu filme favorito de infância era *A Pequena Sereia* (1989), a animação da Disney, por conta dela eu comecei a desenhar bastante. Sempre gostei dos desenhos de princesa e de alguns outros filmes que tinham algumas personagens femininas marcantes tipo *A Espada Era a Lei* (1963) que tinha a Madame Min, uma feiticeira que era a vilã da história e tinha o poder de se modificar para se tornar animais ou até mesmo outras versões de si mesma. E outra grande influência foi a coleção de álbuns de vídeo *Xuxa Só Para Baixinhos* (2000-2025), especialmente os cinco primeiros, que tinham um apelo visual gigantesco. Acho que, pela minha aproximação com o feminino, eu gostava de desenhar sobretudo mulheres, detestava desenhar homens, qualquer um, não gostava nem de me desenhar, desenhava principalmente as princesas da Disney, eu gostava dos vestidos e das

poses que elas faziam nos materiais de divulgação.

Na mesma época, me lembro que quando íamos na biblioteca da escola, ou da cidade, e eu escolhia algum livro que era baseado no conto de fadas de alguma princesa, eu dizia para os meus pais que era porque queria fazer um decalque das figuras na história. O que eu de fato fazia, mas também tinha interesse nas histórias, só não podia admitir. No geral, eu tinha muito interesse em contos de fadas, e sempre fui atrás das versões das histórias. Lembro que em uma dessas descobri a história original de *A Pequena Sereia* de Hans Christian Andersen (2020), fiquei desolado por dias ao descobrir que no conto a protagonista morria, parecia errado a personagem não ter um final feliz. Desde então, sereias foram meu tópico favorito por muito tempo, tudo que envolvia sereias eu assistia.

Na televisão minhas animações favoritas eram os desenhos animados direcionados ao público “feminino” como *Clube das Winx* (2004 - 2019), *Três Espiões Demais* (2001-2024) e filmes da *Barbie* (2017). Me parecia que essas animações tinham algo mais fluido e menos rígido do que os desenhos para meninos, a maioria envolvia carros ou cenas de ação, que era um assunto que eu achava extremamente desinteressante (e ainda acho). Grande parte dos desenhos “para meninas” tinha algo de moda e arte que me interessava muito, mesmo os que tinham ação no meio, o jeito que as personagens se vestem importava para a trama de alguma forma.

As propagandas de brinquedos também me encantavam muito, a linguagem era muito explícita a respeito do binarismo e das características esperadas

de cada gênero. As propagandas para meninas eram bem suaves, mostravam brincadeiras que envolviam a imaginação, se colocavam na posição das personagens, tinha uma certa teatralidade, tipo brincar de lavar louça, fingir ser a personagem da animação. As de brinquedos para meninos, mesmo que fossem bonecos, tinham um quê de testar a resistência dos brinquedos, tipo as de carrinhos que envolviam uma pista que lançava os carrinhos para fora de si, ou o boneco de ação que poderia ficar submerso. As trilhas eram sempre em um tom de ação e aventura. Existiam propagandas de produtos com um público para meninas e meninos, esses geralmente apresentavam os dois gêneros interagindo com o brinquedo, ou então uma versão “masculina” e uma versão “feminina”.

Hoje em dia entendo qual o papel desses brinquedos e o porquê dessas demarcações por gênero, e o que eles planejam ensinar às crianças a respeito de suas respectivas funções que a sociedade constroi e forma. Obviamente, um brinquedo que consistia em uma pia para lavar louças, em que, na propaganda se colocavam apenas garotas brincando, tinha como objetivo ajudar a construir uma noção de cuidar da casa, papel dado à mulher em uma sociedade patriarcal. Inclusive nessa época, meu pai proibiu minha mãe de dirigir, quando precisávamos nos locomover andávamos de ônibus, ainda que tivéssemos um carro funcionando na garagem. Minha mãe era uma mulher muito Amélia, da canção de Mário Lago e Ataulfo Alves (2014), e aceitava esse tipo de situação, descobri recentemente que, só por conta de uma amiga dela, minha mãe conseguiu ir conquistando sua independência ao longo do tempo.

O fato é que por gostar de brincar de boneca, e sabendo que jamais ganharia uma boneca, eu preferia ganhar materiais para desenhar e pintar ou então livros, coisas mais “neutras” que poderiam ser como eu quisesse. Meus pais sempre me incentivaram a ler e a desenhar, as professoras diziam para minha mãe que meu desenho tinha muito movimento e que era uma habilidade que eu teria que desenvolver.

Quando eu ia na casa das minhas amigas nós brincávamos do que eu mais gostava que era de boneca, e, se meu pai descobria que tínhamos brincado de boneca, eu apanhava em casa. Então, as mães das minhas amigas começaram a omitir isso e fazíamos uma correria para guardar tudo rápido pro meu pai não ver. A maioria das minhas amigas eram católicas também, e começamos a fazer catequese na mesma época, juntos na igreja do bairro em que eu morava.

Ainda na infância, lembro que eu e minhas amigas gostávamos bastante de brincar “com nós mesmos”, basicamente atuávamos como personagens e as pessoas relacionadas a eles. Eu me interpretava e obviamente sempre era um homem branco padrão, porque esses eram os homens bonitos segundo os desenhos e seriados infantis, que eram os ambientes das nossas histórias, além disso, eu também interpretava a minha namorada nas histórias. Lembro uma vez que minha mãe brigou comigo por isso, segundo ela eu não podia estar sendo afeminado porque isso era coisa do diabo, eu devia ser másculo e se meu pai visse esse tipo de coisa eu iria apanhar até sangrar. Eu não parei de fazer isso, só era mais discreto. Afinal, minhas amigas também interpretavam os namorados e isso não

era um problema.

A grande questão aqui é que aprendi desde muito cedo a me esconder e esconder minhas “transgressões” para poder ser eu mesmo, ainda que minimamente.

Durante muito tempo, meus pais e eu viajavamos bastante para Pereira Barreto, por conta de alguns parentes do meu pai que moravam lá e dos meus avós maternos. Eu era muito próximo da minha avó materna, parecia que ela me entendia e eu entendia ela, nós andávamos pela cidade, comíamos doce, íamos na praia da cidade só para ficar na areia para conversar e brincar. Ela era muito vaidosa, tinha um perfume que era basicamente a assinatura dela, tinha muitos produtos de maquiagem, inclusive um pó compacto que quando ela colocava na esponjinha para usar ele saía em forma de estrela. Foi ela quem me apresentou a ideia de maquiagem e ela me explicava para que cada coisa servia, mesmo que falasse que eu não iria usar porque eu era menino. Ela faleceu de câncer quando eu tinha 14 anos, no estágio final da doença ela veio morar com a gente e foi muito difícil acompanhar ela perdendo as vaidades dela, as alegrias e parando de usar o perfume que ela tanto gostava porque fazia ela passar mal.

Figura 4: Eu e minha avó materna na praia de Pereira Barreto



Fonte: Fotos família Silva, 2005

Na catequese, quando eu era bem criança se falava muito pouco sobre relacionamentos afetivos não familiares, o foco sempre era em como tínhamos que amar e respeitar nossos pais porque eles eram nossos guias na vida. Lembro também de um período longo em que ia na missa praticamente todo domingo, mas tenho pouquíssimas recordações dos sermões porque o padre da capela do meu bairro era polonês, não sendo o português seu idioma nativo, era muito difícil entender o que ele falava por conta do sotaque. Recordo de um em que ele associou a queda da torre de Babel a pessoas LGBTQIAPN+, não entendi qual era a relação, mas entendi que a mensagem era basicamente “se você é LGBTQIAPN+ você vai pro inferno”.

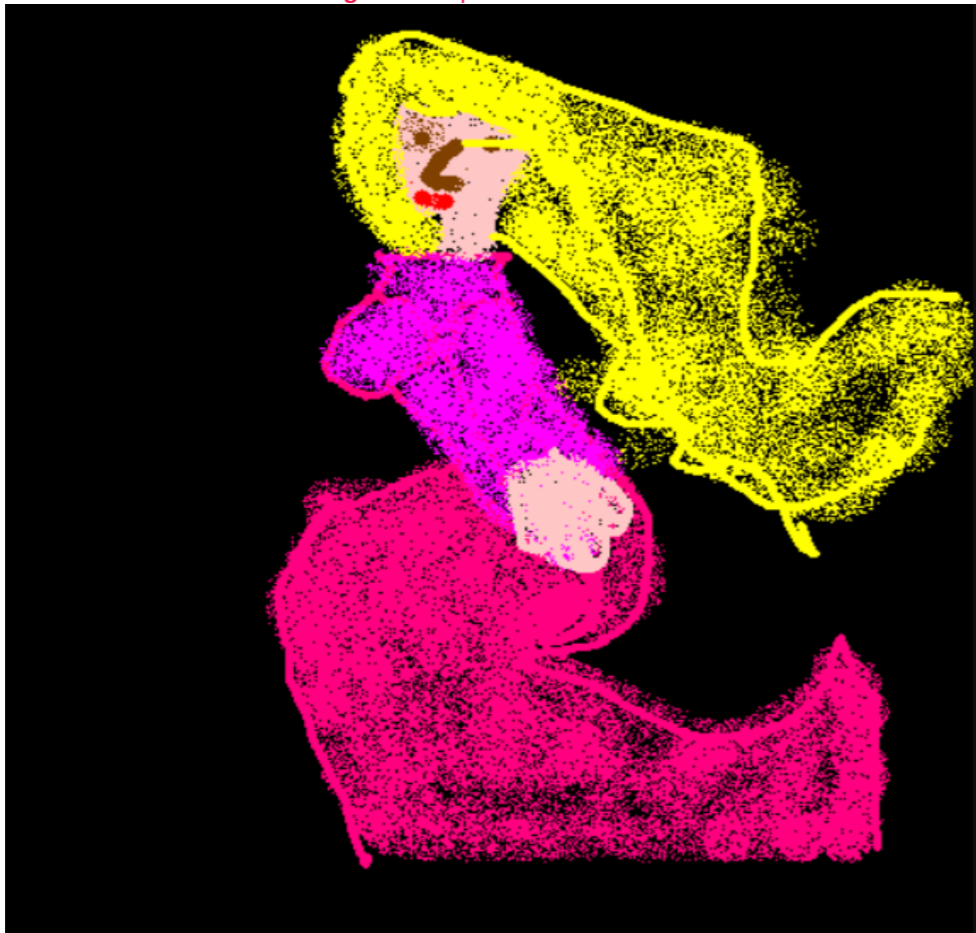
Nessa época, fomos impactados por alguns momentos da cultura pop como o lançamento de *Crepúsculo* (2008), lembro de assistir esse filme com duas amigas e as suas respectivas mães, na casa de uma delas. E como isso incentivou todo um mundo de brincadeiras com vampiros e lobisomens, ignorando completamente que, provavelmente, o filme não era muito apropriado para nossa idade. Lembro também de acompanhar algumas edições do *Big Brother Brasil* (BBB) (2002 - atualidade), como a 10ª edição, conhecida por trazer o grupo dos coloridos, que era um grupo de pessoas LGBTQIAPN+, e tinham algumas pessoas que hoje sei que são ícones da comunidade como a drag Dimmy Kieer (DiCésar) e Serginho Orgastic. Lembro que torcia para Serginho porque me identificava um pouco com ele, fiquei desolado quando ele saiu.

Também acompanhei *Amor à Vida* (2013-2014) com minha mãe, a novela era um fenômeno e tinha Félix como vilão, um homem gay, interpretado pelo ator

Mateus Solano. Acho que esse personagem foi a primeira vez que pensei na possibilidade de não ser heterossexual porque não parecia tão ruim (fora a parte de jogar a sobrinha recém nascida na caçamba de lixo), lembro dele ser querido por parte da população, ainda que fosse homossexual. Nesse período, eu sabia que ser homossexual era “errado”, porque Deus havia criado o homem e a mulher e que a população em geral não gostava de homossexuais.

Eu já usava a internet, e também já consumia muita música, principalmente por clipes no *YouTube* e em DVDs de clipes. Minha mãe tinha um DVD com alguns dos clipes da Shania Twain, acho que ela foi por muito tempo minha diva pop, principalmente por conta do clipe de *That Don't Impress Me Much* (1998). Lembro que só podíamos ouvir e ver esse DVD quando meu pai não estava em casa porque ele não gostava de música internacional, apenas de ABBA, de resto por ele só ouviríamos música clássica e MPB. Eu comecei a usar o computador para usar o *Paint* (1985 - atualmente) e aos poucos fui entendendo como funcionava a internet e como conseguir acessar *sites*, etc.

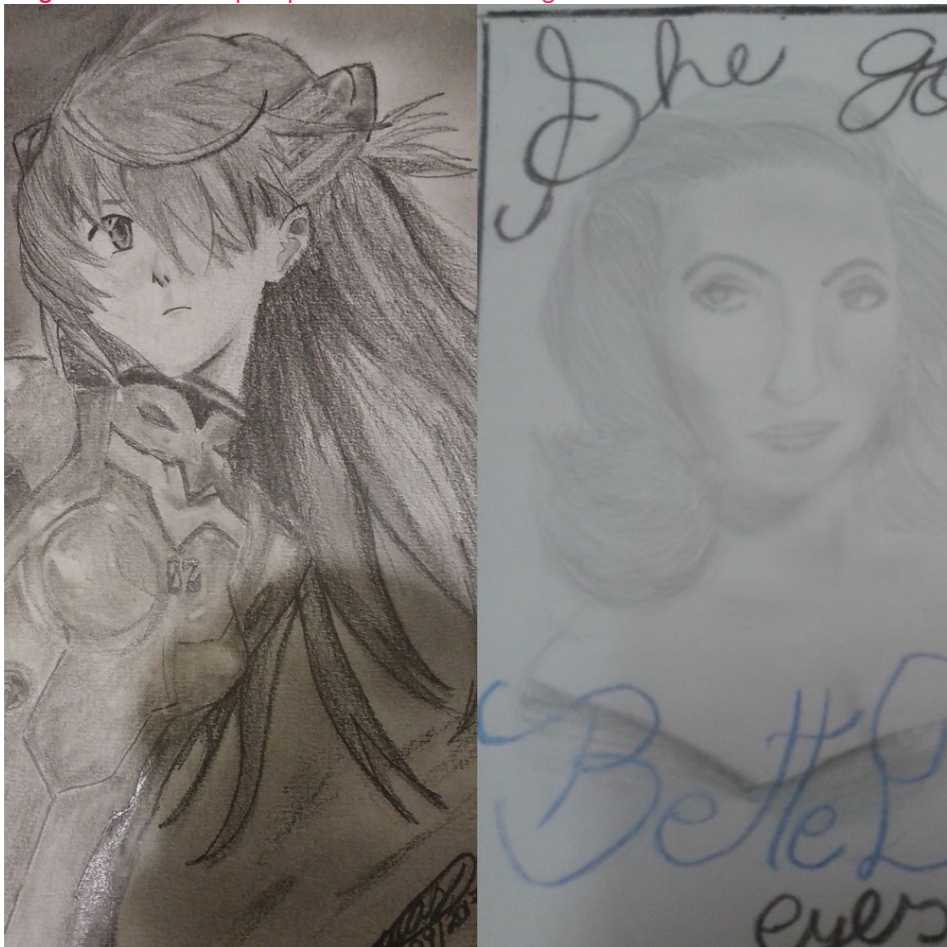
Figura 5 : Rapunzel feita no Paint



Nesse período, aprendi a baixar músicas para ouvir, na maioria das vezes o que eu havia visto na MTV como *Telephone* (2010) da Lady Gaga, *Single Ladies* (2008) da Beyoncé, entre outras. Sempre gostei de pop americano, não sei ao certo como achava as músicas e os clipes, porque era difícil escrever os nomes, mas sei que minha mãe gostava bastante também e me ajudava, mesmo sabendo inglês tanto quanto eu. Além dos *downloads* de música eu usava bastante *sites* para imprimir desenhos para colorir. Na *internet* também gostava de jogos, como a maioria das crianças, principalmente jogos de vestir que envolviam colocar roupas em uma personagem, – também ditos como para meninas –, e jogos de plataforma, como *Super Mário*.

Fui muito influenciado pelo estilo mangá, e por animes também, eu via principalmente os que eram *mahou shoujo* ou de meninas mágicas, aqueles em que garotas se transformam em seres mágicos para combater o mal de alguma forma, como *Sailor Moon* (1992 - 1997), *Madoka Magica* (2011) e *Sakura Card Captors* (1998 - 2000). Na TV era muito popular programas que ensinavam a fazer o desenho pré-moldado nesse estilo, então eu consumia muito e, durante um longo período, desenhei tentando seguir esses moldes. Até eu tentar ir para um rumo mais realista, por absolutamente nenhum motivo. O que era belo parecia estar associado ao realismo.

Figura 6 : Trabalho que apresentam o estilo mangá e trabalho no estilo mais “realista”



Sinto que conforme me aproximei da *internet*, a catequese se tornou algo mais presente em minha vida, fiz a primeira comunhão aos 12 anos. Foi a primeira vez que todos meninos e meninas se vestiram iguais, acho que tem uma coisa meio de deixar evidente que somos “anjos puros” e, portanto, sem gênero. Foi uma alegria de certa forma, sempre tive curiosidade com como era tomar a eucaristia, e tinha medo de morder e sangrar na minha boca - não lembro de onde esse medo veio.

Nessa mesma época, comecei a assistir filmes de terror, comecei pelos filmes *Slasher*, aqueles que o assassino mascarado vai matando adolescentes com muitos hormônios, depois fui para os de espíritos e eventualmente para os de demônios e possessão. Foi através do terror que comecei a entender alguns aspectos sobre ser LGBTQIAPN+, principalmente, graças à *American Horror Story* (2011 - atualmente), série de Ryan Murphy que era basicamente um novelão com terror no meio. A temporada que mais me impactou foi a segunda, com o subtítulo *Asylum*, onde a protagonista é uma jornalista lésbica que passa por uma tentativa de terapia de conversão para remover sua homossexualidade em um hospício católico.

Eu sabia que eu não era heterossexual, tinha tido um “namoro” com uma menina aos 10 anos, eu sentia zero vontade de beijá-la, no fim não nos beijamos e ficamos amigos. Fingi várias vezes gostar de meninas tidas como bonitas pela maioria dos meninos para não ser tido como o viado da sala, não resolvia, eu ainda era o viado da sala. Mas me sentia atraído por vários meninos, reprimi muito

todo e qualquer sentimento dessa natureza porque fui educado para ser homem, e isso significava basicamente não ser homossexual. Foi a partir dessa temporada de *American Horror Story* que entendi que não tinha algo errado comigo, e comecei a questionar um pouco esses pressupostos religiosos.

Também aos 12 anos comecei um curso de desenho e pintura na Casa de Cultura de Rio Preto. O curso era dado por um professor que usava como base o livro *Desenhando com o Lado Direito do Cérebro* (1984), e por algum motivo não nos deixava criar imagens, então comecei a desenhar e pintar cenas de filmes e séries, que também tinham virado algo que eu consumia muito. Aos 13, entrei em uma comunidade de desafios de pintura, estimulado por um *YouTuber* que eu acompanhava, que também me incentivou a pintar com aquarela de maneira indireta, já que sou tímido virtualmente e raramente comento no post de artistas que sigo. Um dos desafios envolvia “pintar o amor” e eu havia desenhado três casais: um hétero, um aquiliano e um sáfico. Minha mãe me fez apagar o post e jogar o trabalho no lixo, porque ia contra as vontades de Deus.

Na catequese o assunto homossexualidade era inexistente, acho que ninguém tinha muita coragem de comentar a respeito. Teve uma atividade específica que fizemos antes da crisma (o rebatismo), que envolvia um livrinho que era um catecismo para jovens chamado *Youcat* (2011), a junção das palavras *youth* – jovem em inglês –, com catecismo. Eu pedi o livro emprestado para ler tendo um objetivo: entender se realmente a Igreja era contra os homossexuais, porque se não fossem eu teria provas para os meus pais. Peguei e abri o livro nas últimas

páginas em que tinha um índice remissivo, existiam duas menções a homossexualidade, vou transcrevê-las aqui:

65 - E as pessoas que se sentem homossexuais?

A Igreja crê que a homossexualidade não corresponde à ordem da Criação na qual foram delineadas a necessidade do complemento e a atração mútua entre homem e mulher, com vista à geração dos filhos. Por isso, a Igreja não pode aprovar práticas homossexuais. No entanto, ela deve respeito e amor a todas as pessoas, independentemente da sua orientação sexual, porque são todas respeitadas e amadas por Deus. [2358-2359]

Todo o ser humano que existe na Terra provém da união de uma mãe e um pai. Por isso, para algumas pessoas orientadas homossexualmente é uma experiência dolorosa não se sentirem eroticamente atraídas pelo sexo oposto e terem de sentir, numa união homossexual, a falta da fecundidade física, como é próprio da natureza do ser humano e da divina ordem da Criação. Frequentemente, contudo, Deus chama a Si por vias inusitadas: uma carência, uma perda ou uma ferida - assumida ou aceite - pode tornar-se um trampolim para se lançar nos braços de Deus, aquele Deus que tudo corrige e Se deixa descobrir mais como Redentor que como Criador (Schönborn, 2011, p. 48-49).

415 - Como julga a Igreja a homossexualidade?

Deus criou o ser humano homem e mulher, e corporalmente também os determinou um para o outro. A Igreja acolhe sem reservas as pessoas que se sentem homossexuais e rejeita qualquer forma de discriminação. Simultaneamente afirma que as formas de encontro sexual entre pessoas do mesmo sexo não correspondem à ordem da Criação. (Schönborn, 2011, p. 225).

Tendo tido contato com esses dois trechos entendi que a Igreja via a homossexualidade como algo errado e contra a natureza humana (ainda que para mim parecesse bem natural), já que Deus criou o homem e a mulher para povoar o mundo, mas a respeita. Porém, Deus entende de tudo e pode corrigir seu problema. Eu sabia que meus pais não me aprovariam sendo homossexual, minha mãe havia me dito algumas vezes que o sonho dela era me ver no altar prestes a me casar na Igreja Católica. Já meu pai queria que eu fosse o filho perfeito, ou seja, formado em uma boa faculdade, ganhasse dinheiro, me casasse na Igreja e tivesse filhos.

Comecei, então, a rezar para ser curado, afinal eu precisava ser curado imediatamente. Obviamente, deu errado, então comecei a pesquisar na internet histórias sobre se assumir para família. A maioria das histórias envolvia muita dor e sofrimento, algumas envolviam um eventual “perdão” da família. Incluindo a de um primo que eu não tenho muito contato, pelo que fiquei sabendo, ele fugiu de casa e deixou uma carta se assumindo para a mãe, que depois de um tempo aceitou tudo, mas, em geral, a família não tem muito contato com ele. Além disso, tudo parecia muito demorado, eu não tinha dinheiro para uma eventual expulsão e não tinha em quem me apoiar para comentar sobre o assunto. Não existiam alunos assumidamente gays nas salas de aula em que eu estudei, nem professores, então não sentia uma abertura para conversar com ninguém, eu tinha muito medo de falar para alguém e ser tirado do armário à força.

Conheci então o termo bissexual, e pareceu fazer sentido para mim me chamar de bissexual porque, dessa forma, eu poderia dar para minha mãe a esperança de me casar na Igreja. Mas isso ficou só na ideia. Na mesma época surgiu Pablo Vittar com *Open Bar* (2015), mas eu a conheci por *Todo Dia* (2017) com Rico Dalassam, e foi um momento praticamente transformador ter contato com a noção de drag. Parecia que o mundo tinha se aberto para mim, e rapidamente se fechou quando minha mãe me viu assistindo um episódio da segunda temporada de *RuPaul’s Drag Race* (2009 - atualidade), e me proibiu de acompanhar.

Depois que me crismei (a roupa da crisma consistia em uma camiseta vermelha horrorosa), comecei a fazer parte dos Vicentinos da Capela do meu bairro. Era uma maneira de continuar indo na Igreja – ainda que após a crisma eu tivesse certeza que não queria ser católico, mas não queria magoar meus pais, então eu queria mostrar que era um filho exemplar. O trabalho dos Vicentinos consistia em fazer caridade e levar a palavra de Deus até as famílias assistidas pelo serviço. Fiz parte do movimento até sair de Rio Preto por ter passado na faculdade em São Paulo e as aulas terem voltado a ser presenciais. Eu de fato gostava, por ser um movimento feito por jovens, algo meio raro na Igreja porque o bairro em que eu morava consistia em um público mais velho e muitas vezes já aposentado. Então, a função era muito mais leve e não envolvia textos falando que ser LGBTQIAPN+ era antinatural. Isso fez eu me sentir acolhido de certa forma, ainda assim eu ouvi piadas homofóbicas, transfóbicas e machistas, então me mantive lindamente dentro do armário. Com os vicentinos, conheci pela primeira vez outras pesso-

as LGBTQIAPN+ que moravam no bairro e das quais eu não tinha conhecimento, como uma mulher lésbica que vivia com a sua irmã, e uma mulher trans para a qual levávamos uma cesta básica mansalmente.

Quando entrei no Ensino Médio tive meu primeiro choque de realidade, fui bolsista em uma escola particular católica, sendo que até então eu havia estudado apenas em escolas públicas. Me vi sozinho, sem minhas amigas por perto. Uma das minhas melhores amigas fez amizade com um garoto que era gay na ETEC (Escola Técnica Estadual) e ela nos apresentou, eu comecei a conversar com ele e foi o momento em que tive certeza da minha homossexualidade. Ele foi o primeiro menino que eu de fato gostei, muito, tudo estava caminhando bem, até minha mãe ler nossas conversas e matar todas as minhas esperanças nesse sentido. Ela chorou por dias e meu pai me falou que ele estava criando um “homem com H”<sup>7</sup> (maiúsculo mesmo, nas palavras dele) e que eu deveria saber disso, principalmente por ser o filho mais velho, e que minha avó jamais entenderia. Após essa conversa com meus pais, decidi reprimir todo e qualquer sentimento romântico-sexual que eu viesse a ter com garotos. Eu decidi colocar e me dedicar plenamente aos estudos e em ser o aluno exemplar. Não me metia em confusão, fiz amigos meninos bem heterossexuais e levemente “nerds”, amantes de quadrinhos, jogos e que tiram notas boas, porque era melhor ser “o nerd” do que “o gay”. Não resolveu muito, acabei sendo os dois. Me dediquei plenamente a estudar, raramente saía ou ia em festas. Acho que pensei que se eu fizesse tudo certinho, estaria tudo bem, eu seria ótimo, apesar de homossexual.

<sup>7</sup> Acredito que no mesmo sentido que a canção de Ney Matogrosso, “Homem com H” (1981), retrata essa noção de virilidade.

Eu tenho dois irmãos: um sete anos mais novo e uma irmã dez anos mais nova. Meu irmão é meu oposito, ele gosta de futebol – que eu odeio muito, principalmente após uma tentativa do meu pai de me colocar em uma escolinha de futebol – e sempre gostou de desmontar as coisas, ele cumpre quase todos os estereótipos esperados de um menino. Minha irmã é mais parecida comigo, ela gosta bastante de maquiagem, de desenhar e de fazer umas esculturas com massinha, também o que é esperado dela. Eu sempre quis ter irmãos, é realmente muito legal acompanhar o desenvolvimento de alguém e ver essa pessoa crescer com você, e ensinar essa pessoa o que aprendeu e aprender com ela também. Porém, ser o irmão mais velho me colocou novas pressões, por ser o primeiro eu tinha que me sair muito bem em tudo para ser o exemplo da família, e meus irmãos se verem em mim.

Uma experiência que foi inovadora de ter irmãos foi a de ajudar a organizar as festas de aniversário deles em casa. Esse trabalho movia muito a gente, era um esforço coletivo entre eu, minha mãe e uma amiga dela. E tornava os aniversários ainda mais especiais.

Eu usava bem pouco as redes sociais, mais para conversar com meus amigos. Uma amiga me levou a entrar em uma rede social chamada *Amino* (2012), em que participei de uma comunidade de *American Horror Story*. Fiz diversos amigos virtuais, porém evitava o assunto sexualidade para o caso de minha mãe eventualmente ler as conversas. No começo do meu terceiro ano eu desinstalei o *Amino*, me despedi de todos os amigos virtuais, para me dedicar ao vestibular.

Pouco tempo depois, a pandemia começou, em um momento de tédio reinstalei o *Amino* para ver como as coisas estavam e acabei ficando e me reaproximando de um amigo que é gay e que morava em São Paulo. Ele me reapresentou *RuPaul's Drag Race* (2009 - atualidade) e a partir daí comecei uma ultramaratona de tudo existente relacionado ao programa, completamente escondido da minha mãe. Nessa altura eu já era mestre em esconder esse tipo de coisa e evitar comentários. Um dia me descuidei e ela me pegou assistindo um episódio em que o desafio era um musical baseado na Madonna, então eu falei que estava vendo um musical da Madonna no *YouTube*, já que na época eu estava pesquisando bastante sobre a cantora então deu certo. Eventualmente, os meus amigos virtuais migraram para o Whatsapp, o que aumentou bastante nosso contato.

Durante a pandemia li bastante, uma das leituras que mais me marcou foi a de *Grande Sertão: Veredas* (2019), muito por conta do romance entre Riobaldo e Diadorim que me moveu loucamente. Principalmente no contexto em que eles estavam inseridos, de muita masculinidade, pelo menos é o que parecia para mim que desconheço o sertão do Brasil.

No final do ano comecei a trabalhar em uma lanchonete como atendente, a amiga da minha mãe havia começado a namorar o dono do estabelecimento fazia um tempo e a filha dela (minha amiga de infância) estava trabalhando lá também. Eu decidi, então, que era hora de ganhar um pouco de dinheiro, veria meu pai só alguns dias na semana, evitando confusões, portanto, pareciam só vantagens. Nessa altura estava trabalhando e estudando, tanto no colégio, como

fazendo um cursinho online, e não tinha tempo para muita coisa. Parei de trabalhar lá quando me mudei para São Paulo.

Em um dia de folga, meu amigo virtual me chamou para participar de um “*Race*”, que consistia em usar mulheres famosas e drags em uma competição de *looks*<sup>8</sup> por categoria, em um estilo *RuPaul's Drag Race* (2009 - atualidade). Participei de vários. Em algum momento ele evoluiu e passamos a criar nossas personagens e os *looks* que elas usariam através de colagens, isso me ajudou um pouco a assentar a ideia de querer fazer drag.

---

<sup>8</sup>. *Look* é um termo da área da Moda utilizado para pensar em estilo e o conjunto de roupa, cabelo, maquiagem e acessórios, que compõem um conjunto visual.

Figura 8: Colagens de looks



Prestei vestibular para Universidade de São Paulo (USP) e para Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (Famerp), para medicina nas duas, afinal se queria ser o orgulho da família eu deveria ser médico, porque é difícil de entrar, então se eu passasse iria dar orgulho. Curiosamente, meu pai foi quem me incentivou a prestar Artes Visuais em uma das provas e, por acaso, eu ainda não havia me inscrito para o vestibular da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp). Depois de fazer a prova da Famerp, e ir muito mal, me desinteressei completamente pela medicina. Acho que percebi que não era para mim no dia da prova específica e decidi que ia utilizar a nota do Enem no SiSU<sup>9</sup> para Artes Visuais também. Fui aprovado na Unesp e na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) utilizando o Sistema de Seleção Unificado (SiSU). Optei pela Unesp porque morar em São Paulo parecia mais libertador e meu pai havia concordado em me ajudar a me manter por lá. Meu primeiro ano foi online pela pandemia, então segui contido em relação aos temas dos trabalhos, tentava só seguir pintando coisas relacionadas a filmes, como cenas e pôsteres que são bem neutros.

Mantive assim todo o período em que fiquei em Rio Preto, com o início de 2022, me mudei para São Paulo, como era completamente dependente dos meus pais, tinha muito medo de dar tudo errado e do nada não ter onde ficar. Não ia a festas, não ficava/flertava com ninguém e me apresentava como assexual para evitar me relacionar emocionalmente com as pessoas. Minha produção seguia na

<sup>9</sup>Sistema de Seleção Unificado, é uma plataforma do Ministério da Educação e Cultura (MEC) que permite que os estudantes ingressem em faculdades públicas brasileiras a partir da nota no Exame Nacional do Ensino Médio.

Figura 9: Trabalho de faculdade feito em 2021 para a disciplina Fundamentos da Linguagem Bidimensional<sup>10</sup> e Linguagem Tridimensional<sup>11</sup>



toada neutra porque achava que assim poderia mostrar serviço para os meus pais e que o investimento estava valendo a pena.

Depois de dois anos de faculdade, apesar de estar gostando muito do curso, eu estava muito descontente com a minha produção, sentia que eu não estava fazendo as coisas que eu gostava e aproveitando a liberdade que eu tinha em São Paulo. Em 2023, resolvi deixar de lado esse medo de ser descoberto e viver mais abertamente, pelo menos enquanto estava em São Paulo. Fui atrás de um emprego, depois de bolsas na faculdade e, tendo dinheiro, comecei a me soltar e beijei um morador da república onde eu morava, foi meu primeiro beijo. Instalei o *Tinder*, saí com alguns homens e perdi o medo de mentir para os meus pais. Com isso, comecei a falar sobre minha relação com a religião, colocar esses símbolos religiosos com elementos que remetem à referências “profanas”, falar sobre como me sentia estando no armário e colocando tudo que eu segurei por tanto tempo. E isso me pareceu funcionar melhor e fazer muito mais sentido para mim.

<sup>10</sup>Lecionada pelo Prof. Felipe Morelatto.

<sup>11</sup>Lecionada pelo Prof Flávio dos Santos Cerqueira.

**Figura 10:** Trabalhos de faculdade feitos em 2023 para as matérias de Linguagem Tridimensional II<sup>12</sup> e Projetos Bidimensionais<sup>13</sup>



No final do ano, eu estava namorando com o meu atual namorado e tomei coragem de me assumir para minha mãe. Ela falou que já esperava e que estava tudo bem, mas tanto eu quanto ela concordamos em não falar nada para o meu pai até eu conseguir ser independente financeiramente, porque não sabemos como ele vai reagir.

É daqui que surge o desejo de ter uma persona artística, dela ser esse espaço que São Paulo é para mim, mas de maneira muito maior. De estar seguro para falar tudo aquilo que segurei esse tempo todo, por meio da arte, para sair desse armário metafórico de maneira gradual e ao mesmo tempo de uma vez. É o desejo de criar uma drag para além do ambiente fictício das colagens.

<sup>12</sup>. Lecionada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Pedrosa Romeiro.

<sup>13</sup>. Lecionada pelo Prof Dr Sergio Mauro Romagnolo.

### 3 WALK ON THE WILD SIDE<sup>14</sup>: persona, história, características da drag e suas aparições na arte

Antes de adentrar minhas motivações para a escolha da drag, suas características e sua história, acredito ser importante discorrer um pouco a respeito da ideia de persona. O termo persona surge na Itália entre os séculos XV e XVI, associado às máscaras utilizadas no teatro para criação de personagens, como no caso da *Commedia Dell'Art* (Azevedo, 2018, p. 19).

Um uso recorrente da ideia de persona na contemporaneidade é na criação da persona pública de celebridades, influenciadores digitais, entre outras figuras midiáticas, em que:

A persona, ou rosto público, é gerida por profissionais que criam a aparência e administram as aparições das celebridades, e através da assimilação e modificação dessa imagem pelas diversas mídias e pelo público. Tais representações, mitificadas em astros pop, participam dos processos de identificação e projeção com a audiência, servindo, assim, como modelos de ser e estar na sociedade, os quais auxiliarão no modo como os grupos sociais compreendem a si mesmos e aos outros (Bezerra; Batista *apud* Sales *et al.*, 2018, p. 64).

Nas artes plásticas, a persona aparece diversas vezes, seja como obra – como nos trabalhos de Cindy Sherman que constrói seus autorretratos, caracterizada de diversas personas (Azevedo, 2018, p.16) –, ou como autor, se assemelhando um pouco a ideia de rosto público. Como é o caso de Andy Warhol, que construiu sua imagem de figura excêntrica que usa óculos e uma peruca platina-da/cinza em todas as suas aparições e momentos públicos, se utilizando muitas vezes das figuras públicas em sua produção, como visto na docusérie *Os Diários*

---

<sup>14</sup>Referência à canção de Lou Reed (1972).

de Andy Warhol (2022).

Segundo Jung:

“A *Persona* é um complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e por outro lado a ocultar a verdadeira natureza do indivíduo” (Jung *apud* Azevedo, 2018, p. 22).

Dessa forma, a persona seria justamente como escolhemos estar no mundo, frente às normas sociais para parecer educado, por exemplo, escondendo quem se é. Enquanto pessoa dentro do armário, a noção de se esconder é muito próxima à mim, constantemente durante minhas interações sociais, principalmente em Rio Preto, eu tentava performar uma identidade masculina cis-heterossexual, para esconder algo que me desviava desse contorno.

Faz muito sentido utilizar da criação de uma persona como uma maneira de trabalhar a minha produção, uma outra pessoa se manifeste através do meu corpo, utilizando alguns artifícios para me personar, ou no caso, me montar<sup>15</sup>.

Partindo da minha produção, que tem muito a ver com a minha sexualidade e a expressão dela em outros âmbitos da minha vida, achei que fazia sentido que minha persona dialogasse com esse aspecto também. Logo de cara me veio a figura da drag como uma inspiração justamente por conta, como é apontado por Sasha Velour em *The Big Reveal* (2023, p.1), da popularidade da drag entre a

---

<sup>15</sup>.“Montar” é uma gíria do dialeto drag que se refere à transformação corporal feita de diversas maneiras como maquiagem, espuma, vestuário entre outras técnicas.

comunidade LGBTQIAPN+:

É a comunidade queer que mais lutou para proteger essa arte. Mas uma das razões pelas quais o drag é tão vital para nós é porque ele abre possibilidades além de nossas identidades: expande nossa gama de expressão e questiona o que significa para alguém realmente “ter” gênero, identidade sexual, atração ou repulsa, para começar. A conclusão duradoura: nossos corpos, nossos sexos, nossas roupas, nossas escolhas. A drag é um projeto queer e feminista porque exige liberdade de escolha para todos e reimagina o gênero como algo que não poderia mais ter poder sobre ninguém (tradução do autor)<sup>16</sup>.

Partindo dessa escolha, antes de fazer qualquer teste, realizei um mergulho na história da arte drag, seus desdobramentos e as características da prática, além de suas aparições na arte, que apresento a seguir.

---

<sup>16</sup>It is the queer community who has fought the hardest to protect this art. But one of the reasons drag is so vital to us is because it opens up possibilities beyond our identities: it expands our range of expression and questions what it means for anyone to really “have” gender, sexual identity, attraction, or repulsion to begin with. The enduring conclusion: Our bodies, our sexes, our outfits, our choices. Drag is a queer and feminist project because it demands freedom of choice for all, and reimagines gender into something that could no longer hold power over anyone.

### 3.1 FAZENDO *HERSTORY*<sup>17</sup>: brevíssimo histórico da arte drag<sup>18</sup>

Segundo Igor Amanajás em *Drag Queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas* (2023), a origem mais comumente associada à arte drag, é a que se relaciona com o teatro ocidental europeu. Caracterizando a drag como um território dramático para o ator, assim como o palhaço, e incumbindo o início dessa expressão à proibição de mulheres em cena na Grécia antiga, onde “vestir a máscara com personas masculinas e femininas [era] um papel único e exclusivo do homem” (Amanajás, 2023, p.5). Ideia essa que vai se perpetuar mesmo com a queda do uso de máscaras no teatro ocidental, gerando a especulação mais difundida a respeito da origem da palavra drag:

Shakespeare, ao conceber suas personagens femininas, ao rodapé da página em que descrevia tal papel, marcava-o com a sigla DRAG, dressed as girl (vestido como menina, em tradução livre), para sinalizar que aquela personagem seria interpretada por um homem (Amanajás, 2023, p. 10).

Contudo, essa origem me é um tanto quanto insatisfatória, uma vez que reduz a figura da drag à personificação do feminino, ignorando a existência de drags que não se encaixam nos aspectos binários da *queen* e *king*, de drags monstrosas e outras tantas vertentes que vão além da performance de gênero. Além

<sup>17</sup>.Trocadilho com *history* (história, em inglês) e *her* (dela, em inglês) difundido pelo programa RuPaul's Drag Race (2009 - atualmente).

<sup>18</sup>.suprimindo muitos trechos da arte drag porque esse não é o foco do trabalho em questão, mas sabemos que é preciso ter suas principais características.

disso, me parece muito estranho pensar que uma arte muito associada à transgressão e a desafiar padrões sociais tenha sua origem atrelada **apenas** à opressão de corpos, no caso, femininos e em alguns casos dos atores que interpretavam esses papéis (Velour, 2023). Vejo, portanto, a necessidade de tentar chegar a uma origem diferente dessa extremamente eurocentrada.

Acho importante pontuar que, conforme afirma Richard Schechner, “uma primeira performance jamais poderá ser identificada” (Schechner, 2012, p. 82), sendo a arte drag uma arte performática, tanto a origem citada acima quanto à mencionada a seguir, são apenas suposições e hipóteses que podem e devem ser questionadas.

Em *The Big Reveal* (2023, p.2), Sasha Velour pontua que:

Alguns dos primeiros indícios do que chamamos de "drag" estão em rituais da era Mesolítica da Ásia Central e da Sibéria. Há mais de quinze mil anos, curandeiros espirituais, às vezes chamados de xamãs, transformavam seus gêneros para dançar para dar sorte, em comemoração aos mortos, em festivais anuais e muito mais (tradução do autor)<sup>19</sup>.

Essas "raízes" da drag são também mencionadas por RuPaul em entrevista à Érika Palomino na década de 1990 (Palomino, 2024). Associar a origem da drag

<sup>19</sup>.Some of the earliest hints of what we call "drag" lie in Mesolithic-age rituals from Central Asia and Siberia. More than fifteen thousand years ago, spiritual healers, sometimes called shamans, transformed their genders to dance for good luck, in commemoration of the dead, at yearly festivals, and more.

aos rituais religiosos me parece muito mais satisfatória, pois abrange um número muito maior de povos do que a sua origem no teatro europeu, justificando suas diferentes formas de aparição em outras partes do mundo antes da difusão da comunicação de massa e da *internet*. Alguns elementos que corroboram essa origem são os mencionados por Schechner ao descrever as qualidades da ritualização em *Performance e Antropologia de Richard Schechner* (2012, p. 61):

- Alguns comportamentos ordinários (movimentos, cantos de chamada) são dissociados de suas funções originais.
- O comportamento é exagerado e simplificado; os movimentos são frequentemente congelados em posturas; movimentos e cantos de chamada se tornam ritmados e repetitivos.
- As partes visíveis do corpo se desenvolvem, como a cauda do pavão e o chifre do alce. Nos humanos, essas partes são artificialmente providas - uniformes, objetos sonoros, máscaras, etc.
- O comportamento é 'liberado' (performed) na hora, de acordo com 'mecanismos de liberação' específicos (o estímulo resultando em respostas condicionadas).

Todas as características mencionadas pelo autor aparecem de alguma forma na performance drag, tal como observado nos estudos etnológicos realizados por Anna Paula Vencato em *“Fervendo com as drags”: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina* (2002). Desse suas análises dos processos de camarim em que os aspectos, principalmente

visuais, são trabalhados, e dos shows em boates – e outros locais – onde outros tópicos aparecem mais fortemente, como o jogo de estímulo e resposta que ocorre com o público e o espaço.

Portanto, em um caminho semelhante ao de Sasha Velour, aqui atribuo a origem da drag aos rituais indígenas e afrodiáspóricos, uma vez que esses rituais apresentam indícios do que mais tarde é observado em performances drag. Um exemplo desses indícios no âmbito visual é o *Manto Tupinambá* (Figura 11), utilizado pelos Tupinambás em rituais religiosos e de guerra (Alves, 2018). O manto apresenta grande exuberância, chamando atenção e destacando a figura que o utiliza, caracterizando o corpo em ritual como corpo-tela (Martins, 2021, p.79), ou seja:

Um corpo-imagem constituído por uma complexa trança de articulações que se enlaçam e entrelaçam, onduladas com seus entornos, imantadas por gestos e sons, vestindo e compondo códigos e sistemas. Engloba movimentos, sonoridades e vocalidades, coreografias, gestos, linguagem, figurinos, pigmentos e pigmentações, desenhos na pele e no cabelo, adornos e adereços, grafismos e grafites, lumes e cromatismos, que grafam esse corpo/corpus, estilisticamente como locus e ambiente do saber e da memória.

A ideia de corpo-tela e de corpo como local de saber e da memória, é essencial para pensar na constituição da drag, uma vez que, como observado na

Figura 11: Manto Tupinambá



Fonte: Autoria desconhecida, [ca. 15 -- ?]

dissertação de Anna Paula Vencato (2002), o corpo drag que foi montado para um show no palco carrega saberes coletivos, como as dicas de como fazer um esfumado, colocar uma peruca e roupas emprestadas, conhecimentos que vão sendo passados adiante. Além de estabelecer uma experiência visual, através da Em relação aos rituais afrodiaspóricos, o principal indício da arte drag é o processo de incorporação. Para destacar esse processo, trago dois relatos: o primeiro de Richard Schechner, do momento em que presenciou uma incorporação em um terreiro no Rio de Janeiro; e o segundo de Anna Paula Vencato, em um dos seus registros de campo dos processos de camarim de algumas drags.

Num subúrbio do Rio de Janeiro, presenciei um jovem brasileiro - sendo incorporado por um orixá (divindade) do Candomblé - cantar, falar em uma língua africana, dançar e puxar os outros para o transe junto com ele. Depois de quatro horas de performance intensa, o orixá deixou seu corpo, ele voltou a si e serviu a ceia para muitos agregados na casa de sua mãe, que era também o terreiro (lugar sagrado) (Schechner, 2012, p. 71)

“Algumas drags relatam [...] que é quando passam o batom ou terminam de fazer o olho que a drag baixa, ou seja, que se tornam efetivamente a personagem” (Vencato, 2002, p. 46). Em ambos os relatos, verifica-se uma noção de incorporação, em que se age de forma diferente do seu cotidiano, em diferentes níveis, por um certo período de tempo. A temporalidade também é uma característica muito marcante da arte drag. Penso no termo incorporação como ex-

plorado por Juliana Gonzaga Jayme em *Travestis, Transformistas, Drag-Queens, Transexuais: Personagens e Máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa* (2001), que abarca “a dimensão social e construída do corpo a partir da assimilação, aprendizado, mimesis”. A autora também vai pontuar uma “característica ritual” (Jayme, 2001) para o processo de montagem, o que também é reiterado pelas observações de campo de Vencato (2002).

O processo de incorporação também aparece como uma característica relevante se analisarmos a prática *onnagata* do teatro *kabuki*, que se inicia no século XVII no Japão com a proibição da presença de mulheres nos palcos, em que o ator que realizava papéis femininos seguia interpretando-o mesmo fora do palco (Amanajás, 2023, p. 8). E, ainda no Japão, mais recentemente, como um dos princípios da dança Butô:

É a do corpo morto para um espírito que se movimenta e vive livremente. Um dos fundadores da dança, Kazuo Ohno, só performava com roupas femininas e gestos sutis, causando uma impressão impactante de embate entre o feminino e o masculino em um corpo morto. (Amanajás, 2023, p.8 - 9)

Figura 12: À esquerda, uma foto de Kazuo Ohno com a maquiagem Butô e, à direita uma montagem da drag queen taiwanesa-americana Nymphia Wind inspirada pelo figurino do Butô



Fonte: Eikoh Hosoe, [19– ?] e Eric Magnussen, (2024)

Outra figura relevante para ser mencionada é a do *crossdresser*, surgida no século XVIII, que se constituía de

Homens vestidos de mulher em suas mais luxuosas roupas da moda (aqui inicia-se a concepção da vestimenta como moda nos parâmetros dos dias de hoje, pois, na era Elizabetana, o código de vestimenta era relacionado ao status social e ao gênero) passeavam pelas ruas da França, Itália e Inglaterra e, pela primeira vez, a drag queen começou a se relacionar com o que é o homem homossexual (Amanajás, 2023, p.11).

Essa figura fica popular principalmente através das *Molly Houses*, espaços de socialização em que essas figuras faziam aparições cômicas nos palcos, uma vez que a presença de mulheres no palco havia sido legalizada (Amanajás, 2023). Para finalizar os antecedentes das drags em si, é importante mencionar a figura da dama pantomímica, que é uma vertente teatral do início do século XX que se relacionava com os problemas das mulheres da sociedade inglesa, possuindo um viés cômico e também realizada por intérpretes masculinos (Amanajás, 2023, p. 13-14).

Durante o final do século XIX e início do século XX, também é importante destacar o papel de Julian Eltge e Vesta Tilley nos Estados Unidos. Velour (2023) vai dizer que ambos se tornam ícones do travestismo internacionalmente. Por se apresentarem como heterossexuais, eles poderiam fazer personificações femininas e masculinas, e continuando a serem bem vistos. Ao contrário de outras figu-

ras que foram perseguidas neste período, como foi o caso da que é considerada a primeira drag queen americana (e cunhador do termo), William Dorsey Swann, preso inúmeras vezes por “falsificar uma identidade feminina” (Velour, 2023).

Como colocado por Igor Amanajás (2023), a figura da drag, de maneira mais próxima da que conhecemos hoje, vai surgir na história mundial no período pós-segunda guerra nos bares LGBTQIAPN+ periféricos dos Estados Unidos. Nesses espaços de socialização, ser desviante não era um problema, com apresentações não só de homens cisgênero gays personificando uma mulher, mas também exibições de mulheres lésbicas, mulheres trans, homens trans, entre outras partes da sigla, principalmente nos balls. A cena dos *balls* americanos é muito bem retratada nos filmes *The Queen* (1968) e *Paris is Burning* (1990).

O *ballroom* é um espaço de fantasia em que pessoas LGBTQIAPN+, sobretudo trans negras e latinas, encontram para interpretar a categoria proposta como: *voguing*, estilo criado no ballroom e importado pelo mundo; Rosto, em que o importante é a beleza do rosto; *Realness*, onde o que conta é parecer fielmente com algo, como um executivo; E figurino. Como é falado por Dorian Corey em *Paris is Burning* (1990): "Num *ballroom*, você pode ser o que quiser. Você não é realmente um executivo, mas parece um... Se eu tivesse a oportunidade, eu poderia ser um. Porque eu posso parecer um." Sendo assim, o *ballroom* é<sup>20</sup> um espaço de imaginação política, que demonstra perfeitamente a performatividade social, ou seja, o cargo executivo demanda que o executivo aja e performe de maneira específica.

<sup>20</sup>. Uso aqui o presente, porque é um movimento que segue acontecendo fortemente ao redor do mundo, incluindo no Brasil (Palomino, 2024).

Outro marco importante para a formação da figura drag é a cena *clubber* do fim da década de 1980 e início de 1990, onde todos se montavam para frequentar festas, principalmente de música eletrônica (Rocha, 2024; Velour, 2023), o que favoreceu a aparição de diversas figuras importantes para o mundo como RuPaul e Leigh Bowery.

Figura 13: Leigh Bowery fotografado em 1988 por Werner Pawlock e RuPaul em 1989.



Fonte: Werner Pawlock, 1988 e John Simone, 1989

### 3.1.1 Tupiniqueens, a drag na cultura brasileira

Antes de fazer mais um breve histórico (suprimindo muitos acontecimentos) porque é necessário contextualizar de onde a gente veio e para onde a gente vai, acho importante pontuar que esse histórico da drag brasileira é realizado em um recorte Rio de Janeiro-São Paulo, primeiro porque, como mencionado anteriormente sou do estado de São Paulo e a arte drag desses 2 estados se encontram constantemente; E segundo que, por conta do tamanho do nosso país, a arte drag se desenvolve de formas muito próprias e características à cada região, e tenho pouco contato com a história drag desses locais. Acho importante realizar esse apontamento para esclarecer de qual Brasil estou falando e qual o contexto desse brevíssimo histórico, suprimindo muitos acontecimentos. Vou mencionar de forma breve o movimento das Themônias na região Amazônica, mas sei que isso não é de longe o suficiente para mapear de maneira completa o histórico da drag brasileira.

No Brasil, a figura da drag não surge como drag, e sim como transformista nos teatros de revista, principalmente no Rio de Janeiro. Elas são estrelas de seus espetáculos e grandes destaques das peças como pontuado por João Silvério Trevisan em *Devassos no Paraíso* (2018) e no documentário *Divinas Divas* (2016) dirigido por Leandra Leal. Com a ditadura militar, os atores do teatro se exilam em países estrangeiros, ficando por aqui as transformistas, que se organizaram e criaram seus próprios shows em teatros, como o Rival e outros espaços (*Divinas*

*Divas*, 2016). Um dos nomes mais conhecidos do movimento é Rogéria, que faleceu em 2017. Outra figura muito mencionada, que circulava o Rio de Janeiro no mesmo período, é o de Madame Satã, tida como pioneira do ativismo LGTQIAP+ no Brasil e na luta contra a violência policial, sobretudo na periferia carioca (Pinto, 2021).

Figura 14: Rogéria e Madame Satã



Fonte: Luiz Garrido, [19- -?] e Primeiros Negros, 2021

Outro movimento importante foi o Dzi Croquettes em que

os atores desafiavam as formulações de estereótipos por meio de signos de ambiguidade que caracterizavam os traços exaltantes e exagerados de maquiagem, porém sem a presença de seios postiços, nem outros artifícios de semelhança com o corpo feminino. (Santos, 2014, p. 194)

Esse grupo marcou o teatro brasileiro, servindo de referência inclusive para o cantor Ney Matogrosso, integrante da banda Secos e Molhados.

Figura 15: Paulo Bacellar (Paulette) e Carlinhos do grupo Dzi Croquettes



Fonte: Madalena Schwartz, 1974.

Como pontuado por Trevisan (2016), vão ser nas noites da década de 1990 a cena drag vai explodir. Com a abertura do Sra. Krawitz em São Paulo (Rocha, 2024; Palomino, 2024), a mídia descobre as drag queens, e o fenômeno ao redor delas aumenta cada vez mais, “tanto pelo *cross dressing* quanto pela glorificação da alegria e do divertimento, além de representar o símbolo do sexo seguro dos clubes ao longo daquela década” (Palomino, 2024, p. 281). Nesse cenário, vão surgir estrelas como Nanny People, Kaká DiPolly, Silvetty Montilla, Verônica e Márcia Pantera. Assim como diversas categorias de drag que vão se diferenciar por seus estilos de performance como: a top drag, que se caracteriza pela beleza e a moda (como as *top models*) e performances de lip sync precisas e com coreografia; e a caricata que foca seu show no humor e no texto (Vencato, 2002).

É importante ressaltar outras categorias como os drag kings, focados em performances masculinas, que também se fazem presentes tanto no cenário mundial quanto no brasileiro. E outro destaque é o movimento das drag monstros, que vão construir persona e performances mais voltadas para o horror.

Uma importante vertente a ser mencionada no caso do Brasil é a das Themônias da Amazônia. Como colocado por Sarita (*apud* Filho, Lopes, 2024, p. 8):

Themônias escrita com ‘th’ é um estranhamento à palavra demônio que tenta resumir tudo aquilo que é ruim e que deve ser proibido pela moral judaico-cristã, e com isso, o sentido da themonização que para nós é sinônimo de qualidade, como resposta à demonização da nossa existência, cultura e ancestralidade. Fazemos questão de existir, de incomodar cada vez mais, sendo a nossa existência uma ameaça, nossas ações passam a ser um atentado em nome do amor e da liberdade de expressão. Muito prazer, somos Themônias, movimento das diferenças que reinventa comportamentos e relações, por tudo e por todas, das relações de trabalho e apoio cultural à autonomia e democratização da arte e cultura enquanto saberes essenciais inerentes à expressão e organização social, em disputa do imaginário e materialidades dominantes em empoderamento.

Figuras como Tristan Soledad, participante da primeira temporada de *Drag Race Brasil* (2023), Rafa Bqueer e Úyra Sodoma são integrantes desse movimento e trazem em suas montações elementos extremamente regionais e da vivência amazônica.

Com a realização desses brevíssimos históricos, agora faz-se necessário discutir as principais características da arte drag, principalmente a presença dos termos metamorfose e incorporação aos processos de trabalho drag.

### 3.2 METAINCORPORAÇÃO: o corpo que incorpora a metamorfose e se faz drag

Como visto anteriormente, a drag é resultado de um processo ritualístico (montação) em que ela incorpora sua persona, processo esse corroborado pelas pesquisas etnológicas de Juliana Gonzaga Jayme (2001) e Anna Paula Vencato (2002). Porém, outro termo que aparece na dissertação de Vencato (2002) é metamorfose:

Minhas observações de campo apontam para a maquiagem como o recurso que acaba potencializando a possibilidade de haver uma transformação em outro alguém, a construção de um outro eu, de uma espécie de metamorfose de gênero (Maluf, 1999). Parece que pintar o corpo ritualmente é uma prerrogativa de transformar-se de pessoa em persona. (Vencato, 2002, p. 46)

A ideia de metamorfose para drag faz muito sentido, uma vez que através de maquiagem, figurino e outros aspectos a figura se transforma em persona drag, e, posteriormente, retorna ao seu eu cotidiano em outro processo metamórfico. É uma “coexistência paradoxal dos possíveis mais afastados em uma única e mesma vida” (Coccia, 2020, p. 53). Como trabalhado de maneira poética por Emanuelle Coccia em *Metamorfoses* (2020, p. 80): “Mudar de forma – metamorfosear-se – significa sempre ter a força de fazer do seu corpo um ovo capaz de

criar e transmitir uma nova identidade.” A drag está sempre nesse processo de se refazer, para além da metamorfose de pessoa para persona, a cada nova montagem algo muda (Jayme, 2001; Vencato, 2002). Portanto, a principal característica é sua capacidade de metaincorporar, ou seja, de transformar seu corpo para a incorporação de sua persona.

Além desse processo, é importante mencionar as temáticas a partir das quais a drag vai trabalhar. Pensando na drag como esse lugar *queer* de estranhamento da norma (Louro, 2018), a arte drag traz consigo inúmeras possibilidades. Em sua forma mais comum e difundida (queen e king, ou seja, exagerar elementos do feminino e do masculino, respectivamente) a drag é uma ferramenta de evidenciar a performatividade de gênero (Butler, 2017). Como apontado por Judith Butler em *Problemas de gênero* (2017, p. 237- 238):

Ao imitar o gênero, a drag revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero - assim como sua contingência. Aliás, parte do prazer, da vertigem da performance, está no reconhecimento da contingência radical da relação entre sexo e gênero diante das configurações culturais de unidades causais que normalmente são supostas naturais e necessárias. No lugar da lei da coerência heterossexual, vemos o sexo e o gênero desnaturalizados por meio de uma performance que confessa sua distinção e dramatiza o mecanismo cultural da sua unidade fabricada.

Por ser uma prática que se desenvolve no corpo, a arte drag é atravessada por outras questões identitárias para além do gênero e da sexualidade, adicio-

nando pluridimensionalidade à prática (Filho, Lopes, 2024, ). Como colocado por Sasha Velour em *The Big Reveal* (2023, p. 152):

A drag existe em diálogo com a comunidade, refletindo o mundo ao nosso redor e celebrando, estilizando, criticando e reinventando-o a serviço de algo melhor. Devido à sua capacidade de autocrítica e ao seu legado de ação revolucionária, a arte drag sabe como revisar suas próprias abordagens e rir na cara de seus fracassos. (tradução do autor)<sup>21</sup>

Essa ideia é vista em algumas montagens apresentadas em reality shows, como *RuPaul’s Drag Race* (2009 - atualidade) e *Dragula* (2016 - atualidade). Como na montagem de Shea Coullée para a categoria *Love the skin you’re in* (ame a cor da sua pele em tradução livre) em *RuPaul’s Drag Race: All Stars temporada 5* (2020), na qual a drag cria uma releitura de Vênus negra, carregando em sua montagem toda a sua ancestralidade enquanto pessoa negra, ainda que muito ancorada no glamour, há uma discussão para além dele.

---

<sup>21</sup>Drag exists in conversation with community, reflecting the world around us and celebrating, stylizing, critiquing, and reinventing it in service of something better. Because of drag’s capacity for self-critique and its legacy of revolutionary action, it knows how to revise its own approaches and laugh in the face of its failures.

**Figura 16:** Montagem de Shea Coulee para a categoria “Love The Skin You’re In” em RuPaul’s Drag Race All Stars temporada 5 (2020)



Fonte: Dan Polyak, 2020.

Também é possível verificar isso na performance de Vander Von Odd como Zumbi, onde durante o terceiro episódio da primeira temporada de *Dragula* (2016), ela, convergindo com o tema, traz referências à sua latinidade através da figura da caveira mexicana.

**Figura 17:** Montação de Vander Van Odd para a categoria Zombies in the Death Valley



Fonte: *Dragula*, 2016.

Vindo para o Brasil, trago como exemplo duas categorias desfiladas por Ruby Nox na segunda temporada de *Drag Race Brasil* (2025). A primeira, intitulada Temperos Brasileiros, em que a drag traz uma versão glamourizada e hiperexagerada da figura do cangaceiro; E na segunda, onde foi realizada uma releitura da Onça Caetana e do Movimento Armorial, em ambos os casos evidenciando suas raízes nordestinas.

Figura 18: Montações de Ruby Nox durante a segunda temporada de Drag Race Brasil (2025)



Fonte: *Drag Race Brasil Temporada 2, 2025*

A partir desses exemplos, fica evidente como a drag usa seu corpo para além da performance de gênero e sexualidade, expandindo as suas possibilidades de atuação. Com isso em mente, é necessário refletir um pouco a respeito dos encontros da arte drag com o mundo institucional das artes, suas aparições e como foram trabalhadas.

### 3.3 ARTPOP: a drag nas artes visuais

Na história da arte euroamericana existem dois encontros principais quase sempre mencionados: as fotografias de Man Ray de Marcel Duchamp caracterizado como sua persona Rose Sélavy (1922); e as polaroids de Andy Warhol em drag (1981) (Cardoso, Pazetto, 2022; Velour, 2023), que Sasha Velour (2023, p.159) descreve como "não muito fabulosas", com a qual tendo a concordar.

Figura 19: À esquerda Rose Sélavy fotografada por Man Ray e à direita Autorretrato em drag de Andy Warhol



Fonte : Man Ray, 1922 e Andy Warhol, 1981

Porém a intersecção entre arte e drag é bem maior que esses dois exemplos. O próprio Andy Warhol possui a série *Ladies and Gentleman* (1975), que reúne serigrafias de diversas pessoas trans, travestis e *female impersonators*, como Masha P. Johnson (*Ladies*, [20— — ?]). Entre os dadaístas também é preciso mencionar o trabalho da Baronesa Elsa von Freytag-Loringhoven, com sua montaria performática (Cardoso, Pazetto, 2022, p. 194).

Figura 20: Baronesa Elsa von Freytag-Loringhoven



Fonte: Arte Ref, 2020

Outro exemplo é o trabalho de autorretratos performáticos de Yasumasa Morimura, que se assemelha bastante às obras de Cindy Sherman e suas personagens. Também é preciso mencionar as drags que aparecem nas fotografias de Nan Goldin do cotidiano de Nova York, a artista também registrou algumas drags na balada *Prohibidu's* em São Paulo nos anos 1990.

Na arte brasileira as drags são um tema constante, como a série *Crisálidas* de Madalena Schwartz da década de 1970 (Figura 15), em que a fotógrafa registrou processos de camarim do grupo Dzi Croquettes e outras figuras da noite. O trabalho *Agripina é Roma-Manhattan*, de Hélio Oiticica, realizado em Nova York também apresenta a figura de Mário Montez, performer drag queen que joga dados com Antônio Dias.

Mais recentemente a exposição de fotografias *Duo Drag* de Paulo Vitae (2022) realizada no Museu da Diversidade Sexual, apresenta drag queens montadas e desmontadas lado a lado. O museu também conta com o trabalho *Uóhol* (2020) de Rafa Bqueer, que traz a estética da *pop art* para representar ícones negros LGBTQIAPN+, como Jorge Lafond, Márcia Pantera, Madame Satã e Leona Vingativa. E por fim, na exposição *Histórias LGBTQIA+* (2024) realizada no MASP, foram expostos trabalhos de Rafa Bqueer e Úyra Sodoma.

Figura 21: Uhura Bqueer- Monstração *Realness*



Fonte: Rafa Bqueer, 2024.

No geral, a drag quase sempre é objeto da imagem. Isso vem mudando cada vez mais com a inserção de artistas *queer* no cenário da arte, que começaram a utilizar a montagem, a estética dos exageros e absurdos, da literalidade, entre outros aspectos em sua produção. Reforçando esse ponto, é necessário mencionar o trabalho de Sandro Ka, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e sua pesquisa a respeito da dragificação através da exposição *a Coisa dRag* (2024) articulando os conceitos de *camp*, *kitsch* (Sontag, 2020; Velour, 2023) e cultura pop. A dragificação é definida pelo autor como “ato ou efeito de tornar algo drag ou atuar in drag. Implica numa transformação que não se propõe a ser definitiva, nem evoluída, mas sim, fluída, transitória, livre.” (Ka, 2024, p. 5). Articulando esse conceito com a arte contemporânea, Ka (2024) destaca a dragificação como uma zona produtora de tensões. O conceito de dragificação, ao meu ver, vai de encontro com a minha produção a partir de 2023, a qual quero que Gisele assine, estética e tematicamente.

Com isso em mente, parti para a construção de minha persona, pensando em como eu quero que ela aja e como ela apareça e aparente. Realizando mais uma produção que ela assina.

## 4 SUPERMODEL (YOU BETTER WORK)<sup>22</sup>: Construindo Gisele

A construção de uma drag é um processo extenso que sofre diversas alterações ao longo dos anos, com experiência de performance, mudanças corporais, mais tempo se maquiando, mais dinheiro para investir em produções, entre outros fatores. Esse processo é visto até mesmo em *RuPaul 's Drag Race: All Stars* (2012 - atualidade) onde, ao retornarem, as *queens* demonstram uma certa evolução estética em relação à temporada participada anteriormente. Entendo a drag como um processo que é praticamente sem fim, ele vai se refazendo e se reconstituindo a cada montagem. Como atesta Sasha Velour, a respeito de sua drag:

‘Sasha Velour’ é um projeto contínuo, uma transformação que continua, indo além dos meus próprios limites e trabalhando para construir conexões através de todos os gêneros, todos os meios, todas as formas possíveis de alcançar as pessoas (Velour, 2023, p. 168, tradução do autor)<sup>23</sup>.

Portanto, seria ilusório dizer que pretendo chegar em um resultado final no curto período de produção de um Trabalho de Conclusão de Curso, enquanto faço estágio e realizo matérias na faculdade. A ideia é retratar uma parte específica que compõe a montaria: a maquiagem. Ao observar o processo de montagem das drags em sua pesquisa, Anna Vencato (2002, p. 39), estabelece que:

---

<sup>22</sup>Referência à canção de RuPaul (1993)

<sup>23</sup>[...] "Sasha Velour" is an ongoing project, a transformation that goes on and on, reaching beyond my own limits and working to build connections through every genre, every medium, every possible way to reach people

O termo maquiagem faz referência: 1) aos produtos usados para maquiagem o rosto, e 2) ao produto final da aplicação de cosméticos no rosto; enquanto a expressão montaria designa: 1) aquilo que se carrega na mala, ou seja, trajes e acessórios; 2) trajes e acessórios já postos/montados sobre o corpo; 3) maquiagem pronta somada a trajes e acessórios; 4) todo o conjunto que se vê montado de/em uma drag.

A escolha pela maquiagem se dá por ela ser um dos principais fatores da metaincorporação. É o uso do rosto como tela para a criação de uma personalidade que vai sendo construída a cada pincelada de maquiagem (Vencato, 2002). Portanto, a considereei como etapa inicial para a construção de Gisele e objeto de registro.

Como o que me interessa inicialmente é justamente o processo muito mais do que o resultado final em si, optei por alguns métodos de registro, que vou descrever e justificar a seguir.

#### 4.1 DOS MÉTODOS ESCOLHIDOS

O primeiro método que escolhi utilizar para a documentação do processo da maquiagem foi a fotoperformance. A junção da fotografia com a performance foi escolhida inicialmente porque me lembrei de uma obra realizada por Ana Mendieta, *Untitled (Facial Hair Transplants)* de 1972, que tive a oportunidade de ver na exposição *Ana Mendieta: Silhueta em Fogo*, realizada no Sesc Pompeia em

2024. Na fotoperformance, a artista documenta o processo de colar em seu rosto a barba de um amigo em seu próprio rosto, questionando assim a constituição social da dualidade masculino e feminino, tema esse que é um dos fatores trabalhados pela arte drag (Butler, 2017). Esse foco no processo foi essencial para elaboração da fotoperformance, uma vez que era um interesse em comum com a produção que se apresenta a seguir.

Figura 22: Untitled (Facial Hair Transplants)



Fonte: Ana Mendieta, 1972

Outra importante referência para mim dentro da fotoperformance foram os trabalhos de Úyra Sodoma, com os quais tive contato na 34ª Bienal de São Paulo e na exposição *Histórias LGBTQIA+* realizada no MASP, em 2024. Sodoma se utiliza de elementos orgânicos para se transformar em uma árvore que anda, com a qual realiza performances que são documentadas através da fotografia e do vídeo.

Figura 23: Série Elementar “Lama” (2017) - foto de Keila Sankofa



Fonte: Úyra Sodoma, Keila Sankofa, 2017.

Essas duas referências foram essenciais para estabelecer o uso da fotoperformance como meio de registrar a performance. Acho importante pontuar que, Anna Vencato, em suas observações a respeito dos processos de camarim de drag queens, vai dizer que:

Talvez esse momento de transformação lhes confira uma espécie de fragilidade simbólica. É um corpo de homem, afinal, seminu, transformando-se em um feminino que, mesmo que lhe caia bem, não lhe foi dado o direito de uso. É apenas o produto final do que se processa no camarim que *pode* e *precisa* ser exposto. Por essa razão, tirar fotos desse momento poderia ser caracterizado como uma atitude indelicada em relação ao *ethos* desse grupo. (Vencato, 2002, p. 41, grifos da autora)

Acredito que essa característica da drag já se alterou com *reality shows*, como *RuPaul's Drag Race* (2009 - atualidade) e com o advento da *internet*, em que drags filmam e postam seus processos constantemente (Velour, 2023). O processo deixou de ser deixado de lado, e tomou um certo protagonismo.

Outra importante referência artística para o processo da fotoperformance foi a fotógrafa americana Nan Goldin, que ficou conhecida por suas fotos do cotidiano, intimidade e pessoas LGBTQIAPN+. Em seu livro *The Ballad of Sexual Dependence* (1985), a artista fazia uso de disparo automático para tirar fotos mais espontâneas, e realizando uma seleção a partir das fotografias tiradas nesse processo.

Figura 24: Nan and Brian in Bed, New York City. 1983. (1983)



Fonte: Nan Goldin , 1983

Após a realização da maquiagem, também fiz uma transferência utilizando lenços demaquilantes para registrar o resultado desse processo de maneira gráfica, além de fotografias da mesa onde trabalhei.

Optei por dividir a fotoperformance em dois momentos: primeiramente realizo reproduções de maquiagens ou elementos da maquiagem de drags que acompanho e trago como referência para mim. A ideia desse momento inicial é justamente aprender com os processos de outras drags, que podem me auxiliar na construção da minha personagem. O que se assemelha com o que Sasha Velour (2023, p. 94) relata de suas primeiras experiências se montando: “Graças a internet e minha própria determinação, eu aprendi a como me parecer com a drag queen que sempre sonhei, ou até mais!”<sup>24</sup>

Em seguida, realizei testes de maneira independente, pensando no que eu havia gostado nos processos realizados anteriormente e no que combinaria com a pessoa que eu gostaria de me metaincorporar. Finalizando o processo na criação de um *moodboard* para a personagem.

Para a realização dessas etapas, elaborei o cronograma a seguir:

---

<sup>24</sup>.Thanks to the internet and my own determination, I learned how to look like the drag queen I had always been dreaming of, and then some!.

**Quadro 1:** Cronograma de realização de montações

<b>Data</b>	<b>O que foi feito</b>
16/07/2025	Baseada no tutorial da Miss Fame
17/07/2025	Baseada na make de Sasha Velour
18/07/2025	Baseada na make de Aquaria
19/07/2025	Teste para esconder sobrancelha
21/07/2025	Baseada na make de Veronika
25/07/2025	Baseada na Make de DaCota Monteiro
26/07/2025	Baseada na make de Natasha Princess
27/07/2025	Teste boca
29/07/2025	Teste de sobrancelha
06/08/2025	Teste de olho
07/08/2025	Teste de contorno e iluminação de rosto
12/08/2025	Teste de rosto I
13/08/2025	Teste de delineado
21/08/2025	Teste de rosto II
23/08/2025	Teste de rosto III
28/08/2025	Teste de rosto IV
29/08/2025	Teste de rosto V
15/05/2025 - 30/08/2025	Criação de <i>moodboard</i> estético para Gisele.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

O cronograma foi elaborado de acordo com a minha rotina, além de intervalos e testes menores para um respiro para pele, uma vez que a maquiagem é bem pesada e é necessário tomar os cuidados necessários para não desgastar o rosto. Esse tempo também permitiu a realização de registros do que eu gostei em cada uma e o que eu achava que devia melhorar.

Todas as etapas foram realizadas em meu quarto, que se tornou meu camarim durante todos esses dias. Por questões de espaço e também praticidade, optei por utilizar a *webcam* do meu computador para a realização dos registros, fazendo com que as fotos apresentassem um pequeno ruído que me interessa. Elas são mais granuladas e menos nítidas do que a de uma câmera profissional, o que proporciona mais uma camada estética para as imagens. Marina Leitão Mesquita, em seu artigo que investiga a sociabilidade *online* drag queen, vai comentar que: “a popularização de aparato tecnológico da era digital torna a produção de imagens muito mais acessível, borrando as fronteiras entre as categorias profissionais e amadores” (Mesquita, 2019, p. 139).

Portanto, faz sentido utilizar um equipamento digital para a produção das fotos de um processo que busca borrar limiares e os sentidos do comum e cotidiano, como é o caso da drag. Tendo como resultado visual também esse borrimento das fronteiras profissionais e amadoras. Realizei as fotos posicionando o computador sempre no mesmo lugar e programei a webcam para disparar a cada dez segundos, privilegiando a iluminação natural para ter uma certa produção sem perder a intimidade, já que a performance aconteceu em meu quarto.

A seguir, apresento as fotografias selecionadas como parte da fotoperformance, com uma curta elaboração sobre cada um dos processos.

#### 4.2 MONTANDO, GISELE

Figura 25: Miss Fame



Fonte: Marcelo Cantu, [201- ?]

































Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

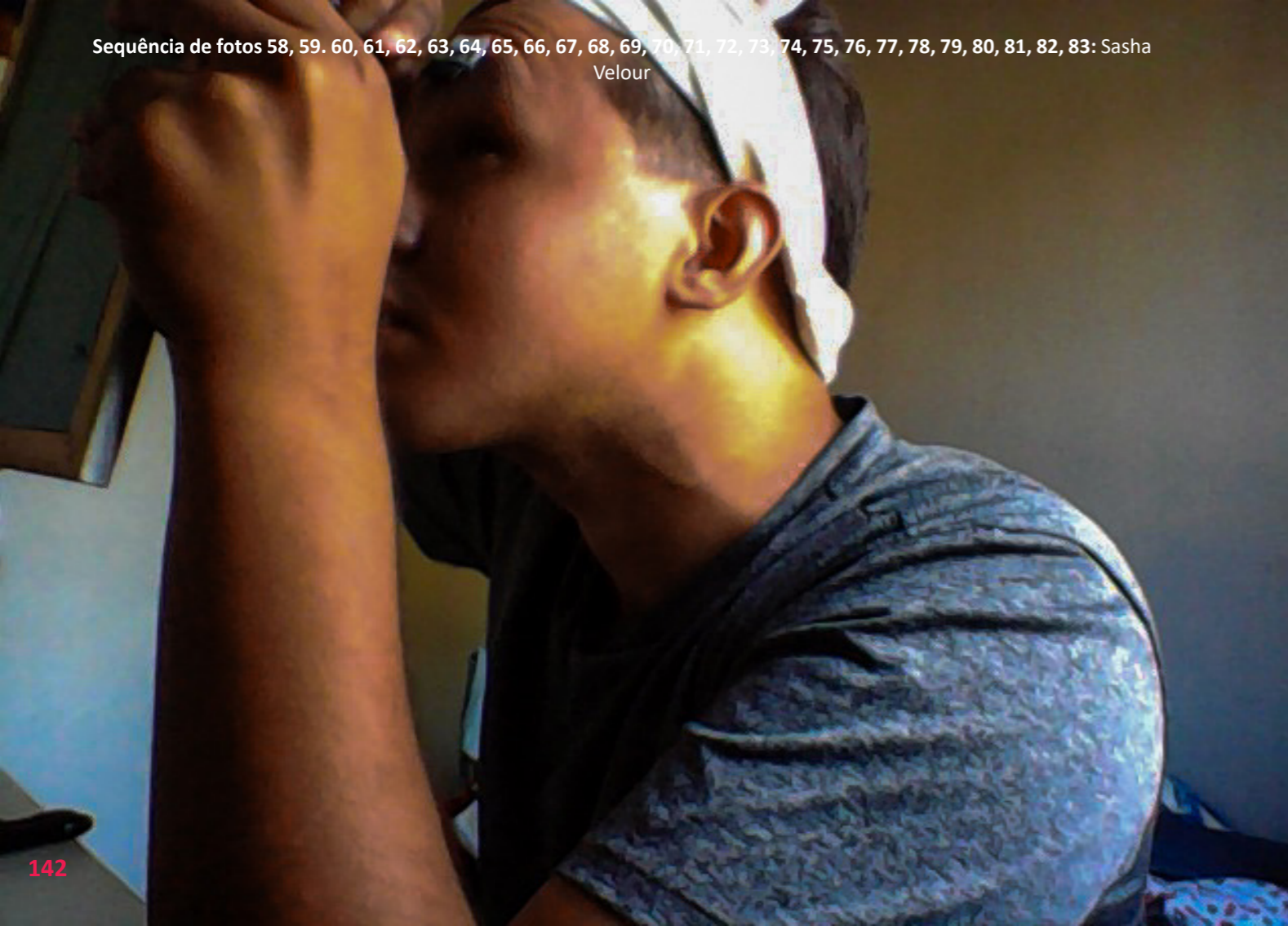
A opção de começar o projeto com tutoriais feitos por drags que participaram de *RuPaul's Drag Race* (2009 - atualidade) foi feita devido a minha proximidade com o programa, e acredito que muitas das drags brasileiras também o têm como referência. Os tutoriais de Miss Fame, participante da sétima temporada de *Drag Race*, são quase sempre citados como os melhores por outras drags que acompanho, como Desirée Beck, que diz inclusive que a Miss Fame é a mãe drag dela por ter se baseado em um tutorial dela para a sua primeira montagem.

Foi um processo bem extenso, a construção da maquiagem foi demorada, principalmente os olhos, que acredito que foi onde tomei mais tempo. Eu gostei bastante do resultado final, achei que destacou as formas do meu rosto. Começar pelo olho me pareceu uma boa opção de método porque, se algo der errado, não é necessário recomeçar e a área afetada é relativamente pequena. Ao final da maquiagem eu me senti muito bonita, quase como se fosse outra pessoa, ainda que eu não tenha utilizado peruca ou vestimentas para construir a personagem como um todo.

Figura 57: Sasha Velour



Fonte: Tanner Abel e Nicholas J. Needham, 2023.





























Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

Sasha é autora de um dos livros mais utilizados durante a pesquisa, além de ganhadora da nona temporada de *RuPaul's Drag Race*. Seu *lipsync* de *So Emotional* de Whitney Houston (1987) é um dos momentos mais icônicos do programa, em que ela retira sua peruca deixando cair sobre ela diversas pétalas de rosas. No tutorial que segui, ela realiza justamente a maquiagem com a qual ela realiza algumas fotos para o livro, incluindo a da capa. A escolhi não só por admirar muito o trabalho dela, mas porque a maquiagem dela sai do tradicional, ainda que esteja dentro do que é considerado glamuroso.

Talvez por falta de habilidade fui incapaz de realizar a icônica sobrelha dela e me senti bem feia, acho que o tamanho da boca também não ornou muito com meu rosto, e parecia que eu estava fora de mim, de maneira negativa. Com essa maquiagem determinei que queria realmente ir para um lado mais *queen* nas minhas montagens, não necessariamente glamuroso, mas mais pensado para o feminino.

Figura 84: Aquaria



Fonte: Tanner Abel, 2018

Sequência de fotos 85. 86. 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113: Aquaria









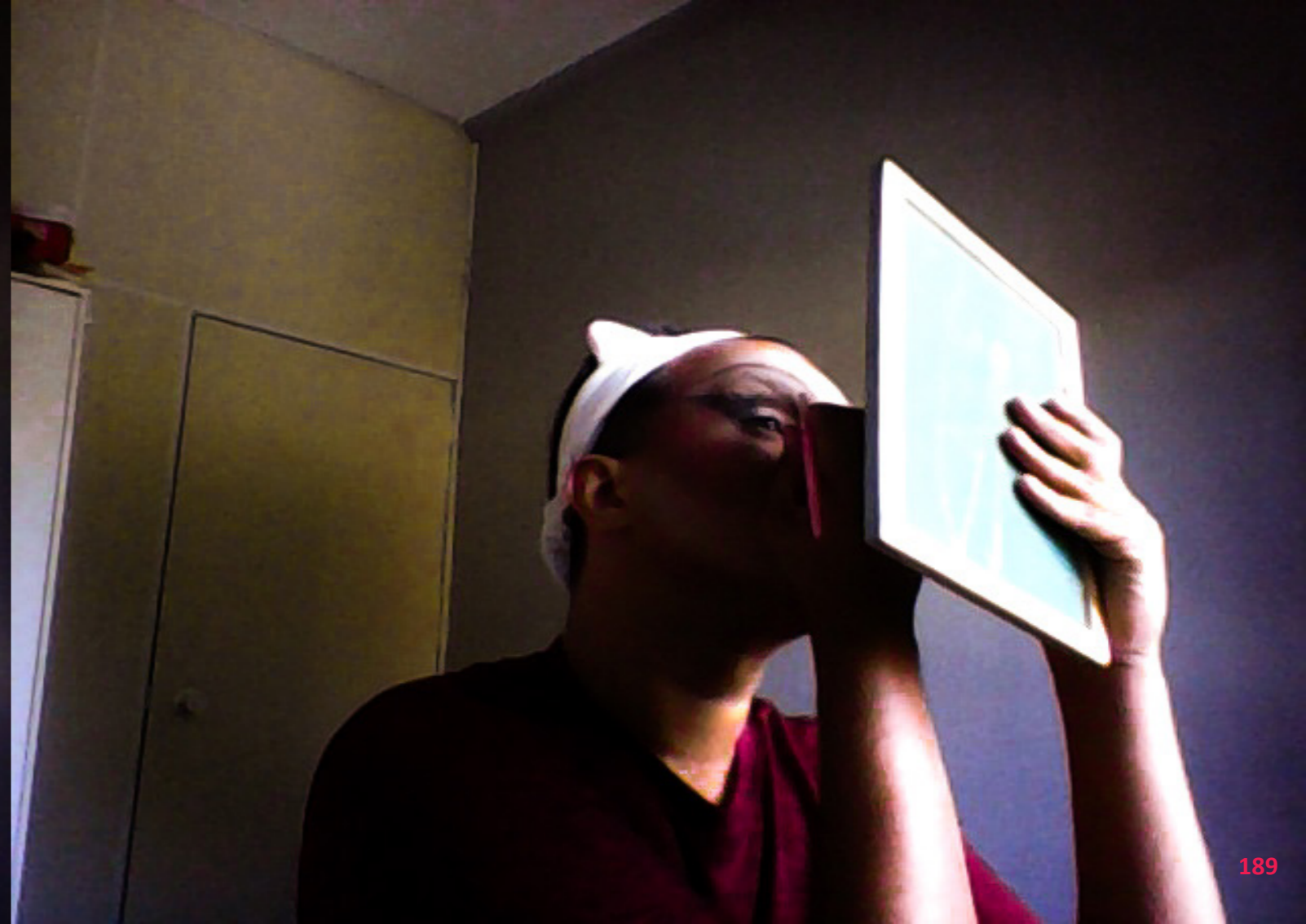










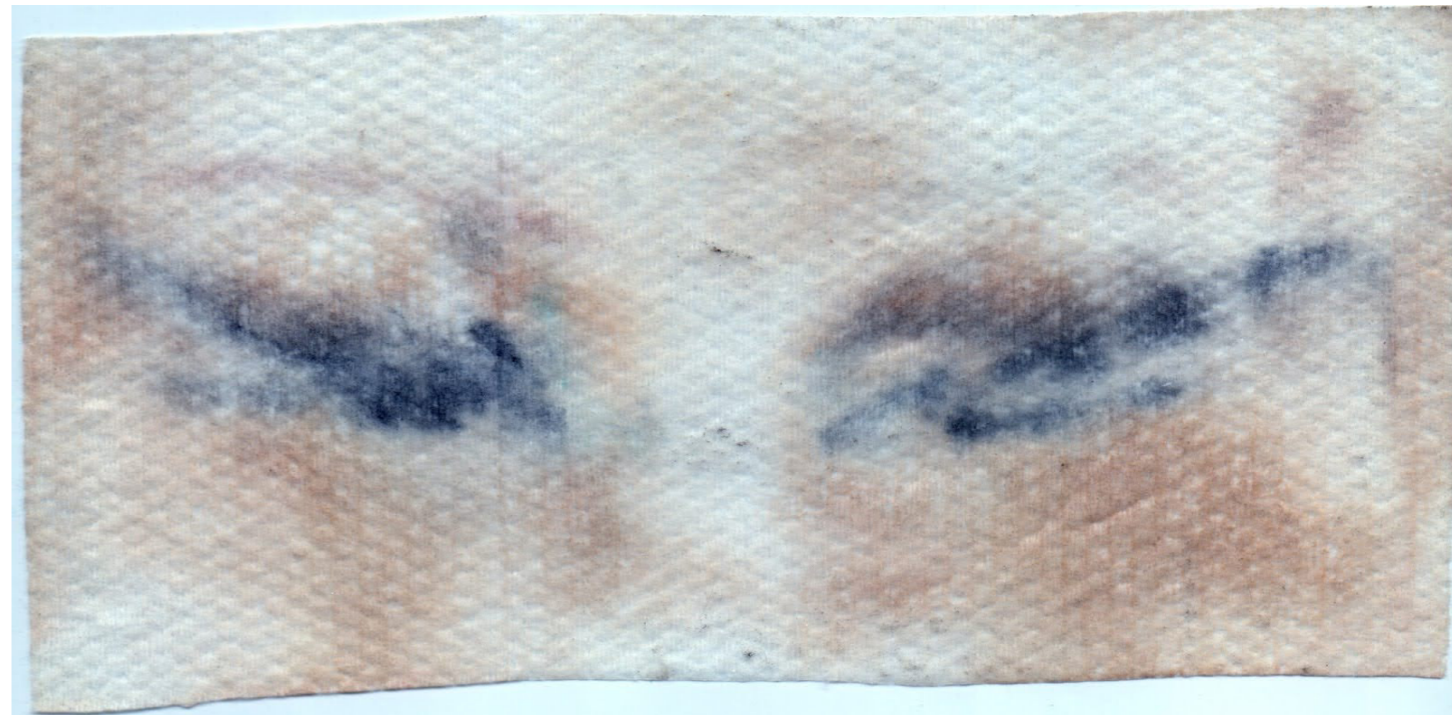














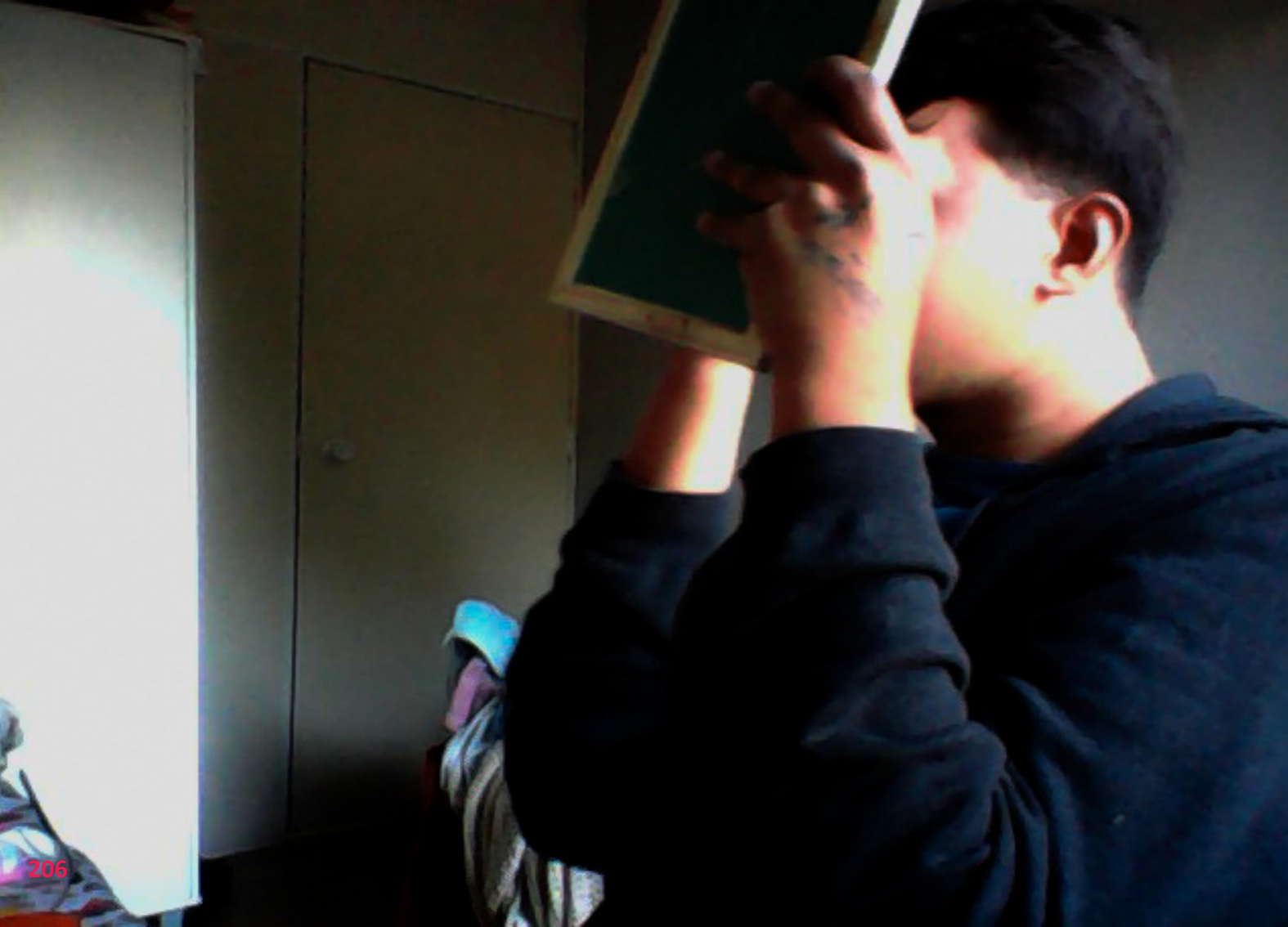
Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

Aquaria é ganhadora da décima temporada de *Drag Race* (2009 - atualidade), a primeira que assisti. A maquiagem dela foi o que mais me encantou durante a temporada e a considero extremamente influente para outras drags que adotaram dela delineados marcantes e com formatos diferentes. Como é o caso do tutorial que segui, em que ela faz uma abertura no meio da pálpebra. Foi extremamente difícil executar esse efeito, e também lidei com um problema muito grande que é a simetria. Entendi, com esse tutorial, que o delineado gráfico não é tanto meu estilo, e que prefiro a técnica de Miss Fame para executar esse efeito a partir do esfumado.

Sequência de fotos 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123: Esconder sobrancelhas











Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

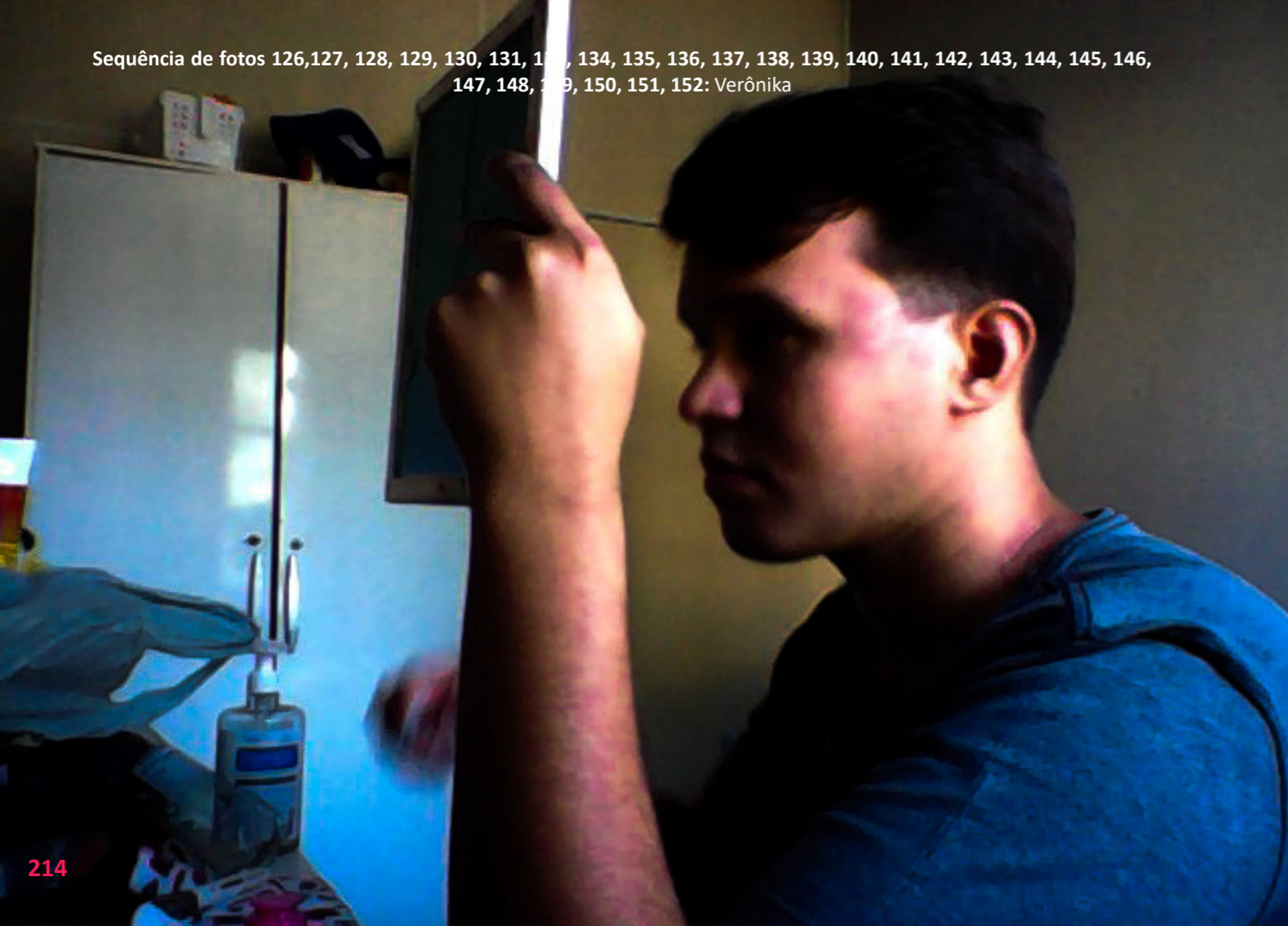
Nem toda drag esconde suas sobrancelhas, mas eu considerei uma etapa importante nesses processos por justamente permitir redesenhar e exagerar formatos em meu rosto, coisa que muito me interessava. Utilizei cola e corretivo salmão para neutralizar o tom escuro da sobrancelha, além da base. O teste consistiu em camadas de cola diferentes em cada sobrancelha e a partir delas delimitar a quantidade ideal para evitar craquelamento e a aparição da sobrancelha. Para mim foram quatro camadas. Também notei que passar o corretivo salmão e depois selar com o pó ajudou a segurar tudo no lugar.

Figura 125: Verônica



Fonte: Luxo Pop Show Feat, 2011

Sequência de fotos 126,127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152: Verônica













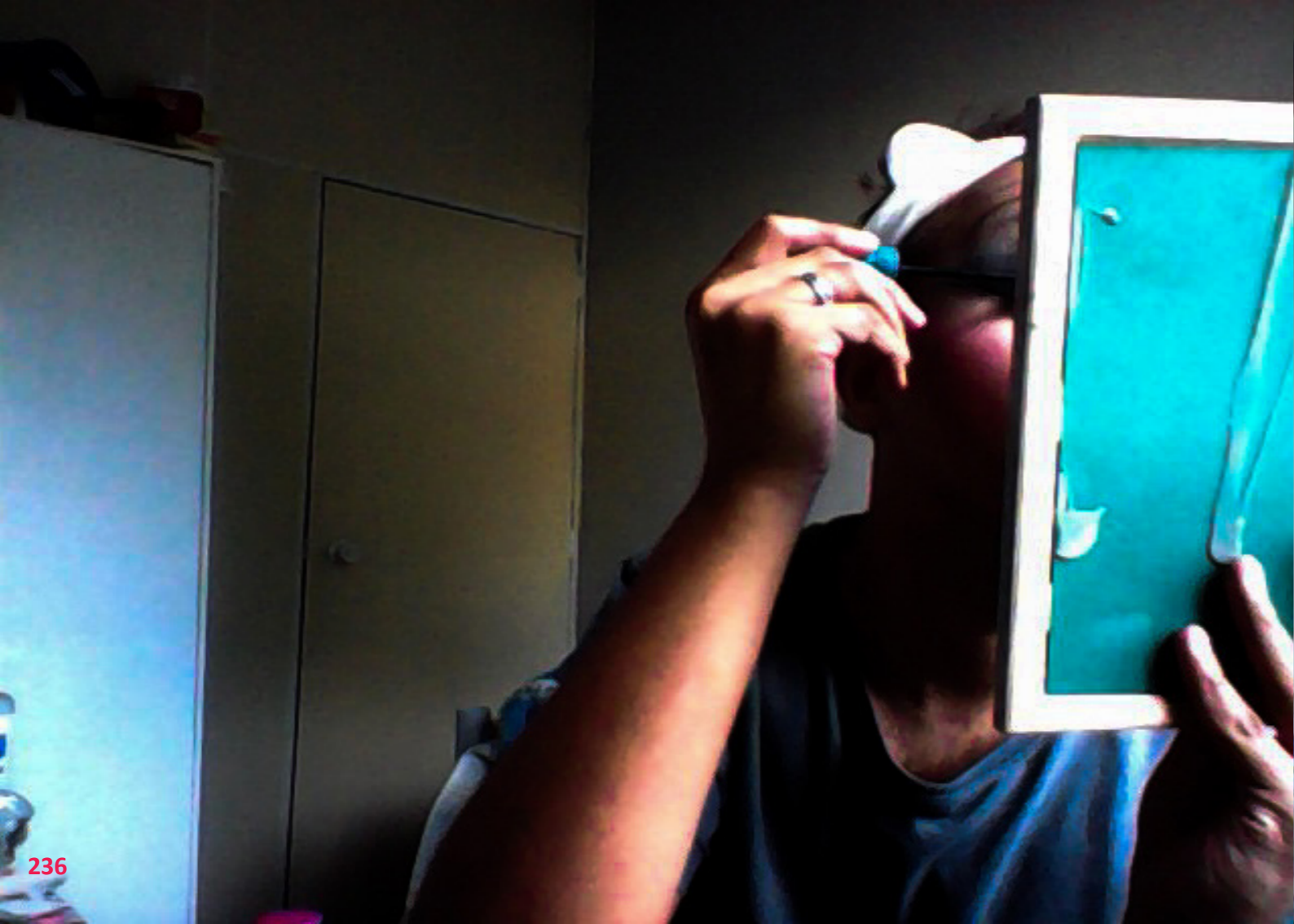










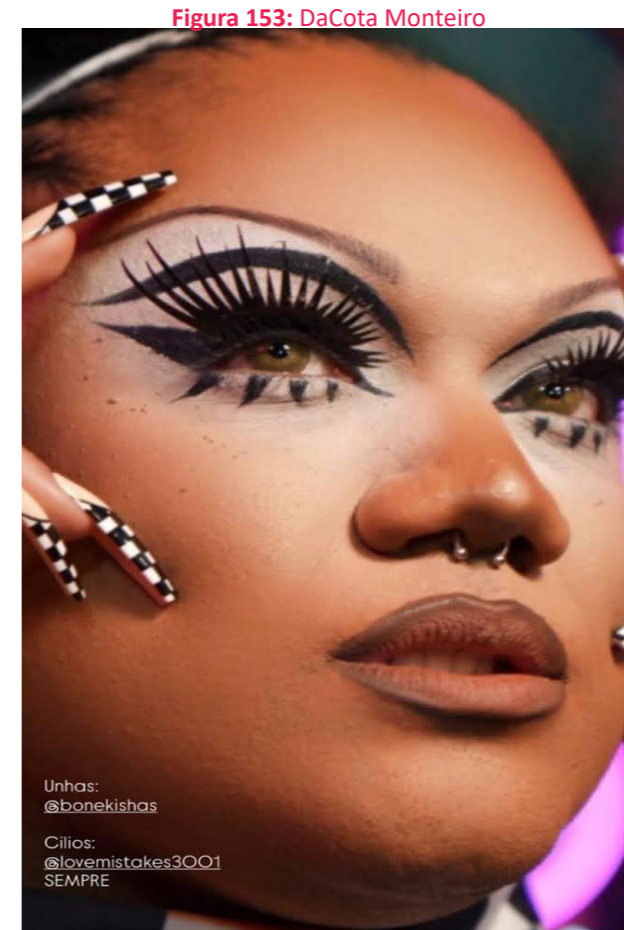






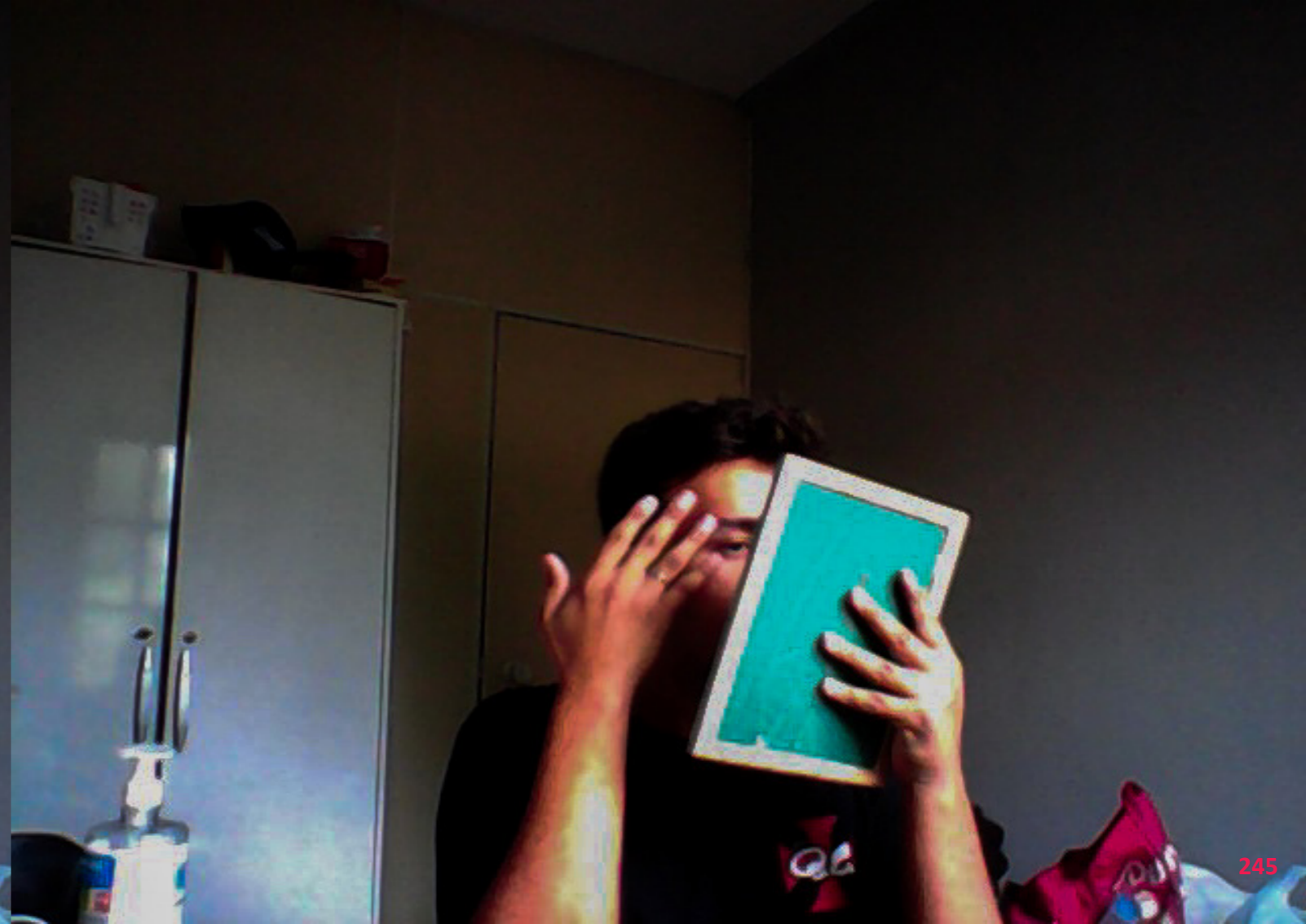
Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

Verônica foi uma figura muito importante para o cenário drag de São Paulo nas décadas de 1990 e 2000. Como documentado por Érika Palomino em Babado Forte, Verônica foi a responsável pela criação do termo top drag e trouxe novos paradigmas de moda para a drag brasileira, além de ser uma excelente performer. Me baseei em fotos para a recriação da maquiagem, foi de longe o meu resultado favorito. Realmente, ela parecia estar muito à frente de seu tempo porque a maquiagem dela ainda é muito atual e polida. Nas palavras dela: “Minha drag é uma boneca de látex: boto uma peruca gigante, próteses e já usei meias de borracha - foi o mais realista que consegui chegar” (Verônica apud Palomino, 2024, p. 294). E é justamente essa mutabilidade que eu quero que Gisele possua, que ela possa ir de Loira Fatal à alienígena, assim como Verônica ia. Sendo, também, um espaço de experimentação comigo e com meu corpo. Essa é a única etapa da maquiagem que não possui o registro em lenço demaquilante, porque após realizar o processo o deixei secando na janela e ele acabou voando.



Fonte; Instagram da artista @dacotamonteiro, 2025

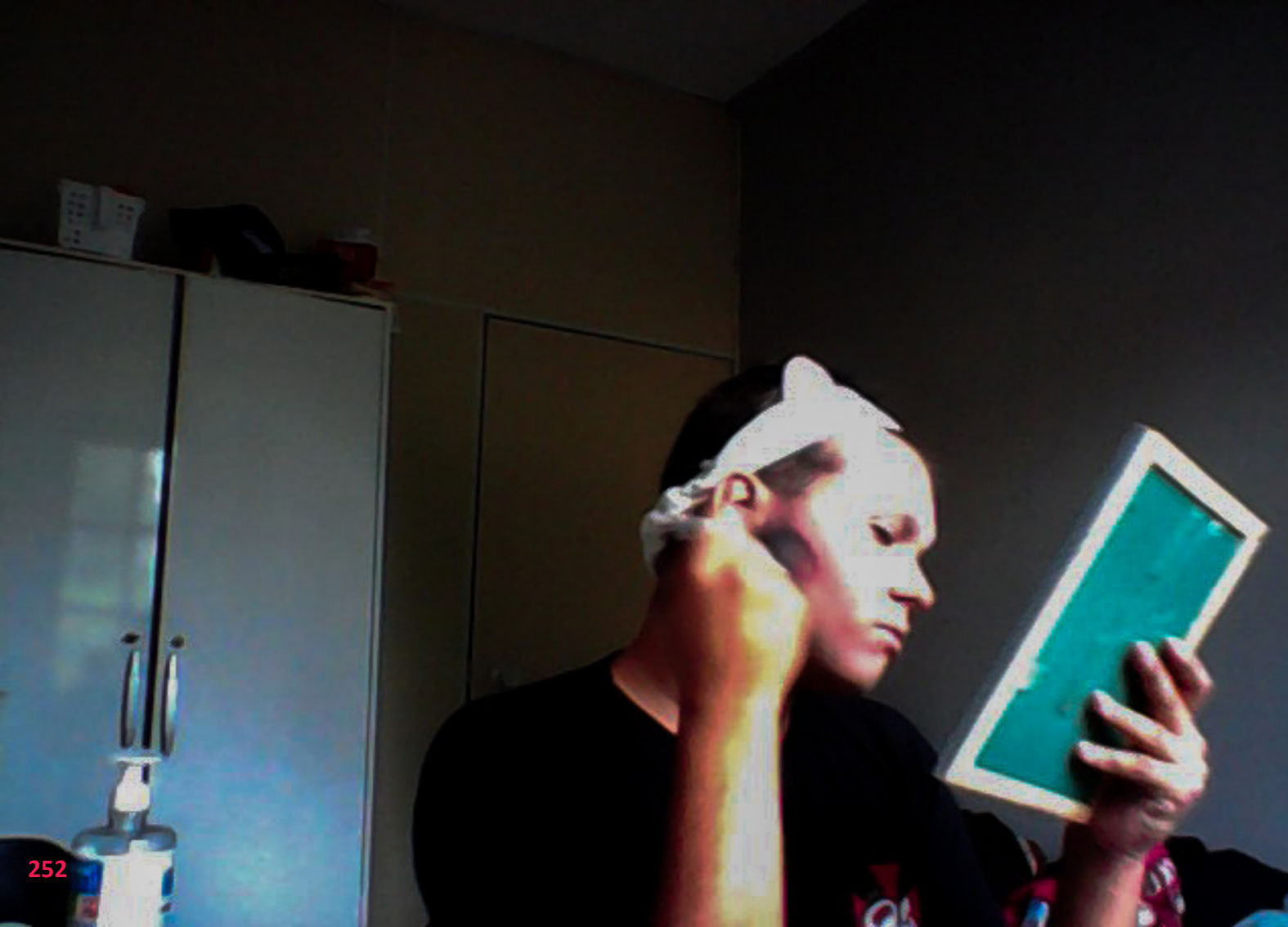
Sequência de fotos 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173,  
174, 175, 176, 177, 178, 179, 180: DaCota Moneiro





























DaCota é uma drag queen e influencer que eu acompanho desde que comecei a assistir *RuPaul's Drag Race* (2009 - atualidade) porque seu conteúdo na época era comentar realities de drag e participar de alguns na internet como *TNT Drag (The Next Talented Drag)* (2020), apresentado por Desirée Beck. A escolhi principalmente pela técnica de contorno que ela utiliza, que dá muito destaque ao nariz, justamente como uma maneira de destacar seus traços. Me utilizei de um vídeo tutorial curto feito no *TikTok* e de uma foto de um dos looks utilizados por ela que trazia a maquiagem como elemento central.

Monteiro utiliza bastante o *clown* (produto de maquiagem) para a construção de suas maquiagens como sombra, delineador, para clarear ou escurecer áreas de seu rosto. O que eu considerei bastante interessante de se trabalhar, além de ter sido uma materialidade nova para mim. Apesar de não ser meu resultado favorito, foi um dos que me ajudou a trabalhar melhor com os produtos que eu tenho.

Figura 181: Natasha Princess



Fonte: Alex Santana, 2025

Sequência de fotos 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207: Natasha Princess















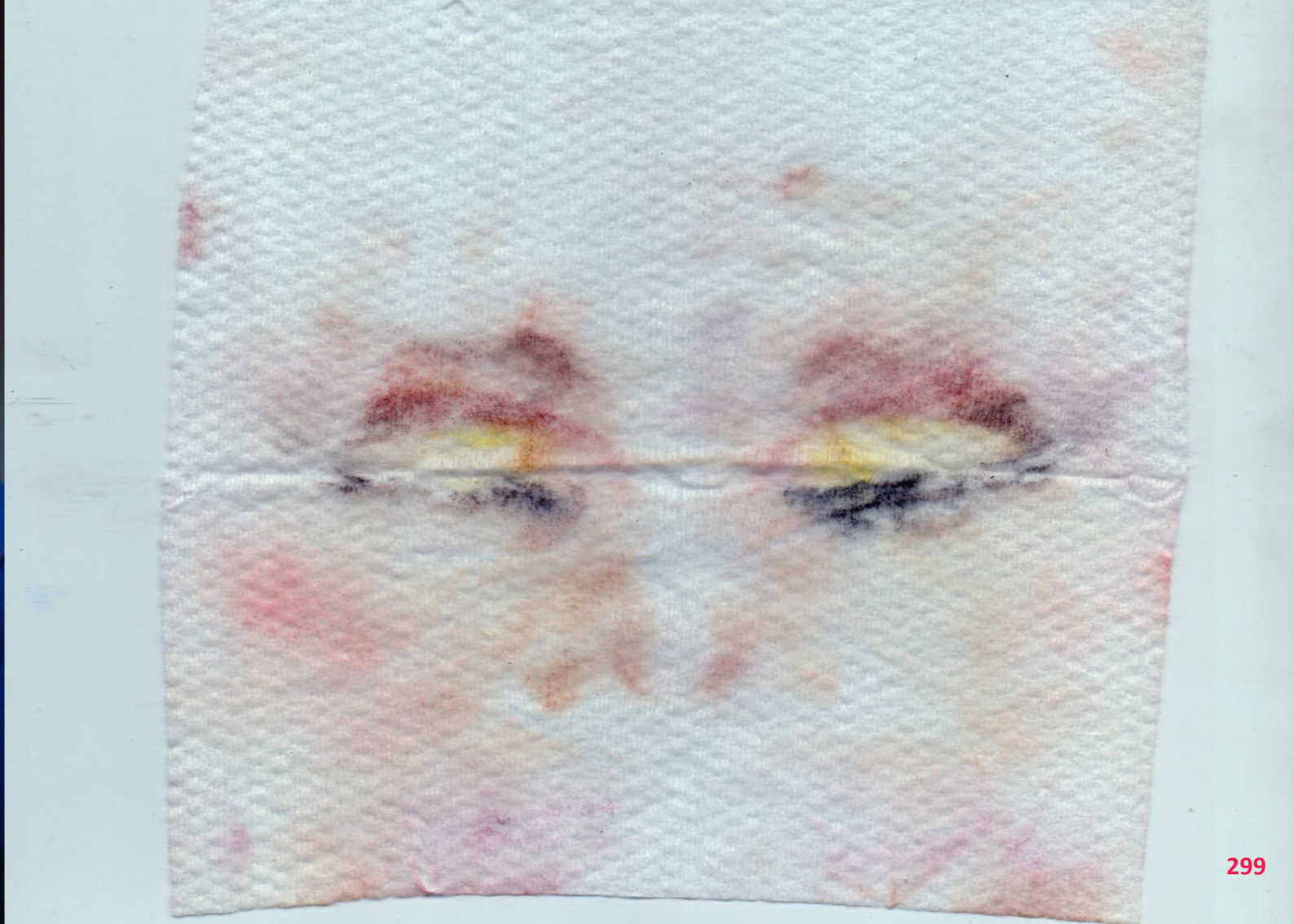














Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

Natasha é considerada a sucessora do legado de Márcia Pantera no bate cabelo, além de performer muito potente, tendo uma maquiagem que carrega tanta força quanto suas performances. Eu a conheci através de um vídeo viral em que, depois de se maquiar, ela se filma falando “então tá...” em tom de deboche. A partir daí comecei a acompanhar seu trabalho na *internet* e ver suas apresentações ao vivo algumas vezes. A maquiagem da Natasha é muito característica e o formato de olho que ela constrói é muito interessante, sendo quase uma máscara na qual ela utiliza muita cor, o que o torna ainda mais marcante. Também foi um dos meus resultados preferidos, eu gostei muito do olho que ela desenha no meu rosto, foi uma das que, ao final, eu estava me sentindo outra pessoa de um jeito bom, eu estava sentindo a fantasia de ser outra pessoa.

Sequência de fotos 208. 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230 231: Teste de boca



























Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

A boca da drag também é um elemento muito marcante. A presença e a ausência de contornos, as cores, tudo isso importa para a caracterização da personagem. Para os testes me utilizei de algumas referências visuais como Lydia Butthole Kollins, Dawn e Starlet, e também fui mesclando técnicas que aprendi com os tutoriais. Sinto que essa parte ainda é a que tenho certa dificuldade de encontrar uma linha para seguir, o que abre espaço para experimentação.

Sequência de fotos 232.233.234, 235, 236, 237, 238, 239: Teste de sobrancelha



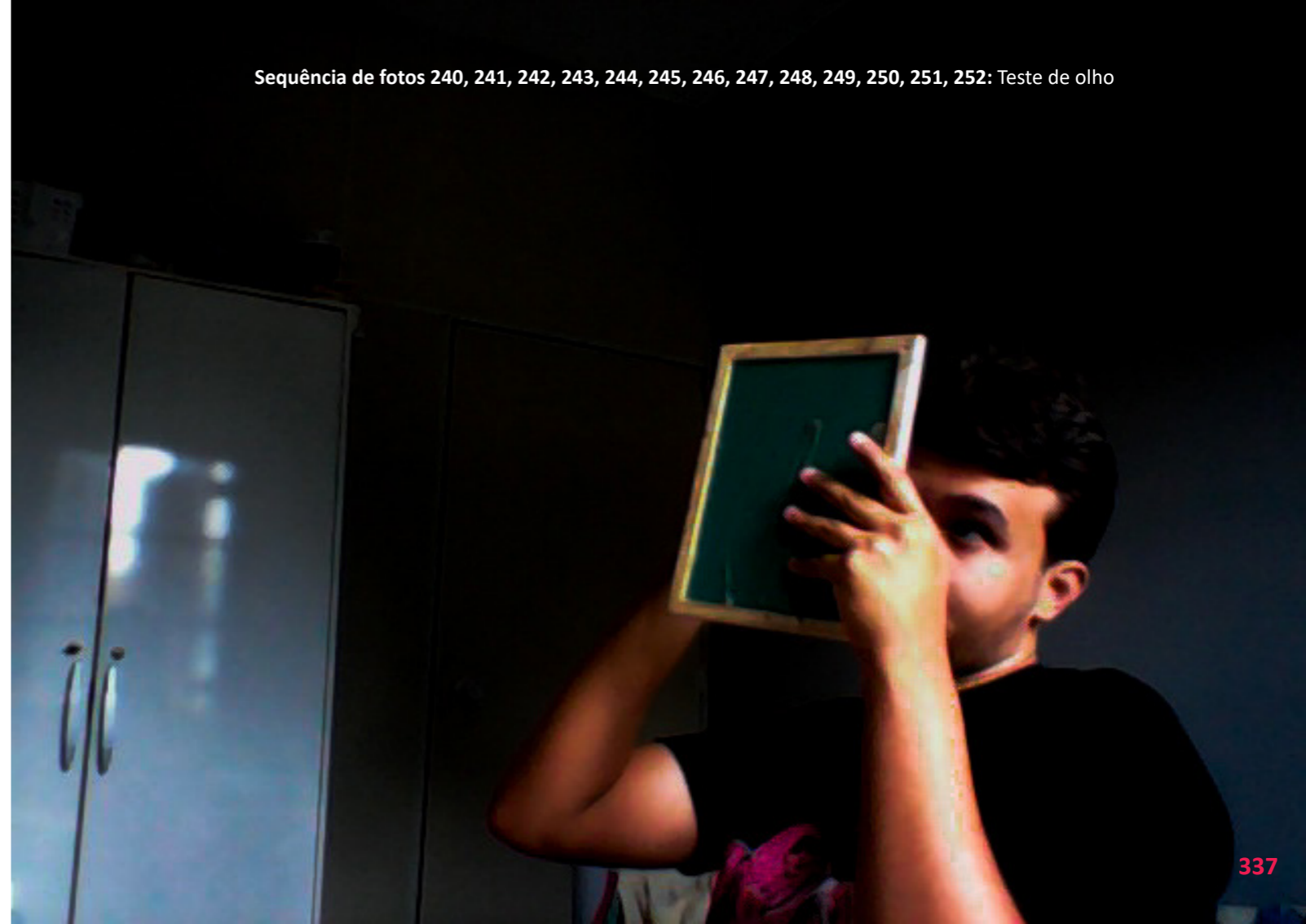






A sobrancelha ajuda a dar expressividade para uma performance, então ela também é um elemento essencial na construção da personalidade da drag. Sasha Velour, por exemplo, tem as sobrancelhas como sua assinatura. Eu sabia que eu queria algo bem intermediário, entre a sobrancelha extrafina muito popular no final da década de 1990 e início de 2000, e a sobrancelha mais grossa e marcada típica dos anos 2010. A maior dificuldade, sem dúvidas, é deixá-la simétrica, porque quando ela está torta fica bem evidente. Também testei uma técnica compartilhada por Marina Summers, uma drag queen filipina que utiliza uma sombra branca para marcar o final da sobrancelha, achei a técnica interessante e comecei a utilizá-la nas montagens seguintes.

Sequência de fotos 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252: Teste de olho



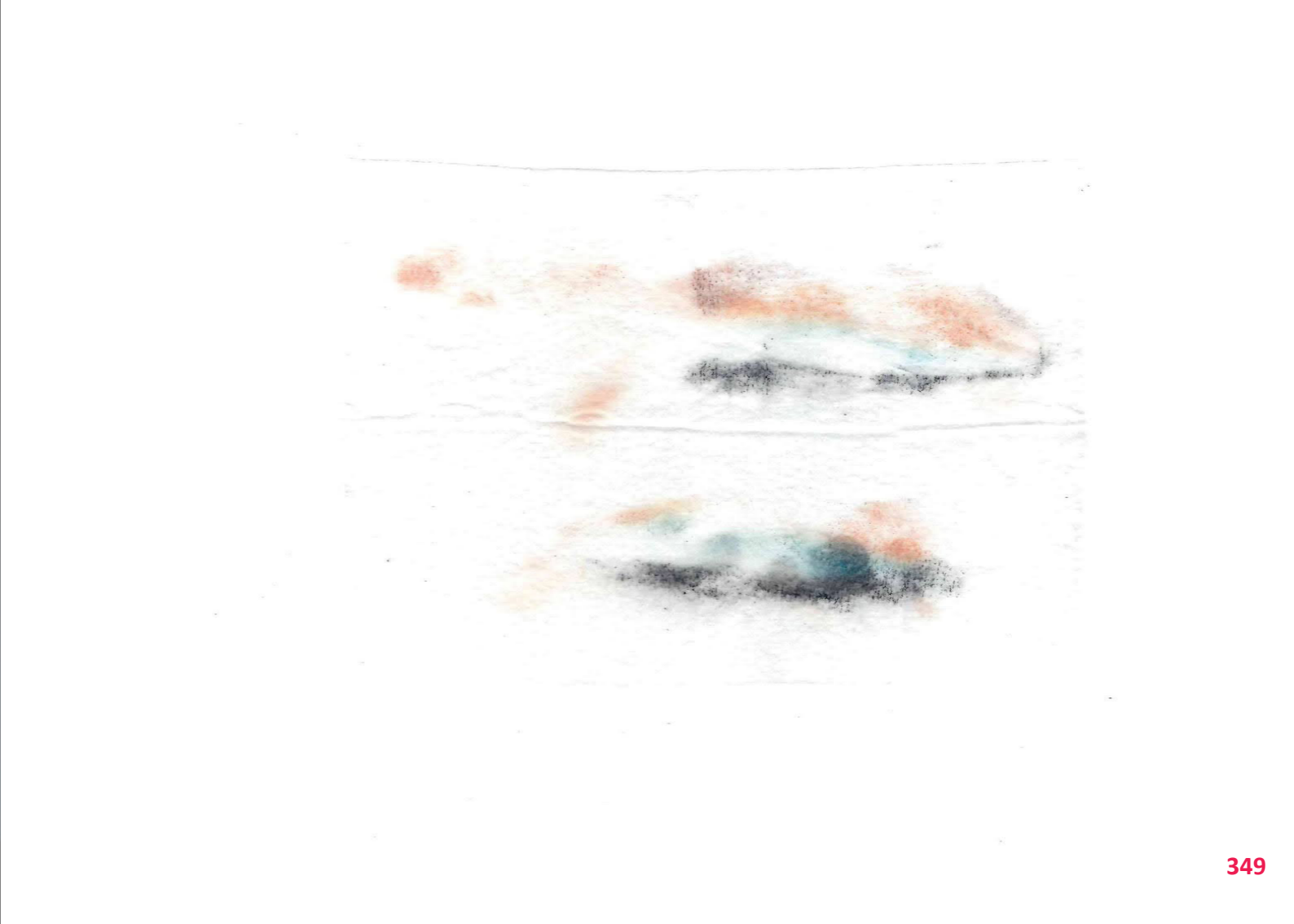














Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

Para iniciar essa nova leva de montações, resolvi começar com um teste de olho. O resultado não foi meu favorito, porque tentei juntar muitos elementos que eu tinha visto de forma quase literal e o resultado ficou próximo de uma bagunça estética para mim. Pude perceber que ainda sou extremamente impreciso em relação aos delineados, o que me levou a, nas próximas vezes que realizei os olhos, procurar maneiras alternativas de realizar esse processo e disfarçar melhor as imprecisões.

Sequência de fotos 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261: Teste de contorno e iluminação









358



359





Como foi mencionado no início do capítulo, a maquiagem para a arte drag é um elemento que ajuda na construção dessa persona esteticamente. Um dos elementos centrais é justamente o contorno e a iluminação do rosto que permite, a partir do jogo de luz e sombra, criar formas e dar formatos ao rosto, destacar elementos e esconder outros. Aqui eu senti que havia melhorado minhas práticas consideravelmente, muito pelo processo de repetição, várias técnicas se tornaram mais fáceis. Eu gostei bastante do resultado final e de como as coisas se assentaram. Parecia haver esse elemento construtivo, de outra pessoa estar surgindo.

Sequência de fotos 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291: Teste de rosto I





























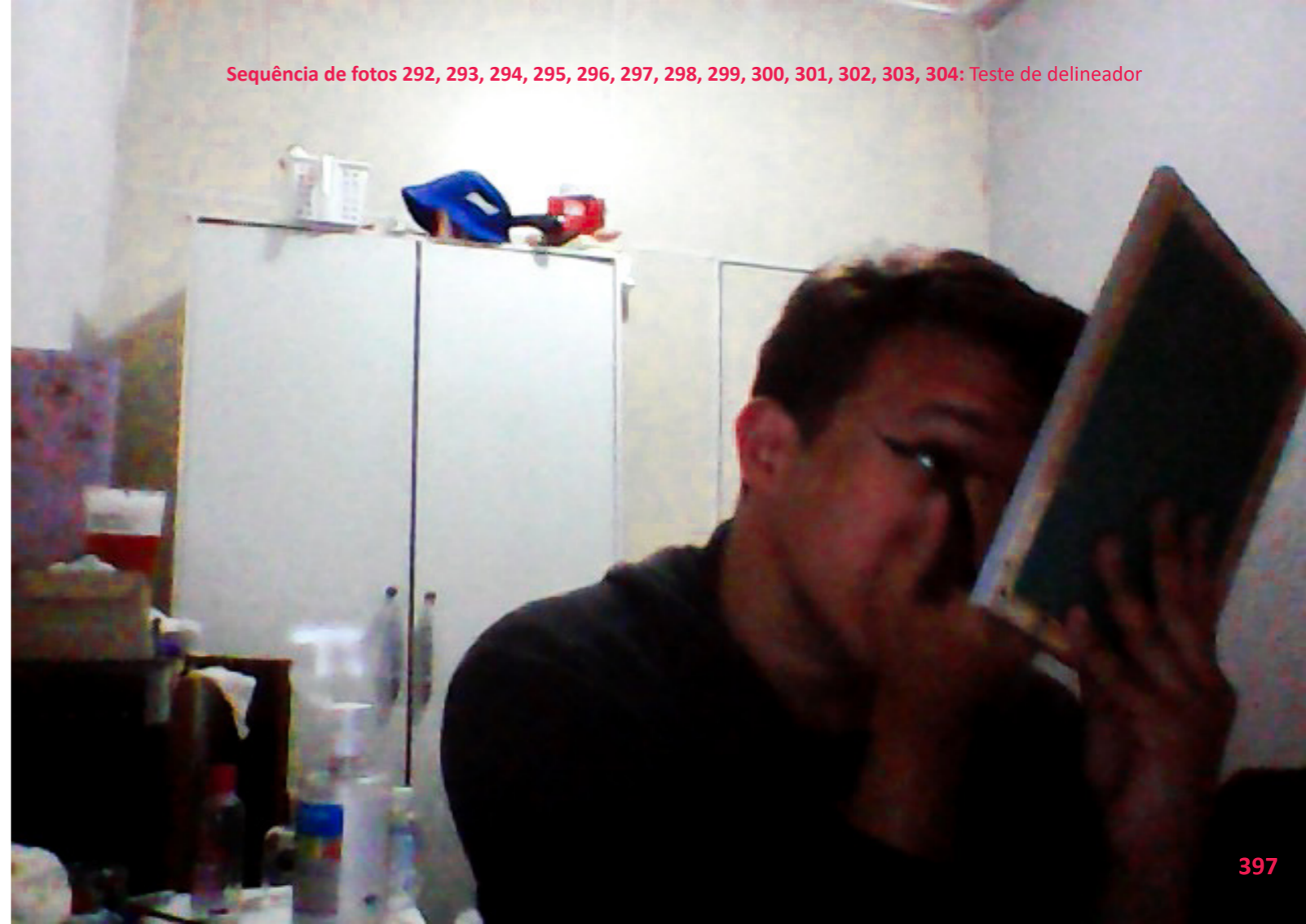




Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

Aqui eu decidi unir os elementos que eu estava estudando de maneira individual para a construção de uma face completa. Consegui notar uma evolução e melhora nos meus processos de maquiagem e acredito que consegui criar algo coeso e que funcionaria como montagem. Porém, ainda senti que o delineador estava impreciso e muito perceptível.

Sequência de fotos 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304: Teste de delineador













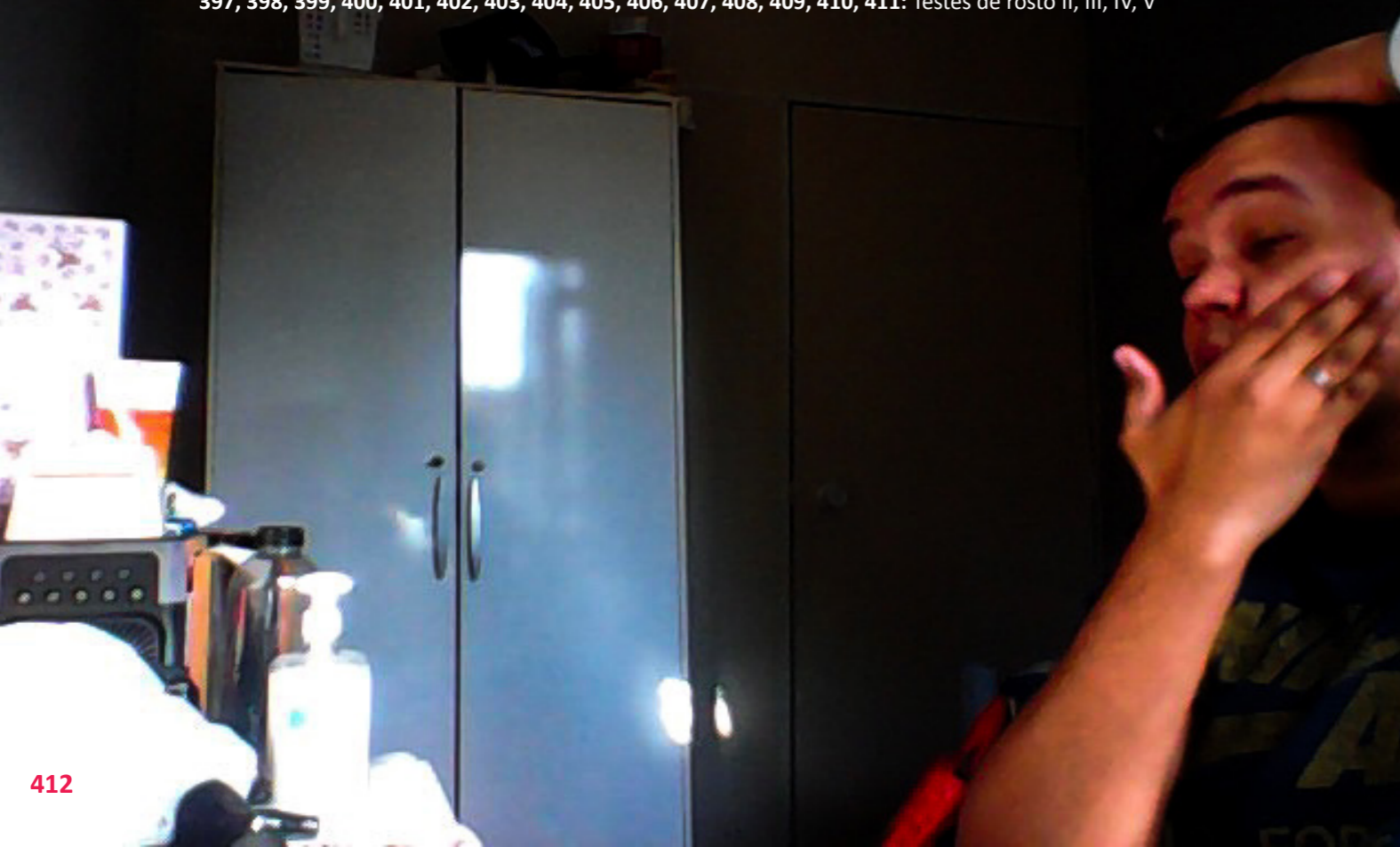




Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

Devido a constatação da imprecisão no delineador, realizei testes de alguns produtos, analisando a inclinação e outros elementos. Senti uma melhora considerável nesse processo e considero que entendi um pouco melhor o funcionamento desse elemento da maquiagem em meu rosto.

Sequência de fotos 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411: Testes de rosto II, III, IV, V





414



415







420



421

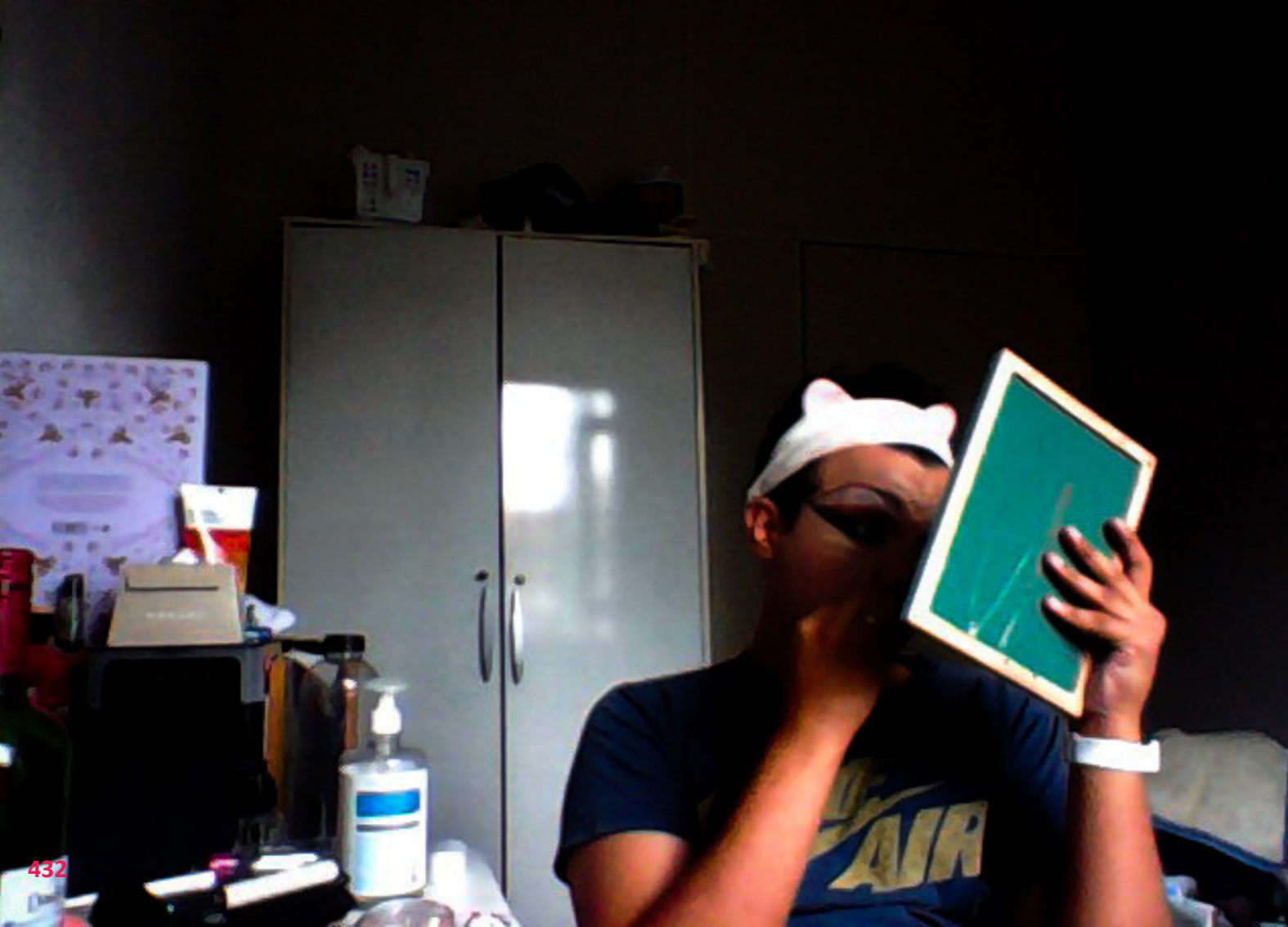




























448



449







454



455





458



459



460



461









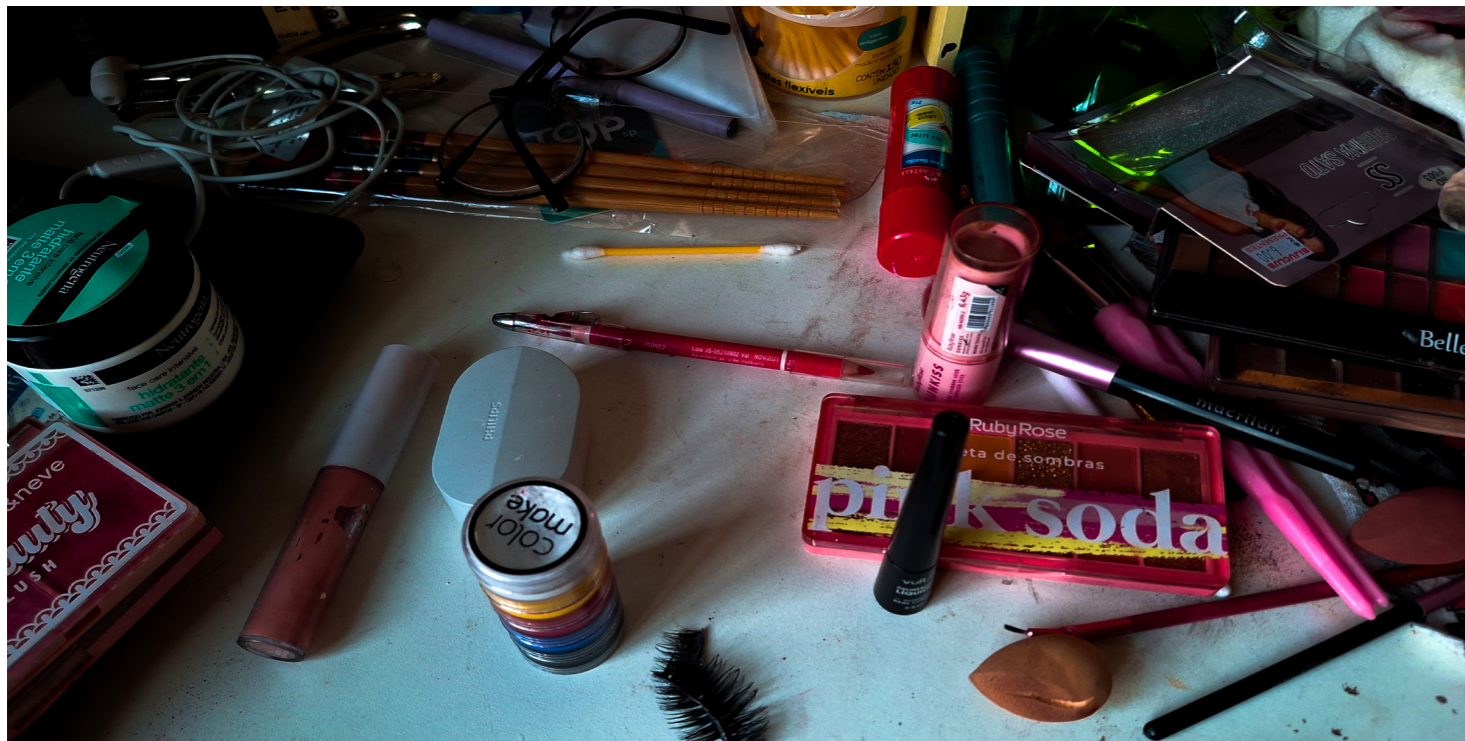


470



471











480

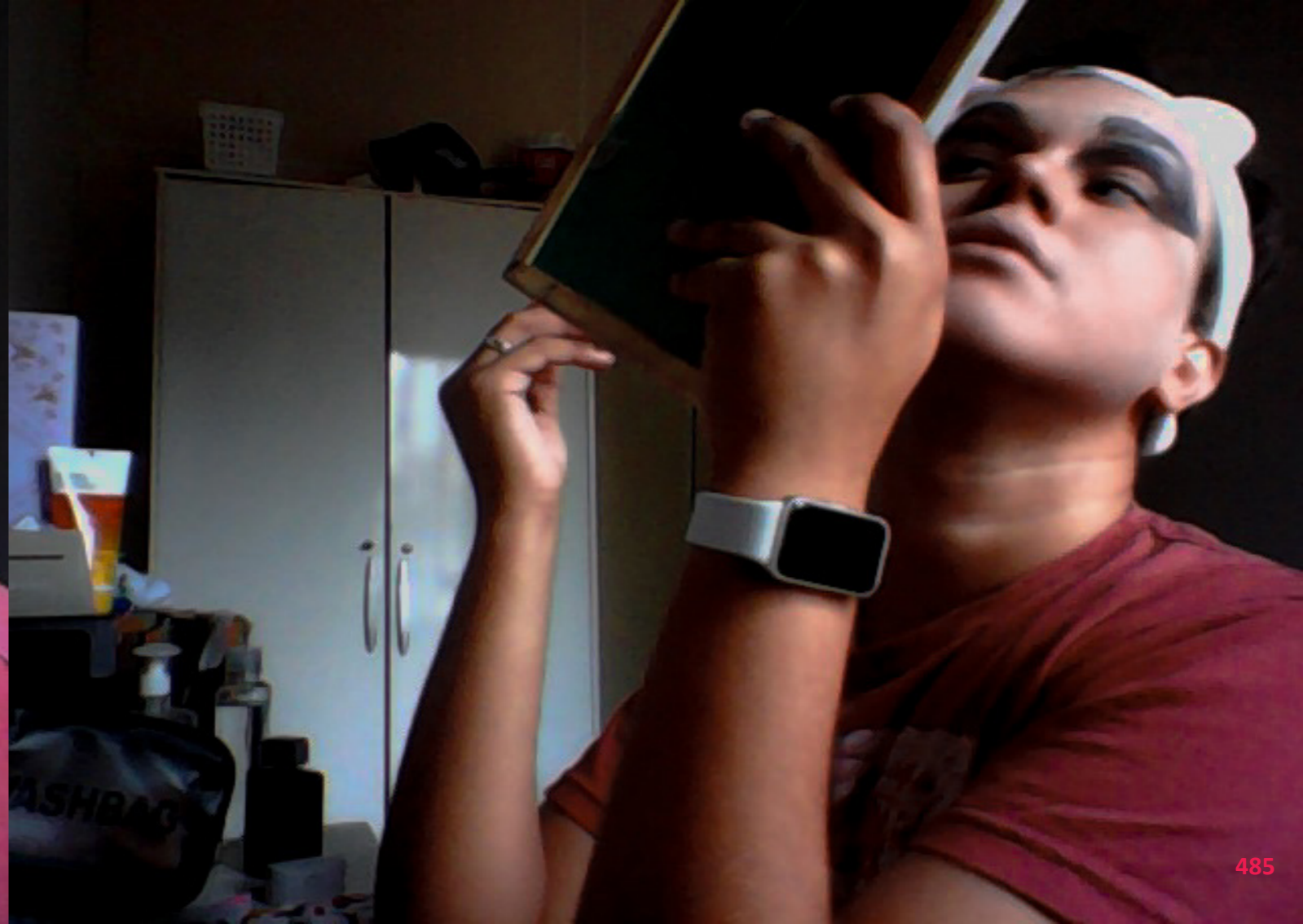


481





484

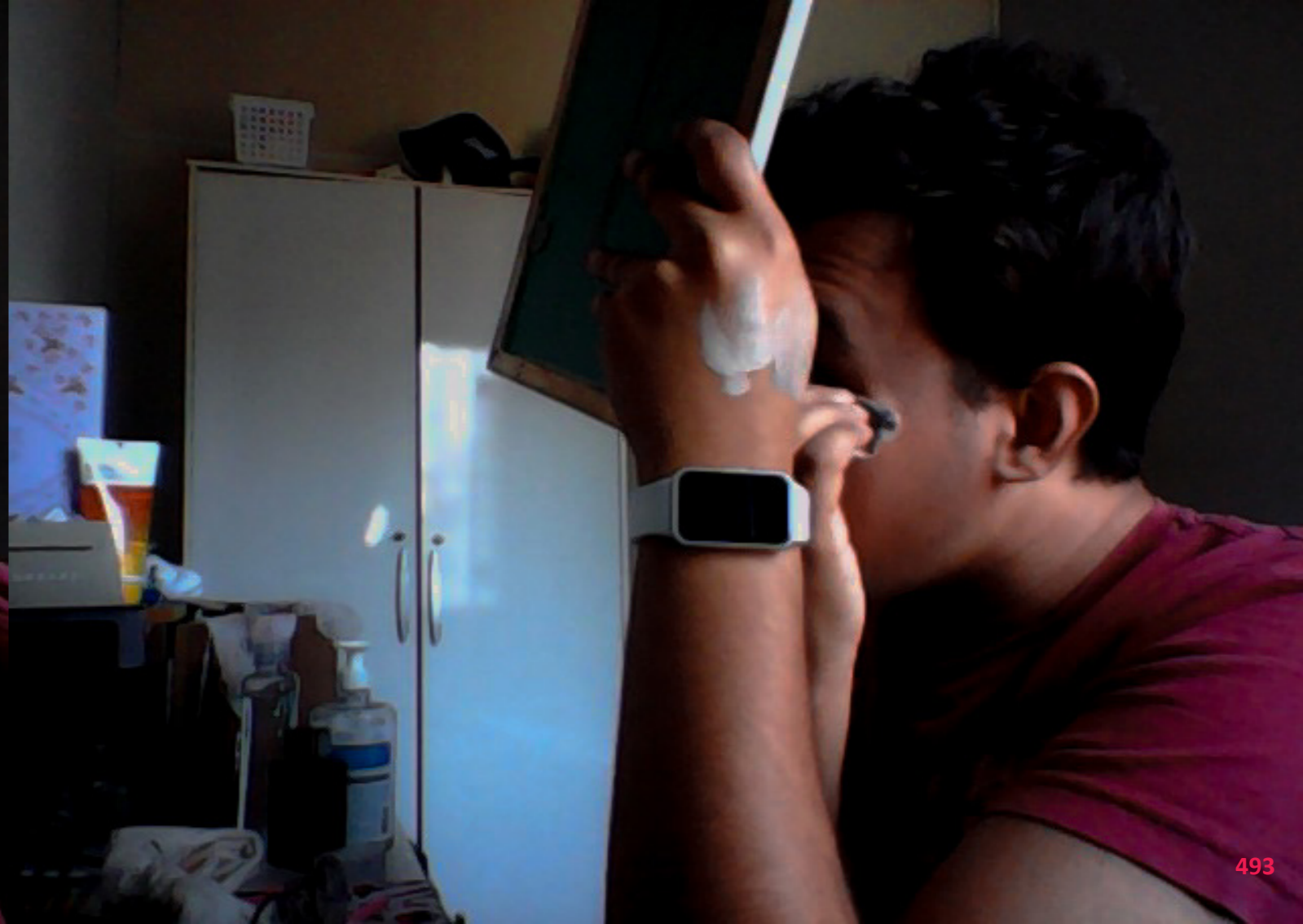


485























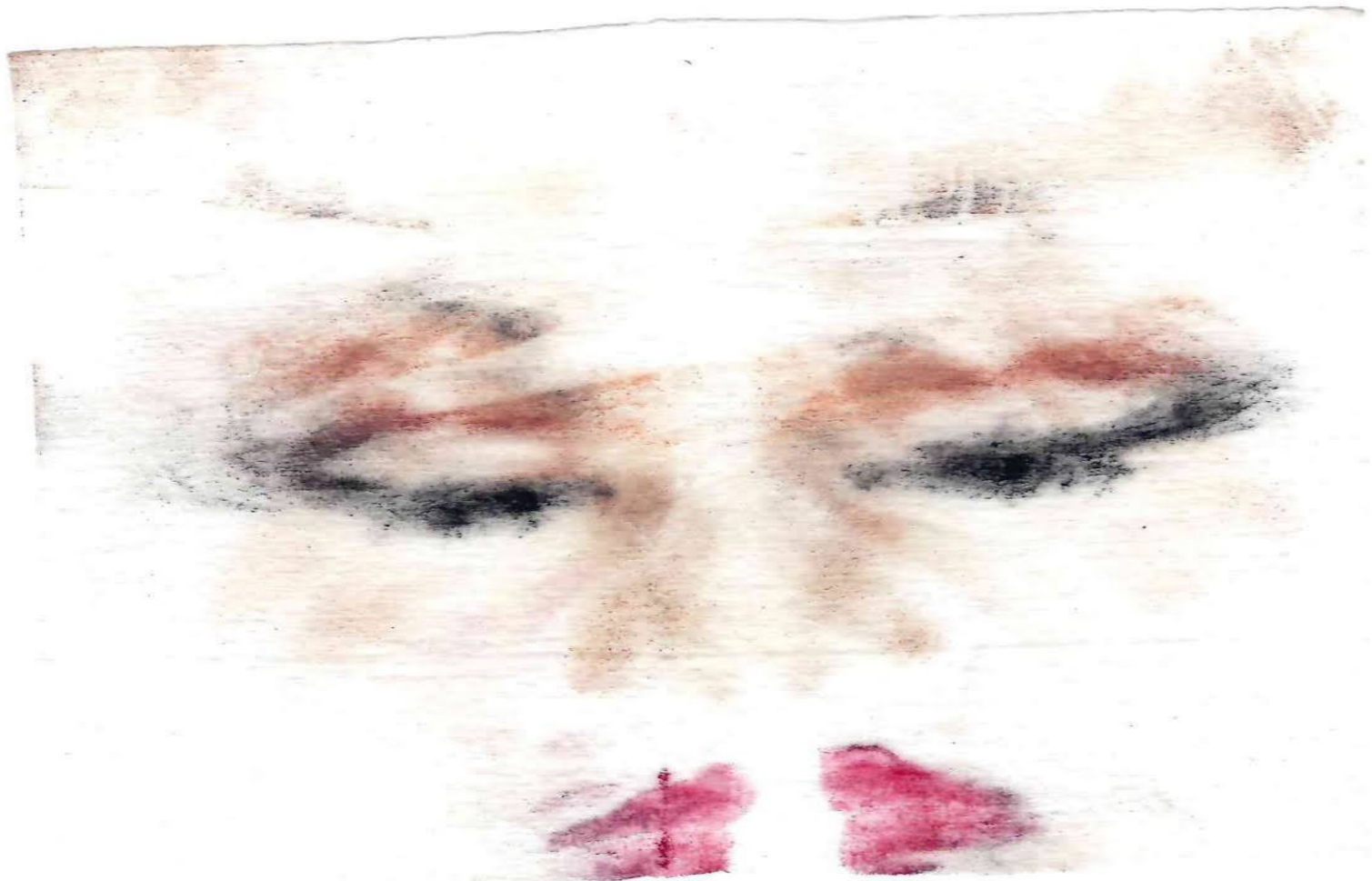












Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

Juntei essas últimas etapas do processo justamente porque senti os processos mais próximos. Não houve nenhum outro teste entre eles e senti uma coesão maior em relação a formatos de olho, boca e contorno. As anotações que realizei não alteraram de maneira muito significativa e nem possuíam um tom reflexivo, se concentrava mais no que eu precisava melhorar. Não me coloquei nenhuma regra, apenas fui realizando a maquiagem da maneira que achei que devia, para fluir de maneira natural. Caso haja vontade de partir para uma estética mais monstra, não haveria empecilho porque seria a maneira que Gisele havia escolhido aparecer. Porém, ela gosta muito de ser bela e padrão, pelo menos por enquanto.

#### 4.3 SETTING THE MOOD, GISELE

Para finalizar esse projeto, optei pela criação de um *moodboard*, técnica de colagem de referências visuais para um projeto, no caso, Gisele. Pensei em finalizar esse projeto com essa criação porque entendo que o processo de montagem completo é extenso, e seria muito difícil apresentar essas etapas de maneira não superficial. Sendo essa uma tentativa de entender como eu/ela quer(o) ser visto(a), e como isso se relaciona com as minhas referências, desde o formato do corpo até a escolha de um brinco. O *moodboard* é justamente uma maneira de resumir tudo isso de maneira visual.

Analisando os trabalhos que eu gostaria que Gisele Bitchin assinasse,

apresentados no Capítulo 1 (Figura 10), eu notei uma forte ligação com a ideia da festa e da noite. A drag por si é uma figura da noite, como apresenta Noah Pulva em entrevista para Erika Palomino: "A noite sempre foi esse lugar dos corpos marginalizados, onde é mais provável sobreviver e não ser visto. Tudo o que indica perigo de dia, a noite acaba acolhendo" (Pulva apud Palomino, 2024, p. 269).

Sendo assim, comecei a analisar as festas que eu gosto de ir, as artistas que tocavam, as músicas e as visualidades desse material. Em decorrência desse movimento, comecei a trabalhar com técnicas de transferência, estêncil, *gummy print* e sobreposições usando transparência. Tendo como matriz ensaios fotográficos e capturas de tela de clipes de artistas pop eletrônicos, como Charli xcx, Kylie Minogue e Caroline Polachek, resultando na figura 31:



## 5 REMEMBER WHERE YOU ARE<sup>25</sup>:

### Chegamos até aqui.

A conclusão foi elaborada de maneira conjunta com Gisele, sendo que o processo de elaboração da drag não chega a um fim definitivo, como exposto por Velour (2023), o que foi apresentado visualmente nas fotoperformances ainda não a apresenta com propriedade. Gisele vai seguir sendo construída ao longo dos anos esteticamente, mas já tem uma voz e uma personalidade estabelecidas por ela, sendo assim, a convido a finalizar o trabalho. Para tanto, sinalizei suas contribuições em azul e as partes em rosa, são elaboradas por mim, essa linguagem também foi utilizada ao longo do trabalho nas poucas partes em que ela apareceu de alguma forma.

Chegou o momento de finalizar esse trabalho, que já tá bem extenso, então, para isso, serei muito breve. Eu e Lucas dividimos o mesmo CPF, portanto carrego comigo todas as experiências e leituras realizadas por ele. Minha voz sempre rondou o trabalho, nos títulos das seções, por exemplo, mas chegou a hora de um capítulo (seção) só para mim (ops, não deu para ser exclusivo).

Como foi falado antes, a cada nova montagem a drag se metaincorpora de uma forma diferente, quase uma evolução *Pokémon* (1995 - atualidade), então, finalizar algo aqui é quase demarcar o final da primeira temporada de uma série. Por enquanto, tudo que foi falado faz sentido para mim também, tanto em relação à produção quanto às minhas referências ancoradas na cultura pop e na festa, eu amo festa! E o Lucas também (mas ele não fala muito sobre porque é um bom menino). Mas vou descrever como estou agora, tenho cabelos loiros,

---

<sup>25</sup> Referência a canção interpretada por Jessie Ware (2020).

uso uma sombra azul, lábios vermelhos com um leve borrão na parte de baixo, em parte porque não consigo fazer certinho, em outra porque a incapacidade gerou um efeito que combina com a estética, com um vestido preto bem coladinho, um corset bem apertado (tá quase difícil de respirar), um salto alto que é o único que eu tenho (por enquanto) e meia calça preta também. Apesar de estar de preto, minha cor favorita é azul e eu adoro brilho e coisas prata.

Todo esse processo de leitura, experimentação e escrita foi realizado em um período muito curto de tempo, então não sofri grandes mudanças em relação ao que foi apresentado até aqui. Portanto, para tornar essa uma conclusão um pouco mais satisfatória para você que me lê, vou fazer um movimento clássico das semifinais de *RuPaul's Drag Race* (2009 - atualidade). Para quem não assiste é o momento em que a apresentadora pega uma foto da drag criança e fala: Lua de Crystal, o que vocêalaria pro seu mini gay?

Ao invés de falar com o mini gay, vou falar com o gay que se encontra aqui junto comigo. A gente acabou de passar pela experiência mais performática possível que foi a construção desse trabalho de conclusão de curso, não por conta da fotoperformance em que a gente estava ainda menos fabulosa que a montagem do Andy Warhol, mas do texto em si. A universidade te obriga a parar por meses em leituras e releituras, para buscar validar suas opiniões ancoradas nas opiniões de outras pessoas já validadas, quase em um esquema de pirâmide, até mesmo para sua experiência você tem que achar um método para validá-la como conhecimento, ainda que estejamos em uma área super subjetiva que é a

arte. Depois disso ainda colocamos tudo, ou quase tudo, em normas para deixar bem padrão, porque a universidade precisa que seja assim, para disseminação do conhecimento e para tornar tudo mais acessível, ainda em um meio com muitas liberdades como o das artes. O que eu sei que você gosta de fazer, pesquisar é legal (não vou defender muito porque não combina muito comigo), mas queríamos ter mais tempo para realizar esse trabalho de maneira ainda mais detalhada, e claro que o trabalho na escola também não ajudou. Se bem que com pouco tempo já deu tudo isso de página, imagina com mais?

Mas a gente tentou (e conseguiu) se divertir e não ser tão perfeccionista, nos colocando à experiência, mesmo eu ficando muito feia em boa parte dos testes. Ser o alvo da pesquisa foi tipo sentar em um divã que também é mesa de cirurgia plástica, renovando minha cara a cada sessão. Mas foi uma das melhores e mais prazerosas coisas que a gente fez na faculdade. É da drag fazer tudo ser sobre ela!

E a fotoperformance não foi diferente, 396 imagens, fora as do *moodboard*, completamente focadas no meu processo, e sei que várias fotos são similares e poderiam estar fora, mas a presença dela destaca as repetições durante esses 15 dias. A repetição para drag é um processo importantíssimo, porque ela nunca é exatamente igual em todos os momentos, especialmente na maquiagem, ela sempre vem melhorada ou alterada, ela faz parte do processo de aprendizagem, quanto mais se faz, melhor é, o que se aplica de certa forma à arte também, tudo é prática, técnica e repetição. Sendo assim, fazia sentido para mim enquanto

autora, mostrar esses momentos similares em uma mesma produção. Não vou falar que eu nasci aqui porque acho que sempre estive de outras formas, vai me dizer que esculpir parte do vestido icônico da Marilyn Monroe em *Os Homens Preferem as Loiras* (1953) não é um pouco da minha estética? (Faz sentido realmente). Mas me materializei, deixei de ser só ideia e passei pro corpo físico, me metaincorporei.

A presença da música também foi muito importante ao longo desse processo, não é à toa que para o título dos capítulos (seções) usei títulos de música, ela ajuda a ambientar e na metaincorporeações, ela é quase o ritual de passagem durante o processo de maquiagem. Não é à toa que o *moodboard* é inteiro composto de imagens de *photoshoots* de discos, clipes e outros meios. Tudo se relaciona com a formação dessa coisa (em um sentido de incógnita) que é a drag, Sendo uma figura da noite, a música é parte relevante para essa constituição e pra constituição dos meus trabalhos.

Ao contrário da Rose Sélavy, eu não sou um alter ego feminino, eu sou um alter ego drag, e isso faz muita diferença no tom da minha produção. Ser uma drag me permite ter a mesma vivência e as mesmas experiências mencionadas antes, mas com outro nome e belíssima. Você, Lucas, já falou antes que a drag no seu estilo mais basiquinha, igual eu, é essencialmente transgressora, como Judith Butler (2017) fala no livro dela por tensionar a performatividade, mas tem mais coisas... a drag também é o exemplo que se divertir pode ser político também, não só pelas pautas de gênero e sexualidade, mas também por entreter. Isso eu

fiz em todos os meus trabalhos, divertir, tornar as coisas cotidianas diferentinhas, juntar coisas opostas, tudo isso faz parte do meu trabalho, é isso que eu gosto de fazer. É literalmente igual uma divulgação de festa da Zig<sup>26</sup>, se o tema é Kylie Minogue, você chega e tá tocando Kylie Minogue.

Fazer algo aparentemente literal e bobo também é político, porque, afinal, quem definiu o que é literal e bobo? Será que não causa tanto estranhamento ver algo extremamente literal em uma era que valoriza o abstrato? Será que o abstrato não é tão literal e bobo quanto o literal e o bobo?

Essas questões ficam para outro momento e para outra pesquisa. Vou finalizar esse texto com uma citação muito importante para me estabelecer porque você não está me vendo só me imaginando. Vou manter o suspense da montagem que só vai existir pessoalmente, e não no texto, porque como falei tudo sempre muda a cada montagem e não colocar um ponto final é muito importante para a minha construção. Sendo assim, convido quem me lê a colocar um fone de ouvido, e colocar uma das músicas que eu uso para me montar, Luxo Pesado da Fernanda Abreu (1990)<sup>27</sup>, para dar um gostinho do resultado dessa produção.

---

<sup>26</sup>Uma das baladas LGBTQIAPN+ mais populares de São Paulo no momento de escrita deste trabalho.

<sup>27</sup>Link de acesso *Apple Music*: <https://music.apple.com/br/album/luxo=-pesado1532911142/?i=1532911327&ls>. Mas está disponível em outras plataformas como *YouTube* e *Spotify*, use a que preferir.

*Do you like my hair?  
Do you like my hips?  
Do you like my breasts?  
Do you like my eyes?  
Let my lips touch you...<sup>28</sup>*  
(Luxo Pesado - Fernanda Abreu)

---

<sup>28</sup>.Você gosta do meu cabelo?/ Você gosta dos meus quadris?/ Você gosta dos meus seios?/ Você gosta dos meus olhos?/ Deixe meus lábios tocarem você...(tradução do autor).

## REFERÊNCIAS

ABEL, Tanner; NEEDHAM, Nicholas J. [Sem Título]. 2023. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmNPO8huZJm/>. Acesso em: 20 out. 2025.

ABEL, Tanner. [Sem Título]. 2018. 1 fotografia. Disponível em: [https://www.facebook.com/photo/?fbid=2075590709367642&set=bonjour%EF%B8%8F-sorry-to-keep-you-waiting-entrance-look-from-rupaulsdragrace-season10-e&\\_rdc=1&\\_rdr#](https://www.facebook.com/photo/?fbid=2075590709367642&set=bonjour%EF%B8%8F-sorry-to-keep-you-waiting-entrance-look-from-rupaulsdragrace-season10-e&_rdc=1&_rdr#). Acesso em: 20 out. 2025.

A Espada Era a Lei. Direção: Wolfgang Reitherman. Estados Unidos: Walt Disney Studios, 1963. 1 DVD (79 minutos).

AI! Que saudades de Amélia. Intérprete: Ataulfo Alves. Compositores: Ataulfo Alves; Mario Lago. [S.l.]: Entertain Me Europe, 2014. *Apple Music*: 2: 52. Disponível em: <https://music.apple.com/br/song/ai-que-saudade-de-amelia/889322808>. Acesso em: 13 jun. 2025.

ALVES, Raoni. Manto Tupinambá: entenda como o item repatriado era usado em rituais antropofágicos e por lideranças indígenas no Brasil. **G1**, Rio de Janeiro, 13 jul. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/07/13/manto-tupinamba-entenda-como-o-item-repatriado-era-usado-em-rituais-antropofagicos-e-por-liderancas-indigenas-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 05 out. 2025.

AMANAJÁS, Igor. DRAG QUEEN: UM PERCURSO HISTÓRICO PELA ARTE DOS ATORES TRANSFORMISTAS. **Revista Belas Artes**, [S. l.], v. 16, n. 3, dez 2023. Disponível em: <https://revistas.belasartes.br/revistabelasartes/article/view/306>. Acesso em: 25 fev. 2025.

AMERICAN Horror Story [Seriado]. Produção: Ryan Murphy; Brad Falchuk. Estados Unidos: FX, 2011. 12 temporadas.

ANDERSEN, Hans Christian. A Pequena Sereia. *In*: ANDERSEN, Hans Christian. **Contos de Fadas de Andersen Vol. I**. Jandira: Principis, 2020. e-book. p. 89 - 116.

AMOR à Vida. Direção: Wolf Maya; Mauro Mendonça Filho. Produção : TV Globo. Brasil: TV Globo, 2013 - 2013.

A Pequena Sereia. Direção: Ron Clements; John Musker. Estados Unidos: Walt Disney Studios, 1989. 1 DVD (83 minutos).

AZEVEDO, Rita de Cassia Castilho Varlesi de. **PERSONA—UM OBJETO ESTÉTICO NA AMBIÊNCIA**. 2018. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

BARBIE: 10-Movie Classic Princess Collection [Série de filmes]. Direção: [S.I.]. Produção: Mattel Films. Estados Unidos: Universal Pictures Home Entertainment, 2017. 10 DVDS.

BIG Brother Brasil [Seriado]. Direção: Angélica Campos; Mário Marcondes. Produção: TV Globo. Brasil: TV Globo, 2002. 25 temporadas.

BQUEER, Rafa. **Uhura Bqueer- Monstração Realness**. 2024. 1 fotografia. Disponível em: <https://artsoul.com.br/revista/eventos/exposicao-monstracao-de-rafa-bqueer>. Acesso em: 15 out. 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. 25ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

CANTU, Marcelo. **Miss Fame is SuperNatural Blonde**. 2015. 1 fotografia. Disponível em: <https://missfamenyc.bigcartel.com/product/supernatural-blonde-print-5-by-7>. Acesso em: 20 out. 2025.

CARDOSO, Allan Cordeiro; PAZZETO, Debora. Das margens ao centro: Arte drag em expansão. **Art & Sensorium**, Paraná, v.9, n.22, p. 189 - 203, dez de 2022. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/sensorium/article/view/7069>. Acesso em : 25 fev. 2025.

CLUBE das Winx [Seriado]. Criação: Iginio Straffi. Produtores: Joanne Lee; Kay Wilson Stallings. Itália, Estados Unidos: Rainbow S.r.l. (ViacomCBS), 2004 - 2024. 8 temporadas.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfozes**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

COSTA FILHO, Francisco Carlos; SILVA LOPES, Elisabeth. Questões de Gênero e Mais Além: : a interseccionalidade na Arte Drag. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 1 - 25, jul/set de 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/132185>. Acesso em: 25 fev. 2025.

CREPÚSCULO [Filme]. Direção: Catherine Hardwicke. Produção: Mark Morgan; Greg Mooradian; Wyck Godfrey. Estados Unidos: Temple Hill; Maverick/Imprint, 2008. 1 DVD (130 minutos)

DIÁRIOS de Andy Warhol [Seriado Documental]. Direção: André Rossi. Produção: Maya E. Rudolph. Estados Unidos: Netflix, 2022. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81026142>. Acesso em: 15 jun, 2025.

DIVINAS Divas [Documentário]. Direção: Leandra Leal. Rio de Janeiro: Vitrine Filmes, 2016. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80184130>. Acesso em: 15 jun. 2025.

DRAG Race Brasil [Seriado]. Produção: World of Wonder; MTV Entertainment Studios. Brasil: World of Wonder. 2023. 2 temporadas.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. [S.l.]: Editora Tecnoprint S.A., 1984.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrivências**: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26 - 46.

FACESHOPPING. Intérpretes: Cecilie Believe, SOPHIE. Compositores: Caila Thompson-Hannant; SOPHIE. *In*: OIL of Every Pearl's Un-Insides. Intérprete e Composição: SOPHIE. [S.l.]: Transgressive Records, 2018. Apple Music: 3:56. Disponível em: <https://music.apple.com/br/album/facehopping/1395045797?i=1395045811&ls>. Acesso em: 05 mai. 2025.

GAMA, Fabiane; RAIMONDI, Gustavo Antonio; BARROS, Nelson Filice de. Apresentação - Autoetnografias, escritas de si e produções de conhecimentos corporificadas. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 37, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/qrgSZc6BRN-x5684qttKbKvj/?lang=pt>. Acesso em: 05 mai. 2025.

GARRIDO, Luiz. **[Sem Título]**. [19— —?]. 1 fotografia. Disponível em: <https://epoca.globo.com/sociedade/bruno-astuto/noticia/2017/09/o-adeus-rogeria-aos-74-anos.html>. Acesso em: 15 out. 2025.

GOLDIN, Nan. **Nan and Brian in Bed, New York City**. 1983. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/101659>. Acesso em: 6 set. 2025.

HOMEM Com H. Intérprete: Ney Matogrosso. Compositores: Antonio Barros. *In*: NEY Matogrosso. Intérprete: Ney Matogrosso. Composição: Mazzola. [S.l.]: Universal Music Ltda, 1981. *Apple Music*: 2:57. Disponível em: <https://music.apple.com/br/album/homem-com-h/1442234260?i=1442235055&ls>. Acesso em: 5 de maio de 2025.

HOSOE, Eikoh. **[Sem Título]**. [19— —?]. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.damianofina.it/en/kazuo-ohno-and-the-spirit-of-butoh-dance/>. Acesso em: 15 de outubro de 2025.

IN Memoriam Verônika. Luxo Pop Show Feat. 12 fev. 2011. Disponível em: <http://luxopopshowfeat.blogspot.com/2011/02/in-memoriam-veronika.html>. Acesso em: 20 out. 2025.

JAYME, Juliana Gonzaga. **Travestis, Transformistas, Drag-Queens, Transexuais: Personagens e Máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa**, 2001. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2001.

LADIES and Gentlemen: Meet the people who posed for Andy Warhol's portrait series of trans women and drag queens. [S.l.: s.n., 20— — ?]. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artists/andy-warhol-2121/ladies-and-gentlemen>. Acesso em: 18 nov. 2025.

LIKE A Prayer. Intérprete: Madonna. Compositores: Madonna; Patrick Leonard. *In*: LIKE A Prayer. Intérprete: Madonna. Composição: Madonna; Patrick Leonard; Stephen Bray; Prince. [S.l.]: Sire Records Company, 1989. *Apple Music*: 5:40. Disponível em: <https://music.apple.com/br/album/like-a-prayer83448003/?i=83445997&ls>. Acesso em: 5 de maio de 2025.

LOURO, Guacira Lopes. Viajantes pós-modernos. *In*: **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3. ed. [S. l.]: Autêntica, 2018. p.

LUXO Pesado. Intérprete: Fernanda Abreu. Composição: David Paich; Cheryl Lynn; David Foster; Fernanda Abreu; Fausto Fawcett. *In*: SLA Radical Dance Disco Club. Intérprete: Fernanda Abreu. Compositores: Herbert Viana; Fábio; Fonseca; Fernanda Abreu. Brasil: EMI Records Brasil LTDA, 1990. *Apple Music*: 4: 29. Disponível em: <https://music.apple.com/br/album/luxo-pesado/1532911142?i=1532911327&ls>. Acesso em: 20 out. 2025.

MAGNUSSEN, Eric. **Japanese Butoh by Nymphia Wind**. 2024. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.tumblr.com/nymphia-wind/746114138705641472/nymphia-wind-japanese-butoh-photography-by-eric>. Acesso em: 15 de outubro de 2025.

MANTO Tupinambá. Brasil: [S.n.], [ca. 15 – – ?]. 1 manto feito com penas vermelhas de guará. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/repatriacao-de-manto-tupinamba-reforca-a-importancia-da-preservacao-e-a-valorizacao-da-cultura-indigena-1>. Acesso em: 10 out. 2025.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-teia**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MENDIETA, Ana. **Untitled (Facial Hair Transplants)**. 1972. 7 fotografias coloridas. Disponível em: <https://galerieelong.com/artworks/29813-ana-mendieta-untitled-facial-hair-transplants-1972/>. Acesso em: 5 set. 2025.

MESQUITA, Marina Leitão. Arte e gênero em rede: uma análise de imagens produzidas por drag queens e compartilhadas em ambientes de sociabilidade on-line. **Revista Temática**. Paraíba, v. 15, n. 3, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/44991>. Acesso em: 25 fev. 2025.

MONTEIRO, DaCota. **[Sem Título]**. 2025. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.instagram.com/dacotamonteiro/>. Acesso em: 21 jul. 2025.

OPEN Bar. Direção: Leocádio Rezende. Produção: Leocádio Rezende; Yan Hayashi; Ana Carolina Moraes; Olivia Franco. Brasil: [S.n.], 2015. 1 vídeo (Duração 3 minutos e 5 segundos). Publicado pelo canal Pablllo Vittar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lYuepseCRGY>. Acesso em: 14 de jun. 2025.

OS Homens Preferem as Loiras. Direção: Howard Hawks. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1953. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/browse/entity-eda75d86-7560-461f-9508-8a4a3b9ad590>. Acesso em: 15 de jun. 2024.

PALOMINO, Erika. A Cena LGBT+. In: PALOMINO, Erika. **Babado Forte**: 35 anos de cultura jovem no Brasil. São Paulo: Ubu Editora, 2024. p. 266 - 325.

PARIS is Burning [Documentário]. Direção: Jennie Livibgston. Produção: Jennie Livibgston. Estados Unidos: Miramax Films, 1991 (78 minutos).

PIÑA, Carlos. Tiempo y memoria. Sobre los artificios del relato autobiográfico. **Proposiciones**. [S.l.]. 29, mar. 1999. Disponível em: [https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=https%3A%2F%2Fwww.sitiosur.cl%2Fpublicaciones%2FRevista\\_Proposiciones%2FPROP-29%2F15PI%2B%25C3%25A6A.DOC&wdOrigin=BROWSELINK](https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=https%3A%2F%2Fwww.sitiosur.cl%2Fpublicaciones%2FRevista_Proposiciones%2FPROP-29%2F15PI%2B%25C3%25A6A.DOC&wdOrigin=BROWSELINK). Acesso em: 15 de setembro de 2025.

PINTO, Tania Regina. Madame Satã, uma travesti artista militante. **Primeiros Negros**. 2021. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/madame-sata-uma-travesti-artista-militante/>. Acesso em: 15 out. 2025.

PAWLOCK, Werner. **Leigh Bowery #1975**. 1988. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.pawlok.com/leigh-bowery-453.html>. Acesso em: 15 out. 2025.

POLYAK, Dan. **Love The Skin You Are In by Shea Coulee**. 2020. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.vogue.com/article/she-a-coulee-rupauls-drag-race-all-stars-venus-botticelli>. Acesso em: 15 out. 2025.

PUELLA Magi Madoka Magica [Minissérie]. Produção: Atsuhiko Iwakami; Yoshi-  
nao Doi,; Osamu Hosokawa, Kozue Kaneniwa; Ikuo Katō; Hiroo Maruyama.  
Japão: Shaft, 2011. 12 episódios.

RAY, Man. **Marcel Duchamp como Rose Sélavy**. 1922. 1 fotografia. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/marcel-duchamp-as-rose-s%C3%A9lavy-man-ray/ewERmCsLYcoFdw?hl=pt-br>. Acesso em: 15 out. 2025.

REMEMBER Where You Are. Intérprete: Jessie Ware. Composição: Danny Parke; James Ford; Jessie Ware; Shungudzo. *In: WHAT'S Your Pleasure?*. Intérprete: Jessie Ware. Produção: Benji B; James Ford; Joseph Mount; Kindness; Morgan Geist; Matthew Tavares; Midland. [S.l.]: PMR/ Virgin EMI Records, 2020. *Apple Music*: 5:34. Disponível em: <https://music.apple.com/us/song/remember-where-you-are/1498945614>. Acesso em: 15 out. 2025.

ROCHA, Camilo. **Bate Estaca: Como DJs, Drag Queens e clubber salvaram a noite de São Paulo**. São Paulo: Veneta, 2024.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas** – “O diabo na rua, no meio do redemoinho”. 22a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RUPAUL's Drag Race [Seriado]. Direção : Nick Murray. Produção de: World Of Wonder. Estados Unidos: World Of Wonder, 2009. 17 Temporadas.

SAILOR Moon [Seriado]. Direção: Jun'ichi Satō. Produção: Iriya Azuma; Kenji Ōta, Japão: Toei Animation, 1992 -2016. 8 temporadas.

SAKURA Card Captor [Seriado]. Direção: Morio Asaka. Produção: Yutaka Maseba. Japão: Madhouse, 1998-2000. 3 temporadas.

SALES, Suelleide Silva Pereira *et al.* O papel do figurino na construção da persona do cantor Ney Matogrosso. Iniciação - **Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística Edição Temática em Comunicação, Arquitetura e Design**. São Paulo. n. 2, v. 7. mar. 2019. Disponível em: [https://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/wp-content/uploads/2019/03/241\\_IC\\_ArtigoRevisado.pdf](https://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/wp-content/uploads/2019/03/241_IC_ArtigoRevisado.pdf). Acesso em; 05 de outubro de 2025.

SANTANA, Alex. **[Sem Título]**. 2025. 1 fotografia. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/DGgvCu2vJsY/?img\\_index=2](https://www.instagram.com/p/DGgvCu2vJsY/?img_index=2). Acesso em: 20 out. 2025.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. “Tupiniqueens”: a invenção drag na cultura brasileira. **História Agora**. São Paulo, n. 26, v. 1, p. 186-203, 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/6545508/\\_Tupiniqueens\\_a\\_inven%C3%A7%C3%A3o\\_drag\\_na\\_cultura\\_brasileira](https://www.academia.edu/6545508/_Tupiniqueens_a_inven%C3%A7%C3%A3o_drag_na_cultura_brasileira). Acesso em: 25 fev. 2025.

SCHECHNER, Richard. RITUAL (Ritual - do Introduction to Performance Studies). *In*: LIGÉRIO, Zeca (org.). **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012. p. 49 - 90.

SCHÖNBORN, Christoph. **Youcat**: Catecismo jovem da igreja católica. Lisboa: Paulus, 2011.

SCHWARTZ, Madalena. Paulo Bacellar (Paulette) e Carlinhos. *In*: SCHAWARTZ, Jorge (org.). **Crisálidas**: Madalena Schwatz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

[SEM Título (Madame Satã desfilando no carnaval)]. [19– —?]. 1 fotografia. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/madame-sata-uma-travesti-artista-militante/>. Acesso em: 15 out. 2025.

SIMONE, John. **RuPaul at La Palace de Beauté**. 1989. 1 fotografia. Disponível em: [https://johnsimonephotography.com/images43/\\_johnSimonePhoto\\_newYorkNightlife\\_file\\_RuPaul\\_002.jpg](https://johnsimonephotography.com/images43/_johnSimonePhoto_newYorkNightlife_file_RuPaul_002.jpg). Acesso em: 15 out. 2025.

SINGLE Ladies. Direção: Jake Nava. Produção: John Winter. Estados Unidos: Sony Music, 2008. 1 vídeo (Duração: 3 minutos e 21 segundos). Publicado pelo canal Beyoncé. Disponível em: <https://youtu.be/4m1EFMoRFvY?si=vf1KZAbmffc-MIAWi>. . Acesso em: 14 jun. 2025.

SODOMA, Úyra; SANKOFA, Keila. **Série Elementar “Lama”**. 2017. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/uyra/>. Acesso: 6 de set. 2025.

SO Emotional. Intérprete: Whitney Houston. Composição: Billy Steinberg; Narada Michael Walden; Tom Kelly. *In*: WHITNEY. Intérprete: Whitney Houston. Produção: Clive Davis; Jellybean Benitez; Kashif Michael Masser; Narada Michael Walden. [S.l.]: Arista Records LLC, 1987. *Apple Music*: 4:37. Disponível em: <https://music.apple.com/br/song/so-emotional/840431939>. Acesso em: 25 jul. 2025.

SUPERMODEL (You Better Work). Intérprete: RuPaul. Composição: Rupaul Andre Charles; L. Thom; Jimmy Harry. *In*: SUPERMODEL Of The World. Intérprete: RuPaul. Compositores: Rupaul Andre Charles; Karen Bernod; Eric Kupper; Jimmy Harry; Randy Barbato; Fenton Balley. [S.l.]: Tommy Boy Music, LLC, 1993. *Apple Music*: 3:59. Disponível em: <https://music.apple.com/br/album/supermodel-you-better-work/1604622845?i=1604623206&ls>. Acesso em: 15 set. 2025.

TELEPHONE. Direção: Jonas Åkerlund. Produção: Sheli Jury; Nicole Ehrlich; Vincent Herbert; Troy Carter. Estados Unidos: House of Gaga, Serial Pictures, Streamline Records, R,A.F. The Chimney Pot, 2010. 1 vídeo (Duração: 9 minutos e 31 segundos). Publicado pelo canal Lady Gaga. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EVBSypHzF3U>. Acesso em: 14 jun. 2025.

THAT Don't Impress Me Much. Direção: Paul Boyd. Produção: Robert John "Mutt" Lange. Estados Unidos: Masterfonics, 1998. 1 vídeo (Duração: 3 minutos e 44 segundos). Publicado pelo canal Shania Twain. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mqFLXayD6e8>. Acesso em: 14 jun, 2025.

THE Boulet Brothers' Dragula [Seriado]. Direção: Nathan Noyes. Produção: The Boulet Brothers; Brad Danks; Philip Webb; Anthony Jiwa. Estados Unidos: Shudder. 2016. 6 temporadas.

THE Queen [Documentário]. Direção: Frank Simon. Produção: Si Litvinoff; Don Herbert. Estados Unidos: Grove Press. 1968. (68 minutos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h-k19RnpqZA&t=2s>. Acesso em 5 de jun. 2025.

TNT Drag [Webseriado]. Direção: DesiRée Beck, Felipe Politano. Produção: DesiRée Beck, Thermas Club 13. [S.l.]: Canal DesiRée Beck, 2020. 2 temporadas. Disponível em: [https://www.youtube.com/playlist?list=PLSd4D3\\_OeXoPTWvH-0vCEhUAsHGtd8UtFm](https://www.youtube.com/playlist?list=PLSd4D3_OeXoPTWvH-0vCEhUAsHGtd8UtFm). Acesso em: 01 ago. 2025.

TODO dia [por] Pablllo Vittar e Rico Dalasam. [S.l.: s.n], 2018. 1 vídeo (Duração 2 minutos e 13 segundos). Publicado pelo canal Músicas Players. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bv006chk154>. Acesso em: 30 out. 2024.

TRÊS Espiãs Demais [Seriado]. Criação: Vincent Chalvon-Demersay; David Michel. Produção: Stephane Berry; Vincent Chalvon-Demersay; Michelle Lamoreaux; Robert Lamoreaux; Sylvain Viau. França, Canadá: Marathon Media Group; Image Entertainment; The Walt Disney Company France, 2002 - 2024. 7 temporadas.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** São Paulo: Objetiva, 2018. *e-book*.

VARELLA, Paulo. Não foi Duchamp quem criou o “ready made”. **Arte Ref.** 2020. Disponível em: <https://arteref.com/arte/curiosidades/nao-foi-duchamp-quem-criou-o-ready-made/>. Acesso em: 15 out. 2025.

VELOUR, Sasha. **The Big Reveal: An Illustrated Manifesto of Drag.** Nova Iorque: HarperCollins Publishers, 2023.

VENCATO, Anna Paula. **Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina.** 2002. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Santa Catarina, 2002.

WALK on The Wild Side. Intérprete: Lou Reed. Composição: Lou Reed. *In:* TRANSFORMER. Intérprete: Lou Reed. Composição: Lou Reed; David Bowie; Mick Ronson [S.l.]: RCA Records, a division of Sony Music Entertainment, 1972. *Apple Music:* 4:15. Disponível em: <https://music.apple.com/br/album/walk-on-the-wild-side/976826793?i=976827230&ls>. Acesso em: 3 out. 2025.

WARHOL, Andy. **Auto-retrato em Drag.** 1981. 1 polaroid. Disponível em: <https://www.guggenheim.org/artwork/15490>. Acesso em: 15 out. 2025.

XUXA Só Para Baixinhos [Série de Filmes]. Direção: [S.i.]. Produção: Zé Henrique, Mônica Muniz; Luiz Claudio Moreira. Brasil: Xuxa Produções; Som Livre; Sony Music; Sony BMG Music Entertainment, 2000-2025. 14 DVDS (ca. 51 minutos por DVD).